CONTOS, FÁBULAS FACÉCIAS E EXEMPLOS DA TRADIÇÃO POPULAR PORTUGUESA

Recolhidos e narrados por Ana de Castro Osório

Edição de

Ana Silva
Mafalda Soares
Sara Figueira

Coordenação de Ângela Correia

BIBLIOTRÓNICA PORTUGUESA

Lisboa
Junho de 2008

Índice

II VOLUME

A Coruja Fiadora e outras Fábulas

III VOLUME

O Grande Artista Condenado à Morte e outros Contos e Facécias

Nota editorial

Introdução

Ana de Castro Osório (1872-1935) envolveu-se desde cedo na luta pelos direitos da mulher portuguesa e a sua obra oscila entre os artigos feministas («Às Mulheres Portuguesas», 1905) e a literatura infantil, passando pelo teatro e pelo romance.

"Pioneira da literatura infantil portuguesa"[*], para além de livros de carácter didáctico, recriou numerosíssimos contos e narrativas da nossa tradição popular oral, que acreditamos ser do maior interesse recuperar e divulgar em suporte digital, chegando assim a um público mais alargado.

---

[*] BARCELLOS, José Carlos, "Osório (Ana de Castro)" in *Biblos, Enciclopédia VERBO das Literaturas de Língua Portuguesa,* vol. III, Lisboa, Verbo, 1999, pp. 1307-1308

A edição da Sociedade de Expansão Cultural

A presente edição foi preparada a partir de um exemplar da edição não datada, feita sob a chancela da Sociedade de Expansão Cultural. Esta ocupa quatro volumes cartonados (233 mm por 187 mm e lombadas que oscilam entre os 11 e os 15 mm) e constituídos por cadernos cosidos. Todos os volumes apresentam vários desenhos da autoria de Álvaro Duarte de Almeida. O da capa, onde se reconhecem figuras e espaços das histórias narradas (um galo, uma raposa, um sapo, uma pérola na concha, quatro figuras humanas etc.), repete-se nos quatro volumes, sendo o único lugar onde os desenhos são coloridos. No primeiro volume, o desenho é castanho; no segundo, é vermelho; no terceiro, é verde e, no quarto, é azul. O título e indicação do autor fizeram-se, no primeiro e no quarto volumes, a vermelho; no segundo e no terceiro, a preto. Os restantes desenhos,

que ilustram abundantemente todos os volumes, podem dividir-se em dois grupos, de acordo com o tamanho e a localização: o dos que se encontram junto ao título de cada conto e ocupam cerca de um terço da página; e o dos desenhos de página inteira, cuja inserção é irregular. Estas características físicas apontam para uma edição não luxuosa, mas cuidada.

Além do título comum (*Contos, Fábulas e Exemplos da Tradição Popular Portuguesa*), cada volume tem um título próprio, inscrito apenas na folha de rosto de cada um: “O Falso Testemunho da Lua e outros Contos e Exemplos” (volume I), “A Coruja Fiadora e outras Fábulas” (volume II), “O Grande Artista Condenado à Morte e outros Contos e Facécias” (volume III), “O Rei, o Ministro e o Carvoeiro e outra novela e seis contos exemplares” (volume IV).

O primeiro dos quatro volumes começa com um texto (sem título), assinado pela Sociedade de Expansão Cultural, onde se

explica o processo de constituição da colectânea. Aí se informa que a recolha dos contos, fábulas, facécias e exemplos da tradição popular portuguesa foi feita ao mesmo tempo em que Ana de Castro Osório procedia à recolha das histórias maravilhosas antes reunidas em grande volume. Tal como aconteceu com estas, também a maioria das narrativas reunidas nos quatro volumes, agora reeditados, foi primeiro publicada em fascículos e nos pequenos volumes da colecção Para as Crianças, fundada em 1897 por Ana de Castro Osório e por ela mantida até quase ao falecimento da escritora, em 1935. Ana de Castro Osório procedeu, em ambos os casos, a uma “recriação literária” do acervo recolhido, razão pela qual em todas as capas se acrescenta ao título: “Recolhidos e Narrados por Ana de Castro Osório”.

O agrupamento das narrativas em quatro grupos é também da autoria de Ana de Castro Osório, que igualmente lhes

atribuiu os títulos de volume acima referidos. O original assim organizado pela escritora foi entregue à Sociedade de Expansão Cultural pelos filhos, João de Castro Osório e José Osório de Oliveira, depois do falecimento da mãe em 1935. Este original resultou de uma revisão feita pela autora, que, relativamente às versões anteriormente publicadas na colecção Para as Crianças, introduziu alterações por vezes profundas, segundo declara o autor do texto introdutório. Para melhor o apurarmos, procedemos a uma comparação breve entre os textos da colectânea publicada pela Sociedade de Expansão Cultural e as versões correspondentes, publicadas na colecção Para as Crianças.

Verificámos que, além de discrepâncias ortográficas e de alguns títulos variantes (tal como «Esperteza d'uma velha», título que, na presente colectânea, é substituído por «A velha e o ladrão»), na maior parte dos casos, não ocorrem outras alterações dignas de nota. Não deixámos todavia de

confirmar o que no referido texto introdutório se diz: algumas narrativas foram significativamente acrescentadas. É o caso do conto «Fazer mau preço à fruta», que no volume da colecção Para as Crianças, onde foi publicado em 1900, se apresenta muito mais reduzido.

O exemplar utilizado para a presente edição foi por nós adquirido em alfarrabista e apresenta uma assinatura manuscrita na folha de rosto de cada volume (volumes I e II) ou na folha seguinte (volumes III e IV). No primeiro e segundo volumes, onde parece ter sido usada a mesma caneta de tinta permanente, acrescenta-se uma data. No terceiro e quarto volumes, figura apenas a mesma assinatura, escrita com esferográfica. Eis, pois, a transcrição do que se encontra manuscrito em cada folha de rosto: "Ana Maria Castro Osorio / Outubro 1962" (vol. I); "Ana MariaCastro Osorio / Novembro 1962" (vol. II), "Ana Maria Castro Osorio" (vol. III), "AnaMariaCastro Osorio"

(vol. IV). É provável que a pessoa que assim marcou a propriedade do livro fosse Ana Maria de Castro Osório, filha de João Osório de Castro e, portanto, neta da escritora. As datas, juntamente com o dado da relação familiar próxima entre a escritora e a proprietária permitem-nos confirmar um dado que a Sociedade de Expansão Cultural não imprimiu em nenhum dos volumes: a data de publicação, que não deverá preceder de muito o Outono de 1962.

Na Biblioteca Nacional, existe um exemplar da obra em quatro volumes agora reeditada com as cotas: P. 3087 V. (volume I), P. 3088 V. (volume II), P. 3089 V. (volume III) e P. 3090 V. (volume IV). Neste exemplar não se encontra nenhuma nota de propriedade nem nenhum outra anotação manuscrita.

Edições recentes

Actualmente, as obras de literatura infantil de Ana de Castro Osório continuam a ser publicadas em pequenos conjuntos reunidos em livros de papel. É o caso da edição comemorativa do centenário da publicação da colecção Para as Crianças, *Contos Tradicionais Portugueses Para as Crianças* (1997), organizada pelo professor Fernando Vale, responsável pela "escolha e ordenação destas graciosas narrativas"(*), ou a antologia *Contos Tradicionais Portugueses*, da Colares Editora, de 2007. Nesta, recolheram-se 13 dos 67 contos incluídos na presente edição. Embora não seja dada informação sobre a fonte desta recolha, é provável que ela seja a colecção Para as Crianças, pois verificámos algumas

---

(*)OSÓRIO, Ana de Castro, *Contos Tradicionais Portugueses Para as Crianças* (Selecção e Prefácio de Fernando Vale), Lisboa, Instituto Piaget, 1997, p.10.

coincidências que, aproximando as duas versões (a da colecção e a da Colares Editora), afastam ambas da colectânea aqui editada e que, recordamos, parece corresponder à última vontade da autora. É o caso de *O conto da cabacinha*, cuja versão apresentada na colectânea da Sociedade de Expansão Cultural é muito mais desenvolvida do que nas outras duas versões.

Processo de reedição

O ponto de partida para a presente edição foi a transcrição de todo o texto, que optámos por fazer sem recurso à tecnologia de reconhecimento de caracteres. Foram depois efectuadas duas revisões por pessoas diferentes. O trabalho de paginação foi orientado pelo objectivo de aproximarmos o mais possível a presente edição do aspecto gráfico da edição em suporte de papel.

Juntámos os quatro volumes num só ficheiro e elaborámos um índice, cujas hiperligações visam facilitar a consulta avulsa dos volumes e dos contos. O regresso ao índice pode fazer-se recorrendo à hiperligação introduzida no título do conto ou à hiperligação introduzida na última palavra do conto.

Excluímos o texto introdutório assinado pela Sociedade de Expansão Cultural, por não estar este, ainda, em domínio público. Esta mesma razão levou-nos a omitir as ilustrações de Álvaro Duarte de Almeida.

Normas de transcrição

· Não mantivemos a mancha gráfica dos volumes em papel, nem a numeração das páginas da edição em papel.

· Mantivemos, no final da transcrição de cada volume, o índice que se encontra na edição em papel. Fizemo-lo por nos parecer que continha informação eventualmente

útil sobre o espaço ocupado na edição da Sociedade de Expansão Cultural.

· Começámos a transcrição de cada conto numa nova página, à semelhança do que sucede no original.

. Excluímos, à excepção do primeiro volume, as folhas que indicam o nome do ilustrador e as que seguem a de rosto.

· Adoptámos o formato A5 para as páginas.

. Recorremos a um tipo de letra que nos pareceu aproximar-se do tipo de letra da edição em papel: *Bookman Old Style*.

. Mantivemos o tamanho relativo de letra - quer no que respeita ao corpo do texto, quer no que concerne os títulos.

. Escolhemos o espaçamento entre linhas de 19 pts.

. Conservámos o itálico que distingue os títulos dos contos na edição em papel.

. Aumentámos a letra inicial relativamente ao corpo do texto, tal como acontece na edição em papel; mas, não tendo sido possível colocá-la abaixo da

linha, deixámo-la sobre a linha em que se insere.

. Reproduzimos os títulos correntes da edição em papel: D. Ana de Castro Osório, nas páginas pares; e título do conto, nas páginas ímpares.

· Reproduzimos todos os itálicos e todas as maiúsculas e minúsculas do texto.

· Reproduzimos a oscilação, que se observa de conto para conto na edição em papel, entre a escrita em maiúsculas de toda a primeira palavra da história (cf. "História da machadinha", vol. III) e a escrita da mesma só com inicial maiúscula (cf. "A mãe de S. Pedro", vol. I).

· Optámos por não deixar o espaço entre letra final e subsequentes sinais de pontuação, que por vezes ocorre na edição em papel.

. Quando acontece quebra da palavra no final de uma linha, colocámos apenas um hífen de separação.

· Mantivemos todas as características ortográficas da edição em papel, mesmo

aquelas que entretanto se alteraram (p. e.: «sòzinho»).

· Do mesmo modo, considerámos prudente não regularizar certas oscilações (p. e.: «mágoa» e «mágua»), que poderão ter tido origem no desfasamento temporal entre o momento de preparação, no início do séc. XX, do manuscrito, por Ana de Castro Osório, e o momento da edição póstuma, já na década de sessenta do séc. XX.

· Mantivemos as gralhas (p. e.: «crapéu» em vez de «chapéu»), acrescentando-lhes uma nota de rodapé com uma proposta de correcção.

Referências bibliográficas

Obras da autora consultadas

· OSÓRIO, Ana de Castro, *Contos, Fábulas, Facécias e Exemplos da Tradição Popular Portuguesa recolhidos e narrados por Ana de Castro Osório,* Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, 1962 (BN: P. 3087 V.; P. 3088 V.; P. 3089 V.; P. 3090 V.)

· OSÓRIO, Ana de Castro, *Para as crianças*, Setúbal /Lisboa, Imp. Libanio da Silva, 1897 (BN: L. 9798 P.)

· OSÓRIO, Ana de Castro, *Para as crianças*, Setúbal /Lisboa, Imp. Libanio da Silva, 1901 (BN: L. 10713 P.)

· OSÓRIO, Ana de Castro, *Para as crianças: contos*, Setúbal, [s.n.], 1899 (BN: L. 10711//1 P.)

· OSÓRIO, Ana de Castro, *Para as creanças*, Setúbal, [s.n.], 1904 (BN: L. L. 10711//2 P.)

· OSÓRIO, Ana de Castro, *Para as creanças*, Setúbal, [s.n.], 1900 (cota BN: L. L. 10712//2 P.)

· OSÓRIO, Ana de Castro, *Contos Tradicionais Portugueses*, Sintra, Colares Editora, 2007

· OSÓRIO, Ana de Castro, *Contos Tradicionais Portugueses Para as Crianças* (Selecção e Prefácio de Fernando Vale), Lisboa, Instituto Piaget, 1997

Informação bio-bibliográfica sobre Ana de Castro Osório

· *Biblos, Enciclopédia VERBO das Literaturas de Língua Portuguesa,* vol. III, Lisboa, Verbo, 1999

· COELHO, Jacinto do Prado (org.), *Dicionário de Literatura,* vol. II, 3.ª edição, Porto Figueirinhas, 1979

· LISBOA, Eugénio (org.) *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses,* vol. III, Europa-América

· ROCHA, Natércia, *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal,* 1.ª edição, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984

DESENHOS DE

ÁLVARO DUARTE DE ALMEIDA

Comp. e impresso na Gráfica Santelmo, Lda – Rua S. Bernardo, 84 - Lisboa

Contos, Fábulas, Facécias e Exemplos da Tradição Popular Portuguesa

I VOLUME

O Falso Testemunho da Lua e outros Contos e Exemplos

O falso testemunho da Lua

NO princípio do Mundo, antes de haver homens, Deus Todo-Poderoso, desejando ver de perto a obra que criara, desceu da Sua cadeira de oiro, no mais alto dos Céus, e veio à Terra, deitar-lhe a bênção.

Lúcifer, que era o mais belo dos Anjos, e também o mais forte e orgulhoso, ao ver sem Deus o trono celestial, encheu-se de soberba, e nele foi sentar-se com toda a majestade, fazendo-se adorar por muitos Anjos que perderam a lembrança do que deviam ao Senhor.

Quando, após o seu passeio pela Terra, e satisfeito com a Sua obra, Deus-Pai regressou às alturas e quis sentar-se no trono de onde tudo criara e governava, encontrou-o ocupado por aquele Anjo mau.

Deus Nosso Senhor não quis logo usar do seu poder. Sem olhar a tão grande falta

de respeito, disse, com bondade:

— Levanta-te, Lúcifer, que esse lugar não te pertence.

— Quem está bem deixa-se estar (respondeu o rebelde).

— Levanta-te, Lúcifer, que esse lugar não te pertence (tornou o Senhor, já com voz de quem ordena)!

— Quem está bem deixa-se estar!

E, voltando-se para o Sol, que parecia admirado com tanta audácia, Lúcifer perguntou-lhe:

— Não é verdade, ó Sol, que quem está bem se deixa estar?

— Não deixa, se o lugar lhe não pertence. E essa cadeira é o Trono do Senhor de todos os Astros! —

Assim respondeu o Sol, confessando o Criador.

Lúcifer voltou-se, então, para o Vento, que parara a ver a contenda entre o Pai do Céu e o Anjo rebelde, e perguntou-lhe:

— Não é verdade, ó Vento, que quem está bem se deixa estar?

— Não deixa, se o lugar lhe não pertence. E esse Trono é só do Senhor das terras e das águas, da calma e das tempestades! —

Assim respondeu o Vento, em nome de toda a Terra.

Mas o Anjo soberbo não quis submeter-se, nem depois de ouvir os testemunhos da verdade. Voltou-se para a Lua, que sorria, e perguntou-lhe:

— Não é verdade, ó Lua, que quem está bem se deixa estar? —

E a Lua respondeu com palavras enganosas:

— Deixa. E fará seu o lugar que não estava ocupado! —

Então Deus Nosso Senhor abriu o coração à Justiça eterna, e fechou-o à Bondade e ao Perdão, e, com todo o Seu poder, fulminou o Anjo Mau. Este foi de

repente arrancado ao Trono Divino, que não lhe pertencia, e lançado fora dos Céus.

Com Lúcifer caíram, durante o espaço de uma lua, os Anjos que lhe obedeceram e se revoltaram contra o Senhor. E todos vieram padecer a merecida pena sobre a Terra e nos Infernos.

E para castigo do falso testemunho da Lua, também Deus a condenou a não ter luz própria e a só viver e brilhar da luz que lhe empresta o Sol.

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

Tejo, Douro e Guadiana

EM tempos que já lá vão há tanto que só Deus o sabe, nasceram três Rios irmãos nas serranias de Espanha.

Logo de começo mostravam ter nascido para gigantes e não se contentarem com pouca terra por onde alargarem os seus senhorios e grandes forças.

Eram e são ainda e sempre serão os seus nomes Tejo, Douro e Guadiana.

Nenhum queria ver-se dos outros ou vencido ou levado. Mas também não queriam separar-se tanto que deixassem de ser irmãos, quer na vida e caminho de lutas e nas terras senhoriadas, quer na sua entrada no Mar de cujas águas eram filhos.

Viam outros rios seguir por caminhos diversos e até opostos, sem tão grandes ambições. E todos três, conversando, troçavam deles, menosprezando os seus

destinos e pouca força.

Mas não sabiam como lutar, entre si, pela maior grandeza desejada, sem perderem de todo a companhia de bons irmãos, nem como dominar terras vastas sem se combaterem ou misturarem.

Por fim resolveram que marchariam para o mesmo grande Mar, conquistando terras por caminhos diferentes. E, para não terem que combater-se, combinaram deitar-se a dormir uma longa noite e partirem logo ao acordar, ficando ao que primeiro acordasse o direito de escolher o caminho do seu poder. E assim ao segundo, logo depois dele, contentando-se o terceiro com o caminho ainda não escolhido.

O primeiro que chegasse ao grande Mar seria vencedor na corrida em que se entregavam à sorte, ou ao juízo de Deus, na luta por seus separados senhorios.

Assim combinaram e assim fizeram.

O Guadiana foi o que primeiro acordou.

Viu os irmãos muito bem ferrados no sono, sorriu-se e pôs-se a caminho com sossego, escolhendo as terras do sul, porque as entreviu menos montanhosas e mais fáceis de romper e senhoriar. E assim foi seguindo e crescendo em poder, mas sempre fugindo quanto pôde a grandes lutas com as montanhas inimigas.

Achou-se poderoso nas baixas que tem hoje o seu nome, e seguiu directamente para o sul, rodeando as terras do Algarve, até chegar ao grande Mar.

O Tejo acordou em seguida e ficou muito arreliado por já não ver o irmão Guadiana. Mas quando notou a direcção mais fácil tomada por ele, marcada já por sua torrente, disse para consigo:

— Chegarás primeiro ao Mar, talvez... Mas eu serei o mais poderoso. Irei mais a direito e para mais longe, rompendo serranias, até que me sinta forte bastante para fazer e senhoriar vastas planícies, e

ser depois quase um Mar.

Escolheu as terras do centro e, seguindo a esteira do Sol, lutou com montanhas, dominou outros rios, criou um vasto senhorio nas planícies e lezírias do ocidente e fez-se um Mar pequeno que, rompendo os derradeiros montes, entro no Mar Maior.

O terceiro rio gigante, que era o Douro, quando acordou e não viu os seus irmãos ficou furioso. E, querendo ser o vencedor na corrida, largou a galopar veloz por montes e vales das terras do norte, sem escolher caminhos; galgou precipícios; despenhou-se em desfiladeiros; rodeou montanhas ou as rompeu, para chegar antes dos outros dois ao grande Mar.

Para castigo da sua preguiça em acordar, não teve senhorio de planícies e terras chãs. Mas em prémio de tanta luta foi também poderoso e rico.

E assim, evitando contendas, que para qualquer deles poderia ter sido a morte, os

três rios, Tejo, Douro e Guadiana, se tornaram gigantes e senhores de terras vastas, ficando bons irmãos e bons amigos em terras de Portugal, que deste Mundo são as derradeiras diante do Mar sem fim.

A guarda infiel

QUANDO Nosso Senhor Jesus Cristo e S. Pedro andavam por este mundo, não tinham terras de lavoura ou pastagem nem cofres com dinheiro. Mas do que ganhavam, com o seu trabalho e saber, ou lhes davam, dividiam ainda com os mais pobres.

Iam de longada, certo dia, através da montanha, e encontraram no caminho quatro bacorinhos muito fortes e sadios, mas grunhindo com fome e ainda atrapalhados no andar. Então o Senhor, que tudo sabia, disse para S. Pedro:

— Toma esses leitões, porque não têm dono. Podes ficar com eles, Pedro, sem prejuízo para ninguém. Dá-os de meias a criar. E com o que nos couber da nossa metade no produto da venda, se fará, depois, algum bem.

S. Pedro pegou nos bacorinhos e, muito

contente só com a ideia das esmolas que viriam a fazer, seguiu o Mestre. Foram andando, subiram e desceram ladeiras, e chegaram por fim a terras povoadas.

Num dos casais que atravessaram, estava uma pobre mulher junto do chiqueiro a deitar comida a um porquinho magro e enfezado, que era toda a sua fartura do ano.

Foi esta mulher que S. Pedro escolheu para guardar os leitões achados, porque, assim, já com eles ajudavam a pobreza.

— Toma conta destes animais (disse o bom S. Pedro para a camponesa). Ficam para criar a meias. E assim queremos ajudar-te na tua necessidade. Daqui por um ano cá estaremos, o meu companheiro e eu, para fazermos as partilhas. —

A mulher ficou muito contente e agradeceu a esmola que lhe caía do céu, e prometeu cuidar o melhor que pudesse dos quatro bacorinhos que ficavam à sua

guarda.

Foi passando o tempo. Os quatro animais cresciam a olhos vistos e eram a admiração de toda a gente da vizinhança e das terras em redor.

A camponesa estava muito satisfeita com a sorte que lhe entrara em casa. Mas, por outro lado, e porque não era verdadeiramente boa e justa, começou a sentir-se desgostosa por ter que partilhar a metade certa do grande lucro que esperava. E a cobiça entrou a combater a fidelidade no seu desagradecido coração.

Passou depressa um ano. Vencida pela cobiça, pensou a mulher aproveitar-se da boa fé de quem nela confiara, e guardar para si, com engano e mentira, a maior parte dos lucros.

Antes de nascer o sol, no dia em que deviam fazer-se as partilhas, foi esconder e fechar dois dos animais, confiados à sua guarda, num curral que estava na extrema do campo e já nas abas do monte. E,

preparando o engano, aguardou muito sossegada.

Quando viu chegar o Senhor e o seu companheiro, foi a mulher enganadora, fazendo-se inocente, buscar ao chiqueiro os dois cevados que lá deixara. E preparava-se para contar a S. Pedro uma história, em que muito matutara, sobre a falta de sorte que tinham tido. Mas o Senhor nem a deixou começar, e perguntou-lhe com voz serena:

— Onde estão os outros dois? —

A mulher ficou abalada ao ouvir aquela voz e a pergunta de tanta certeza, e ainda pensou em voltar atrás no que tinha feito e pedir perdão para o seu erro. Mas pôde mais a maldade que esse clarão de arrependimento, e julgou desculpar-se respondendo:

— Os outros dois morreram. Fiquei só com estes, que, por sorte, ainda nos darão boa paga, pois estão muito crescidos e

gordos. —

O Senhor, que sabia sempre a verdade, e conhecia as fraquezas e a malícia dos corações infiéis, não quis dar àquela pecadora todo o castigo merecido. Quis antes dar-lhe motivo de arrependimento, e aceitou partilhar apenas os dois animais que a mulher apresentou, para assim mesmo a castigar.

E para exemplo de guardas infiéis, falou o Senhor, ao mesmo tempo castigando e perdoando:

— Pois estes dois, que aqui estão,
Só teus e nossos serão.
E os que tens além, fechados,
Por essas serras irão,
E em feras serão tornados.

Ergueu o Senhor a Sua mão direita. Ouviu-se um grande estrondo no curral onde estavam escondidos e presos os dois animais, e, pela porta escancarada, saíram ambos, feitos feras, a correr para o monte.

E, segundo contam os antigos, foi assim que apareceram os primeiros porcos bravos ou javalis.

Onde está a morte

NO tempo em que Nosso Senhor Jesus Cristo andava pelo Mundo, aconteceu ir com S. Pedro por um caminho e depararam com um grande monte de dinheiro em oiro.

As moedas eram novas e tão brilhantes e tão lindas, ao sol, que até o bom do Santo parou a contemplá-las, mas o Mestre tomou-lhe do braço e gritou-lhe, aflito:

— Fujamos depressa, Pedro, que está a Morte aqui. —

O discípulo obedeceu logo. Estugaram o passo e depressa perderam de vista aquele tesouro.

Mais adiante encontraram dois homens que se dirigiam para o mesmo sítio e o Santo, que era muito cuidadoso e serviçal, disse-lhes:

— Ó senhores, por quem são, não sigam por esse caminho, olhem que está aí

adiante a Morte, que os fulminará! —

Como se mostrava verdadeiramente assustado, os homens temeram-se e afastaram-se daquela direcção. Mas andando por outro caminho que ficava perto, e não vendo nada que fosse de amedrontar, disseram um para o outro:

— Naturalmente o homenzinho quis-nos enganar, ou talvez tenha pouco juízo. E se nós fôssemos lá ver onde está a Morte!?

— Pois vamos (respondeu o outro), não se me dá de a ver, de longe... —

Foram-se aproximando, cautelosamente, até que puderam ver o monte de oiro, que brilhava tanto que mais parecia o chamejar duma fogueira. Mas como ainda estavam longe não distinguiram o que assim resplandecia e continuaram a dirigir-se para aquele sítio. A curiosidade ia-os movendo e, apesar do receio, sempre se aproximaram, até conhecerem o que era. Então deram gritos de louca alegria e

agarraram-se ao oiro, como se tivessem encontrado a felicidade na Terra.

— O que te parece (dizia um) aquele maroto não querer que viéssemos por este caminho?!

— É que tinha receio que encontrássemos o tesoiro, que logo, pela calada da noite, certamente viria buscar.

— Deixa estar, se torno a encontrar o espertalhão eu lhe direi o que se ganha em enganar gente honrada como nós!

— E eu que te ajudarei a dar-lhe uma ensinadela! Mas deixa lá isso agora. Já que fomos os primeiros a encontrar esta riqueza, é nossa sem sombra de dúvida, porque nós a ganhámos com a nossa inteligência. Vamos pois a dividi-la, irmãmente.

— Pois vamos. Olha que ficamos os homens mais ricos do Mundo!

— Vá que seja assim. Que sorte tivemos nós, louvado seja Deus! Mas ninguém a

merecia tanto, porque sempre fomos honrados e bons. —

Depois, como havia tempo não comiam nem bebiam à vontade, concertaram em que um deles fosse à cidade mais próxima comprar merenda que satisfizesse, não esquecendo algumas garrafas de bom vinho. Resolveram que ficasse o mais velho a guardar o tesouro, enquanto o mais moço, que tinha boas pernas, iria fazer as compras.

Pôs-se este a caminho, e enquanto andava ia pensando:

Que infelicidade a minha em vir acompanhado por aquele amigo! Se não fosse ter que dividir o meu tesouro, então é que eu ficava o homem mais rico do Mundo!...

E, pensando assim, chegou à povoação onde tinham combinado que se comprasse a merenda. Escolheu do bom e do melhor e não regateou preços nem se fez sumítico.

No entanto, uma diabólica e desonesta ambição entrou-lhe na alma com todo o seu mal. Pega em si, o grande traidor, e comprou também uma data de veneno que deitou na garrafa do vinho melhor.

De volta ao sítio onde o outro guardava o tesouro, pensava:

Agora, sim, agora é que eu vou ser o homem mais rico e mais feliz de quantos cobre a roda do sol!... Mal sabes tu o que te espera!... Meu caro, é ter paciência, um homem não apanha todos os dias a *sorte grande* que eu achei. Até era um crime dividir aquele lindíssimo oiro que tão ditoso me fará!...

E, muito satisfeito, considerando-se já o homem mais venturoso do mundo, ia idealizando as coisas que realizaria no futuro, quando fosse o único proprietário daquela grande fortuna.

Ora o companheiro, que tinha ficado junto do dinheiro, sentira e pensara pouco

mais ou menos a mesma coisa e, movido igualmente pela terrível avareza, dizia consigo:

Quem me manda a mim andar com amigos e companheiros!? Então agora não podia eu estar o homem mais opulento de quantos existem? Sempre sou muito palerma!... Mas todo o mal tem remédio. Só para a morte ainda remédio se não encontrou. Deixa tu estar, meu ambicioso, que eu te direi!...

Chegou o que fora à cidade e, abrindo o cabaz que arranjara com as iguarias, começou a mostrar ao amigo o banquete que lhe trazia. Depois, pretextando ter já comido na cidade, ajoelhou-se diante do oiro, para ir contando e calculando a sua riqueza. O que ficara guardando o tesoiro, quando viu o outro debruçado sobre o dinheiro, foi por detrás e deu-lhe tamanha mocada na cabeça que logo o deixou morto. Depois sentou-se muito tranquilamente ao

pé da sua vítima e começou a comer e a beber, regozijando-se por ser o único senhor daquela riqueza toda. Decididamente ficava o homem mais rico de quantos ricos havia no Mundo!

Mas quando estava nisto, e já tinha chegado ao fundo da garrafa, sentiu uma grande dor e caiu para o lado, morto com o veneno que o outro lhe dera.

E assim ficaram pobres até ao final da sua vida, caídos ali ambos, mortos, ao pé do monte de oiro.

É o que faz a ambição desregrada e má.

Ora S. Pedro ficara, como se costuma dizer, com a pedra no sapato, e repetidamente, ao lembrar-se daquele caso, perguntava a Jesus Cristo:

— Mestre, porque motivo me tiraste de junto do monte de oiro e me disseste que estava ali a Morte?

— Eu te explicarei um dia (respondia-lhe sempre o Senhor, com a sua perfeita e

santa serenidade). —

E assim foi passando o tempo até que aconteceu tornarem a passar no mesmo sítio. Então Nosso Senhor Jesus Cristo chamou a atenção do discípulo para os dois esqueletos que jaziam ali, sobre a imensa fortuna, e disse-lhe:

— Reconheces aqueles homens?

— Senhor, como hei-de reconhecer criaturas humanas naquelas ossadas!?...

— Sabe pois que são os homens que tu preveniste e chamaste ao bom caminho. Desprezaram os teus conselhos. A ambição trouxe-os aqui. E a ambição do oiro os matou miseràvelmente.

Assim sucede a todos os que só amam o dinheiro e por ele esquecem todos os bons sentimentos.

S. Pedro e a ferradura

HÁ muita gente que imagina que só as coisas ricas têm valor e despreza tudo quanto parece de somenos importância.

Ora isto é um erro, porque às vezes as coisas mais insignificantes podem servir de muito.

Foi o que verificou S. Pedro, quando andava no Mundo na companhia do Mestre.

Iam os dois, um dia, por uma estrada fora e encontraram uma ferradura. Disse Nosso Senhor Jesus Cristo ao discípulo:

— Pedro, apanha essa ferradura.

— Ó Senhor, para que a hei-de apanhar, se está velha e ferrugenta? Não serve para nada. —

O Mestre não respondeu, mas deixando o discípulo ir adiante, abaixou-se, sem ele ver, e apanhou a ferradura.

Chegando a uma cidade por onde

tinham de passar para irem para o seu destino, tornou Jesus Cristo a ficar para trás e, sem o imprevidente discípulo dar por isso, foi a um ferrador que lhe deu dez reis pela ferradura. Depois, passando por um sítio onde se vendia fruta, comprou dez reis de cerejas, que guardou sem o companheiro ver.

Atravessaram a cidade sem descansar, porque era urgente o que os chamava a outra, ainda mais longe. Pela estrada fazia um calor de rachar, e o pobre S. Pedro, aflito, não fazia senão suspirar e dizer:

— Se ao menos tivesse qualquer coisa que me refrescasse a boca, não me custava tanto suportar o ardor deste dia de verão! —

O Mestre sorriu-se e, andando alguns passos adiante, deixou cair uma cereja, disfarçadamente.

O discípulo viu-a no chão, e, sem pensar que tinha sido deitada pelo companheiro,

abaixou-se, limpou-a do pó e comeu-a com satisfação.

Assim foram seguindo: o Senhor sempre semeando as cerejas, e o bom do S. Pedro apanhando-as e comendo-as, sem ver de onde vinham, até que, no fim de se acabar a provisão, lhe disse Jesus Cristo:

— Que trabalho tiveste em apanhar as cerejas, Pedro! Melhor farias se tivesses apanhado a ferradura.

— Uma ferradura velha, para que me servia? As cerejas comem-se e a ferradura não presta para nada.

— Pois se não fosse a ferradura não tinhas as cerejas. —

E contando-lhe o que fizera, aconselhou-o a nunca desprezar as coisas pequenas, porque sem elas não se pode ter as grandes.

S. Pedro aproveitou a lição, e daí para diante não tornou a ser imprevidente.

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

À conta de Deus

UM dia o Senhor, cansado já de ouvir as lamentações e queixumes que partiam da Terra e lhe chegavam ao Céu, chamou S. Pedro e disse-lhe:

— Anda daí, Pedro! Vamos ver o que se passa no Mundo, que, a ser verdade o que me chega aos ouvidos, mal andei em me sacrificar pela Humanidade, que não encontra meio de ser feliz nem prefere os caminhos do bem e da justiça.

S. Pedro foi buscar as suas sandálias de viagem e apresentou-se, pronto, diante do Senhor.

Andaram, andaram por montes e vales; percorreram aldeias e cidades, e de tudo quanto se passava, e do que viam, o bom do Santo ia tomando nota, para depois ser estudado no Céu e se dar remédio ao que remédio tivesse.

Até que chegaram a um campo onde viram uma casa bem arranjadinha mas pobríssima, e uma mulher limpa, alegre e desembaraçada, trabalhando sòzinha sem se distrair.

— Que fazes tu, mulher?

— Eu, Senhor, trabalho quanto posso de dia e de noite, porque o meu homem está doente e os meus filhos são pequenos, de modo que não tenho quem me ajude. E graças que tenho forças para trabalhar! —

O Senhor abençoou-a e continuou o seu caminho, na companhia de S. Pedro, que ia anotando quanto se passava.

Ao chegarem a outro campo, distante, viram uma outra mulher muito rota e desmazelada, deitada debaixo duma árvore, junto duma casa em ruínas.

— Olha lá, mulher, tu que fazes?

— Eu, nada, Senhor!

— Então nem trabalhas, nem olhas pela tua casa? Não coses a tua roupa, não lavas,

não cuidas da terra?

— Para quê, meu Senhor? Eu estou à conta de Deus. —

O Senhor abençoou-a também e continuou, com S. Pedro, o seu caminho. Até que, tendo visto quanto ia pela Terra, os Santos viajantes chegaram ao Céu. E começou S. Pedro a pôr em ordem as notas que tinha colhido, para darem os remédios próprios a tantos e tão diferentes males.

Ao chegarem ao caso das mulheres, disse o Senhor:

— Vê bem, Pedro, que não falte nada à boa mulher trabalhadeira, que assim cumpre a lei divina.

— Já o notara, Senhor. E, com a vossa graça, todo o seu trabalho será produtivo, e obterá prosperidade.

— Mas não deves esquecer também a pobre mulher que encontrámos debaixo da árvore. Castigada justamente com a pobreza, por não trabalhar, a deixámos. E

no entanto merece melhorar, porque tem fé verdadeira e se entrega à minha conta.

— Mas, Senhor, que posso fazer por ela, se, embora tendo fé sincera, não quer cumprir as suas obrigações de trabalho na terra?

— Dá-lhe maior luz aos bons sentimentos. A quem se entrega à minha conta, não quero que falte nada. Dá-lhe o prémio de, com a minha graça, adquirir o hábito de trabalhar tanto como a primeira.

A Mãe de S. Pedro

A Mãe de S. Pedro era muito invejosa e muito avarenta. Pode ser que não tivesse outros defeitos, mas estes eram muito feios. E com eles desgostava bastante o Senhor.

Ora, um dia, morreu. E no primeiro julgamento feito às almas foi mandada para o Purgatório.

Com isto ficou muito triste S. Pedro, que era muito bom filho e respeitador, não querendo saber dos defeitos da sua mãe. Como ele está sempre em face do Juiz Supremo, não fazia senão pedir-Lhe que tivesse piedade da sua mãe e a absolvesse de toda a mácula, chamando-a ao gozo eterno da bem-aventurança.

Nosso Senhor respondia-lhe:

— Mas tu, Pedro, sabes que tua mãe não pode entrar no Céu sem se purificar daquele grande defeito da avareza e da

inveja, que torna as criaturas mais semelhantes ao demónio. —

Mas por fim, cansado já de ouvir as súplicas do amado discípulo de Seu Filho, o Padre Eterno chamou-o um dia à sua presença e disse-lhe:

— Toma esta folha de alface, vai com ela ao Purgatório e estende-a para que tua mãe, agarrada a ela, possa subir ao Paraíso. Como as almas sem culpa não têm peso, se estiver curada já dos seus defeitos, agarrada a esse frágil arrimo pode entrar no Céu.

S. Pedro, contentíssimo, agradeceu ao Senhor, e foi de corrida debruçar-se na janela que dá para o Purgatório. E com grande alvoroço chamou a sua mãe.

Quando a alma, tisnada nas chamas do Purgatório, ouviu a voz do seu filho e viu o apoio que lhe dava para se salvar, correu cheia de alegria, abençoando a hora em que ele viera ao mundo com tantos

merecimentos para ser ouvido por Nosso Senhor. Agarrou-se logo com toda a força à folha verde da alface,e começou a subir para o Paraíso.

Quando isto viram, outras almas, igualmente tristes e sofredoras, quiseram aproveitar do seu benefício e ergueram-se para também segurarem aquela nova e fugidia esperança.

A mãe de S. Pedro estava, porém, tão sôfrega da sua salvação, que aos empurrões as deitou abaixo.

Mas... que sucedeu? Com o esforço que fez, a folha de alface rompeu-se, e ela caiu de novo no Purgatório para, durante mais tempo sofrer os trabalhos merecidos por esta falta de caridade para com outras alminhas padecentes.

Eis o motivo porque não foi logo para o Céu a mãe de S. Pedro. Nem as almas invejosas e avarentas e sem caridade têm lá lugar.

O real bem ganho

HAVIA, numa pequena aldeia, um casal de velhos muito pobres.

Enquanto novos trabalhavam e não passavam fome, se bem que a sorte nunca os favorecera muito. Mas a velhice tinha-os enfraquecido, e viviam na mais triste e desolada miséria.

Um dia disse o marido:

— Olha, mulher, eu vou à Igreja, com a rede, ver se apanho o Espírito Santo, que me dizem se fez pomba, para lhe dizer que, ao menos, nos dê pão. Porque com pão e água da fonte já nos contentamos.

— Pois vai, homem, que eu já não tenho forças para trabalhar. —

Foi andando até uma Igreja que havia na serra, onde vivia um Eremita afamado pela sua conhecida inteligência, e entrou, com a rede, por ali dentro, para apanhar o

Espírito Santo.

Veio o velho Eremita e perguntou-lhe ao que ia.

— Falar com o Espírito Santo, para que me dê pão, porque a pão e água da fonte poderemos viver, eu e minha mulher. E sem isso, temos de morrer, porque já não podemos trabalhar.

— O Espírito Santo não pode falar-lhe; mas venha cá voce-mecê, que eu lhe dou o que precisa. —

Entraram e o Eremita foi logo buscar a caixa das esmolas, que estava cheia de dinheiro e ofertas de grande valor, e disse-lhe:

— Irmão, tomai isto, que vos tornará rico; mas, antes, dizei-me qual quereis: um real bem ganho, ou cem mal ganhos? —

O pobre homem ficou a olhar para o santo varão e respondeu:

— Por minha vontade ficaria já com o real bem ganho, mas como há muito ano

vivo com minha mulher e nem ela nem eu fazemos nada sem nos consultarmos, vou ver o que diz, e volto já. —

Chegou a casa e perguntou à mulher a sua opinião:

— Que fiques com o real bem ganho! De que nos serviam os cem, mal ganhos, se não teríamos descanso nem de dia nem de noite, com remorso e vergonha de nós mesmos?! —

Aí volta o homenzinho, satisfeitíssimo, ao Eremita, para que lhe desse o real bem ganho.

O Frade ficou também contente, por ver que ainda havia gente honrada no Mundo, deu-lhe o real e disse-lhe:

— Ide, este é bem ganho. E com ele sereis mais felizes do que se tivésseis escolhido os cem, mal ganhos. Com sossego de espírito, alegria e boa vontade, o pouco serve de muito. —

Ia o bom velho de caminho para casa,

muito contente por levar à mulher aquela fortuna, quando viu dois rapazes que se esmurravam sem pena, estando quase em risco de se matarem. Sentiu com isso grande mágoa porque duas criaturinhas de Deus punham tanto ardor em se ferirem e mortificarem, quando tão pouco seria preciso para se entenderem e serem felizes. Saltou ao meio deles, conseguiu separá-los, não sem levar muito encontrão e sopapo, por engano, e perguntou a causa de tamanha luta.

— Vê aquela pedra que serve para ferir lume? (perguntou-lhe um deles, mostrando-lhe uma pederneira que estava no chão). Pois esse ladrão queria-ma roubar depois de eu a ter apanhado.

— Não é nada disso! Eu é que a vi primeiro, e esse patife adiantou-se a apanhá-la e quer chamar-lhe sua. Mas tal não há-de suceder enquanto eu tiver vida. —

E já outra vez se lançavam um ao outro, tendo o homem grande trabalho em os separar e em os fazer escutar a razão.

— Bom, essa história é velha como o Mundo. Mas, a dizer a verdade, a pederneira não pertence a um nem a outro. Que justiça, que direito, tem você em dizer que é sua porque a viu primeiro? O mesmo que tem este, porque primeiro a apanhou! Ora a pederneira não se pode partir, e já que vós não tendes juízo para ambos dela vos servirdes sem ofensas nem agravos, já que nenhum quer ceder o que julga ser o seu direito, melhor será que eu lhes compre a causa de tanta bulha e o dinheiro seja dividido entre dois. —

E tirando o real da algibeira, deu meio real a cada um, apanhando a pederneira que meteu no bolso, dizendo consigo:

— Deixa-me cá levá-la, não vá o demo fazer que alguma desgraça ainda se dê por causa dela.

Levou-a, não por lhe parecer que tinha valor, mas sim para livrar os rapazes de mais contenda, e para mostrar à mulher em que empregara o real bem ganho.

À porta de casa esperava-o ela, e perguntou-lhe logo pelo real bem ganho.

— Olha, dei-o por esta pedra, para que dois rapazes se não espatifassem um ao outro. —

A mulherzinha pegou na pedra com desconsolação e, atirando-a para um canto, disse, com tristeza:

— Ai que mofina sorte, que nem este real nos veio ter às mãos! —

Ora os pais dos dois moços, que eram ricos e reconhecidos, quando souberam da questão dos filhos e quem os tinha separado e a maneira como o fizera, dando o único real que possuía, foram visitar o campónio, deram-lhe com que pudesse viver com a mulher, e dali em diante o trataram com o carinho e consideração que

se deve ter por quem é bom e justo, embora seja pobre.

Viviam felizes os dois velhos e muitas vezes se felicitavam por terem preferido o seu real bem ganho.

Mas a fortuna não se cansava de os favorecer, e mais surpresas lhes estavam destinadas.

Um dia passou por ali um Fidalgo, senhor de todas aquelas terras, que, por mandado do Rei, ia como embaixador ao Reino vizinho; mas como o recado que levava era de grande segredo, escondia a sua qualidade e sòmente se fazia acompanhar de um bom e leal criado.

Por este motivo, foi bater à modesta habitação dos dois velhos a pedir pousada. Da melhor vontade lhe foi dada, sendo recebido como amigo, sem que os hospedeiros quisessem saber quem ele era nem para onde ia.

O Fidalgo entrou, comeu com eles da

sua modesta mas sadia refeição, e reparou que não havia candeia, mas a cozinha estava iluminada.

Tanto procurou que viu a um canto uma pedra que parecia um pequenino sol a brilhar no escuro, e perguntou o que significava aquilo.

— É uma pedra que eu comprei por um real bem ganho e que de pouco ou nada me servia. Só depois da minha mulher a lavar é que me poupa a candeia. —

E contou a história tal qual sucedera.

— A pedra que tendes aqui (respondeu o Fidalgo) é o mais rico e lindo diamante de quantos existem no tesouro de todos os Reis do Mundo. Se eu tivesse dinheiro, comprava-o para mostrar a todos como um real bem ganho nos pode tornar senhores da maior fortuna. Mas ide vendê-la, que o Rei vos dará por ela as rendas de muito ano.

— Não vou. Levai-a vós, Senhor. Eu não

lhe conhecia o valor, por isso a estimava tanto como estimo a velha candeia de azeite. Vós que a sabeis conhecer e apreciar, de justiça sois o senhor dela. Levai-a. —

Mas o Fidalgo não a quis aceitar sem pagamento com todos os seus bens. E apesar de muitas e extensas terras de semeadura, matas, casas, gados e mais riquezas que deu, ainda se considerava devedor aos bons velhos. E estes, devedores ao Fidalgo que, em troca duma pedra que lhes não servia de coisa nenhuma, os deixava senhores de belas terras que tanto amavam, e cultivavam de há muito, como servos.

Não foram só os dois contratadores que ficaram satisfeitos. O povo todo ganhou com a riqueza dos bons velhos, pois estes dizendo que Deus fizera descobrir aquela pedra preciosa e o seu valor para bem de todo o País, dividiram as terras por muitas

famílias, para mais fàcilmente as cultivarem e todos terem que comer. O Fidalgo, que nunca estava nas terras e que não se importava senão com o seu rendimento, melhor ficou com um tesoiro que meteu na bolsa, e podia transformar em rios de dinheiro.

Com justiça, honradez e bom senso, todos poderíamos ser felizes à luz do sol que todos ilumina e aquece. Cada um conforme o seu gosto, as suas aptidões e maneira de viver.

Lição proveitosa

ANDAVAM, um dia, dois Frades franciscanos a pedir esmola, para obras na Igreja do seu Convento, que ameaçava ruína.

Batiam a todas as portas, e aceitavam tudo que lhes davam, muito ou pouco, de pobres ou ricos. Assim foram andando até que chegaram a uma grande casa, onde morava uma senhora viúva e muito rica. Como iam cansados sentaram-se um bocado antes de se anunciarem. Nisto ouviram dentro uma grande bulha, e perceberam que era a viúva ralhando com os criados por lhe faltar uma sardinha. Fazia tal alarido e estava tão zangada que os dois Frades olharam um para o outro sem saberem o que pensar. Dizia ela:

— Falta aqui uma sardinha! Vocês querem fazer-me pobre? Estão todos

apostados em darem cabo do que eu tenho!... —

E por aqui fora, uma ladainha, que ninguém a podia aturar.

Os dois Frades voltaram-se um para o outro, e o mais velho disse ao companheiro:

— Meu irmão, em vista do que estamos ouvindo, parece-me que nada temos que fazer aqui!

— É verdade, irmão, pois quem faz tamanho barulho por falta de uma sardinha, decerto nada nos dará para a nossa pobre Igreja! No entanto, parece-me que é da nossa obrigação fazermos o pedido.

— Não, não! (respondeu o mais velho). Pela esmola que nos negará semelhante avarenta, não vale a pena bater.

— Enfim... Eu estou por tudo. —

Resolvido isto, levantaram-se os Frades para seguirem a jornada, já decididos a pedir nalguma pobre choupana albergue

para a noite. Mas a viúva, chegando à janela, viu-os, e chamou-os logo.

— Então que é isto, meus Irmãos?! Assim vos ides embora sem bater à minha porta? Entrai, que sereis respeitados e agasalhados, quanto merece o vosso santo hábito.

Os Frades, bastante admirados, voltaram atrás, e entraram em casa da viúva. Ela mandou logo pôr a mesa e servir uma bela ceia; depois mandou fazer as camas e, despedindo-os, disse-lhes que fossem descansar, que no dia seguinte falariam. Os dois companheiros foram para o quarto, muito bem arranjado, que lhes fora destinado, não sabendo que pensar do que lhes acontecia.

No outro dia apareceu a viúva, cumprimentou-os com toda a delicadeza, mandou servir um lauto almoço, e depois perguntou:

— Então, meus Irmãos, qual é a causa

da vossa visita? Eu estou pronta a servi-los no que estiver na minha mão. —

Os Frades olhavam um para o outro, e o mais velho, com bastante acanhamento, respondeu:

— Nós andamos a pedir esmola para se reconstruir a Igreja do nosso convento. A Ordem é muito pobre, e só por este meio poderemos obter dinheiro para fazer obra tão dispendiosa.

— Muito bem, muito bem (disse a viúva). É uma boa obra, que estou pronta a secundar. Ora esperem os meus Irmãos que eu vou buscar alguma coisinha. —

Foi dentro, e dali a instantes voltou com trinta moedas em oiro, que apresentou aos franciscanos. Tão admirados eles ficaram que nem se atreviam a pegar-lhes. Então perguntou a viúva:

— Que tendes, Irmãos, que não quereis o meu dinheiro? Muito desejo saber a razão desse espanto e o motivo porque se iam

ontem embora, sem bater à minha porta.

Os Frades, muito atrapalhados, não queriam dizer; mas, como ela insistia, o mais novo sempre se resolveu a contar que a tinham ouvido fazer tanto escarcéu por falta de uma sardinha, que nem se atreviam a bater para fazer o seu pedido.

— Essa agora, meus Irmãos! Essa não é de quem tem tanta sabedoria como vossas reverências! Se eu não poupasse uma sardinha não poderia juntar este dinheiro que lhes dou com tão boa vontade. Ora vão, meus Irmãos, vão à sua vida. E fiquem sabendo que, quem não arrecada o pouco, não tem o muito.

Quem tudo quer, tudo perde

UM pescador vivia muito pobremente, com a sua mulher e filhos, numa barraca ao pé do mar.

Todos os dias lançava as redes, mas a sorte não o ajudava, porque as redes lhe vinham rotas pelas pedras, e enquanto a peixe nem um!

Desanimado, dizia mal à sua vida, mas ia teimando sempre no trabalho. Até que um dia, ao puxar a rede, sentiu-a tão pesada que a alegria lhe entrou no coração com uma boa esperança.

Mas, ao levantar a rede, com grande mágoa viu que só um peixe vinha preso nela, e tão pequeno que mal chegaria para dar de cear à sua família quanto mais para encher o mercado, como pelo peso julgara.

Nisto, ergue o Peixe a cabeça e diz-lhe:

— Ó pescador, não me mates. Bem vês

que sou pequeno e pouco poderás aproveitar com a minha morte. Em compensação, se me deres a vida que te peço, tudo o que desejares será feito, por meu grande poder mágico.

— Pois bem (respondeu o pescador), concedo-te a vida, mas com a condição de fazeres com que as minhas redes venham sempre cheias de bom peixe.

— É justo esse pedido e hoje mesmo o verás satisfeito.

— Veremos (respondeu o pescador, desconfiado como todos os infelizes)...

— Não duvides, que eu sou o Génio dos Peixes, que só por um mau feitiço aqui estou encarcerado. Quando precisares de mim, vem aqui e chama-me. —

O pescador deitou o Peixe ao mar, e em seguida lançou as redes, que retirou cheias a mais não poderem.

A alegria do pobre e da família foi tão grande que nem queriam crer no que viam.

Correram ao mercado e fizeram uma venda magnífica, trazendo em troca tudo de quanto necessitavam.

E assim foi todos os dias até que o pescador já era considerado dos mais ricos daquela terra.

Esqueceram os dias maus, porque a felicidade numa só hora faz esquecer anos de martírio, e até já lhes parecia pouco o que tinham. Já se envergonhavam de trabalhar, eles que havia pouco viviam na maior miséria.

Convencido de que tinha pouco e merecia mais, pelo imenso favor que tinha prestado ao Génio dos Peixes, foi o pescador à praia e chamou-o. Imediatamente ele apareceu e perguntou-lhe o que desejava.

— Poderoso Génio, é verdade que eu estou remediado e a minha família vive desafogadamente, devido à vossa grande protecção. Mas o que é certo, meu nobre

Génio, é que eu trabalho muito e já estou aborrecido de trabalhar. Bem sabeis, poderoso Génio, que o favor que vos prestei não se paga com qualquer coisa.

— Está bem, o que queres, pois?

— O que desejo, Senhor, é uma casa que seja minha para vivermos bem à vontade, eu e os meus; e uma fortuna para gozarmos segundo o nosso gosto.

— Serás satisfeito. Vai para casa e alguma novidade encontrarás.

O pescador dirigiu-se para casa e ficou surpreendido ao deparar com um magnífico palácio rodeado duma bela quinta com jardins e mata, e tendo tudo quanto é julgado indispensável na moradia dum homem opulento.

A família do pescador estava deslumbrada, não se cansando de descobrir maravilhas na sua nova habitação, e desfazia-se em bênçãos ao Génio dos Peixes.

Começou para aqueles felizes uma vida de gozo e alegria. Não pensavam senão em divertimentos e festas, e mal tinham tempo de dormir e descansar, pois os passeios, os bailes, os jantares, os teatros, sucediam-se sem interrupção.

Mas isto, que a princípio os divertia, começou a enfastiá-los e, cheios de orgulho e ambição, resolveram que o antigo pescador voltasse ao Génio dos Peixes para que os fizesse grandes no poder e no mando, pois já consideravam mesquinha a inútil vida de ricos que levavam.

Chegou à praia, chamou o seu amigo e queixou-se da sua infelicidade.

— Que te falta?... Ou tens algum dos teus, doente?

— Em minha casa todos padecemos, ou mais ou menos, Senhor. Mas isso já não nos importa porque há bastante dinheiro para procurarmos médicos e percorrermos águas e banhos. O que desejávamos era ter

uma grande posição no mundo, sermos senhores da política, governarmos os nossos conhecidos, e mostrarmos-lhes quanto mais valemos do que eles, e não só por termos dinheiro.

Se os peixes pudessem rir, o bom do Génio não poderia suster uma gargalhada. Mas felizmente são peixes, mesmo quando Génios. Assim apenas pôde manifestar a sua hilaridade estendendo as barbatanas e mudando de cor.

Ainda desta vez escutou o pedido do seu protegido, que na volta de casa encontrou um mensageiro do Rei que o chamava aos conselhos da Coroa. Em breve, filhos e genros, parentes próximos e arredados, amigos e conhecidos, tinham os melhores empregos na pública governança. Pesava nos destinos do País, aquele grande homem!

No entanto, «quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita». O homem que na sua

mocidade fora pescador e pouco ou nada sabia afora a sua arte, que depois passara uma parte da vida a ganhar dinheiro sem conta e que outra parte a passara em divertimentos e festas, nada sabia. E era motivo de troça de todos os que, tendo estudado, compreendiam a completa ignorância do grande influente e de todos os seus.

Mas a toleima não era tanta que não visse bem o quanto era desprezado por aqueles mesmos que na sua frente o elogiavam.

Cheio dum mortal desgosto, foi um dia até à praia e clamou:

— Valha-me aqui o Génio dos Peixes, meu amigo e protector!...

— Que queres?... (respondeu, aparecendo imediatamente, o Peixe).

— É que não sou feliz, Senhor!

— Não és ainda feliz? Que desejas mais?

— Que desejo? Ser um homem ilustrado,

de quem ninguém se possa rir. Que me importa ser rico e poderoso se ninguém me toma a sério e todos me troçam?!

— Pois, meu amigo, *quem tudo quer tudo perde*. Eram um miserável pescador que morria de fome, dei-te trabalho com fartura. Pareceu-te pouco a dádiva, e quiseste mais. Fiz-te rico e a todos os teus; não te contentaste com isso e desejaste ser poderoso na sociedade. Fiz-te ainda essa insignificante vontade. Agora queres ser sábio e julgas-te infeliz porque não és um homem considerado pela inteligência. Eis a única coisa que não te posso fazer. A inteligência, meu amigo, é um dom que não se compra por dinheiro e não se desenvolve sem trabalhar muito e estudar sempre. Mas como pediste uma coisa impossível, todo o meu poder acabou e tens que voltar a ser o que eras.

— Mas como poderei eu voltar a trabalhar, se já não estou acostumado a

isso?

— Dá-te por muito feliz se tiveres sempre trabalho, e consola-te com ele, aprendendo a ser feliz na pobreza honrada e alegre. Já vês que a felicidade não se compra com dinheiro, nem com as vaidades do mundo, porque aos ambiciosos nada os satisfaz e quanto mais têm mais querem. —

Desapareceu o Peixe, e o homenzinho embasbacado ali ficou, até que a noite veio. Então voltou a casa e com grande espanto seu não encontrou o palácio e as suas riquezas. Muitas pessoas que encontrou não o conheceram e quando lhes ia a falar voltavam-lhe as costas. Dali foi à sua barraca à beira-mar, onde encontrou a família possuída da mais funda mágoa.

Contou o que se passara e todos se arrependeram da tolice que os tinha lançado na miséria, de que só por feliz acaso tinham saído. Mas foi tardio, como sempre, o arrependimento, e de nada lhes

serviu, a não ser para ensinamento do futuro.

O compadre do Diabo

UM pobre trabalhador de enxada tinha um compadre muito rico.

Ora esse compadre era nem mais nem menos do que o senhor Diabo, mas o homenzinho não sabia quem ele era, e estimava-o bastante.

Um dia veio o Diabo ter com o compadre e disse-lhe:

— Tu és muito pobre e eu tão rico e poderoso que nem sei o que possuo de meu. Tenho dó de ti e lembrei-me de entrarmos a meias num negócio. Eu dou-te um grande campo, tu arroteias e cavas, e semeias o que entenderes, mas com a condição de ser meu o que ficar debaixo da terra e o que ficar por cima ser teu.

— Está dito, senhor compadre. Para a colheita venha buscar o seu ganho. —

O homem percebera, ou lhe disse o

coração que, por aquele contrato, o compadre o queria enganar. Foi para o campo, arroteou-o, cavou-o, e fez uma grande sementeira de trigo.

A seara cresceu e produziu que foi uma lindeza. Chegado ao tempo próprio, chamou gente, fez a ceifa, malhou, debulhou, secou e recolheu o seu grão, ficando muito satisfeito com a colheita do ano.

Passados dias, quando o Diabo chegou para levar a sua parte, disse-lhe o homenzinho:

— Olhe, compadre, vamos lá ao campo, que a sua parte ninguém lha tira. —

Foram, mas quando o Diabo viu o restolho muito amarelo e as raízes secas ficou muito zangado e gritou que o compadre o tinha enganado.

— Ora essa! Então o senhor compadre não me disse que tudo quanto ficasse por cima da terra era meu e que as raízes eram para si?! Não faltei ao combinado.

— Bom, o que está feito, feito está. Mas agora já me não serve o contrato. Se queres ser meu sócio, há-de ser às avessas. O que crescer para cima da terra é que será para mim, e as raízes serão para ti. —

O campónio aceitou o negócio e tratou de arranjar o seu campo para a sementeira seguinte. Combinou com a mulher, e dessa vez foi batatas o que eles semearam. Chegou o tempo e o batatal pôs-se de modo que era a inveja de toda a gente.

Quando chegou a época própria de arrancar as batatas, era cada uma que enchia um prato. E tantas, tantas, que não se cansavam de medir alqueires.

Veio o compadre buscar a sua parte dos lucros e o lavrador entregou-lhe a rama seca e inútil dizendo:

— Aqui tem o seu quinhão, senhor compadre. —

O Diabo, vendo-se enganado, ficou furioso e disse-lhe:

— Ai tu estiveste a mangar comigo? Pois então havemos de nos bater às unhadas, para vermos quem fica senhor do campo e das colheitas. Prepara-te, pois, para quando eu voltar. —

O homem, que já sabia então com quem falava, ficou varado de susto e foi para casa contar à mulher o sucedido.

— Não te rales, deixa-o comigo, que eu o ensinarei (disse-lhe a mulher). —

No dia em que devia aparecer o seu compadre, agora inimigo, escondeu-se o homem muito bem e ficou a mulher só em casa. Nisto o Diabo que bate à porta com toda a fúria, gritando:

— Aqui estou eu para irmos à luta! —

Responde a mulher de lá:

— Ah, é vocemecê, senhor compadre? Entre, entre, e sente-se aqui para conversarmos antes que venha o meu homem. Ele foi amolar as unhas para quando forem a essa luta. Eu, senhor

compadre, não lhe queria estar na pele. O meu homem sempre dá cada unhada que é da gente ficar com cicatriz para toda a vida. Olhe, a primeira que ele me deu foi esta... —

E mostrou tal ferida que o senhor Diabo fugiu pela porta fora com medo das unhas do compadre, e nunca mais voltou.

Os dois ficaram-se a rir, ricos e satisfeitos, à custa do grande espertalhão que se julga capaz de enganar todos os mortais.

Quem muito fala pouco acerta

NA mesma aldeia moravam dois carvoeiros que eram compadres. Um deles tinha muita família, e era por isto mais pobre, pois os filhos pequeninos só comiam e não ganhavam. O outro que, além de ser só com a mulher, tinha alguma coisa de seu, vivia com desafogo.

O pobrezinho foi um dia apanhar lenha para fazer o seu carvão, mas era nos dias pequenos, e dali a um instante anoiteceu. Tendo receio de se perder no caminho, decidiu subir para um grande carvalho, resolvido a passar a noite naquele abrigo.

Deixou os molhos de lenha e o burrinho ali perto, em lugar abrigado, e foi empoleirar-se na árvore.

Lá pela noite adiante viu muitas luzes a saltarem e a correrem para o carvalho. Ficou a tremer, por se lembrar que eram as

feiticeiras que andavam no seu baile. Efectivamente as luzes transformaram-se logo em mulheres e fizeram roda com um burrinho no meio, cantando: — Sexta, sábado! Sexta, sábado!

O homem não pôde deixar de rir, ao ver aquele tão engraçado baile. E elas, que o ouviram, disseram-lhe que descesse, porque as havia de ajudar a dançar. Não teve outro remédio, apesar do susto. Desceu e pôs-se também a cantar: — *Sexta, sábado! Sexta, sábado!*

Quando vinha rompendo a manhã, disseram elas para o burrinho — que outro não era senão o demónio:

— Senhor, que se há-de fazer a este homem que nos ajudou a dançar?

— Carreguem-lhe o seu burro de dinheiro.

E desapareceu tudo, de modo que o homem imaginou que tinha sonhado, mas, quando ia carregar o seu burro com os

molhos de lenha, achou-o com a carga feita com oiro.

Veio para casa muito satisfeito e contou à mulher o que lhe tinha acontecido.

A mulher, também muito contente, destinou logo uma certa soma de dinheiro para vestir os filhos e comprar-lhes comida que os satisfizesse pela primeira vez na sua vida. Mas depois puseram-se a contar o dinheiro e acharam que era tanto que melhor seria medi-lo.

Como tinham sido sempre muito pobres, e nunca tinham tido nada que medir, não possuíam medidas.

— Quem tem uma boa medida é o nosso compadre (disse a mulher).

— Pois manda-lha pedir, que há-de ficar bem admirado por ver que temos alguma coisa que necessita de medida. —

Foi um dos pequenos a casa do outro carvoeiro, que na verdade ficou espantadíssimo com o pedido dos pobres

compadres.

— Que será (dizia ele para a mulher)? Os nossos compadres não tinham para cada hora e agora já precisam medidas?!

— Pergunta-lho, pois se tu não sabes, como queres que eu saiba?

— Nada. Não quero que me tomem por invejoso. Hei-de saber sem perguntar.—

Untou o fundo da medida com pez e entregou-a ao afilhado.

Os pobrezinhos mediram o dinheiro e depois mandaram o alqueire ao compadre, mas, como ele imaginara, alguma coisa vinha agarrada ao fundo. Era uma moeda de oiro.

O homenzinho, que era grande falador e grande curioso, ficou pasmado e não fazia senão dizer para a mulher:

— Não vês o dinheiro que têm, que é preciso ser medido aos alqueires?! Como lhes viria esta fortuna? Não descanso enquanto não souber. Vou lá fazer-lhes

uma visita e logo mo dirão. —

Bateu à porta e disse logo:

— Comadre, no fundo da medida ia pegada esta moeda. Venho dar-lhe os parabéns por o dinheiro ser tanto que só por medida se sabe. Agora a comadre há-de dizer-me: como arranjaram tanto dinheiro?

Os dois contaram tudo o que sucedera, e o homem ficou doido por apanhar assim uma fortuna. Pediu ao compadre que lhe ensinasse o sítio onde encontrara as feiticeiras, porque também lá queria ir.

— Eu ensino (respondeu o outro), mas lá ficar não fico! Como escapei duma, não quero mais.

— O que quero é que me ensine, pois ficar fico eu só.

Foram; ele subiu para o carvalho, e o outro voltou para casa.

Alta noite vieram as feiticeiras e puseram-se a cantar como da primeira vez:

— Sexta, sábado! Sexta, sábado. —

Mal as ouviu, começou a fazer bulha sobre a árvore. Elas viram-no, e mandaram-no descer para as ajudar no seu baile em volta do burrinho. Muito espertalhão, saltou logo e pôs-se a cantar com toda a força, pensando merecer mais do que fora dado ao compadre:

— Sexta, sábado,
Domingo também,
Burrinho no meio
Como dança bem!

E até de manhã esfalfou-se a cantar e a dançar.

Chega a manhã e dizem as feiticeiras para o burrinho:

— Que se há-de fazer a este homem que nos ajudou a dançar?

— Dar-lhe uma carga de pau, para não ser linguareiro e atrevido de nos vir falar no Domingo. —

Mal isto foi dito, saltaram as feiticeiras

sobre o homem e deram-lhe uma sova mestra, até o deixarem moído como salada.

Como não voltou a casa no dia seguinte, a mulher muito aflita foi ter com o compadre e ambos o foram procurar à floresta. Encontraram-no meio morto. E com grande custo lhes contou o sucedido.

— Vês? (disse a mulher). É para perderes o costume de falares mais do que é preciso. —

Não sei se a lição aproveitou ao homem, mas a verdade é que pela boca morre o peixe. O calado é o melhor; e quem muito fala pouco acerta.

Meio de fazer fortuna

ERA uma vez um homem que tinha três filhos. Viviam juntos, e governavam-se bem, com o trabalho da terra. Mas um dia achou-se muito doente, e chamou os filhos para se despedir e lhes dar um derradeiro conselho:

— Eu vou morrer e cá lhes deixo as minhas riquezas todas. Pouco é, mas deste pouco podereis fazer muito, se o souberdes governar. Nada é inútil debaixo do sol; o caso é saber quando e onde se deve aproveitar. Sois novos. Ide buscar fortuna. E adeus...

Morreu o bom homem, e os três rapazes fizeram as partilhas do que ele deixara. Coube ao mais velho uma ceitoira, ou foice; ao segundo, um galo; ao terceiro, um gato. Cada qual tomou conta do seu haver, e marchou, caminhos em fora, à cata de

fortuna.

O da foice andou, andou, e por toda a parte encontrava foices iguais ou melhores do que a sua, e por isto não lhe davam apreço à herança. Muito desconsolado, dizia com os seus botões: «Ora o meu Pai o que havia de deixar! De que me serve ter uma coisa que toda a gente possui? Mais valia não ter nada, e trabalhar, como até aqui, sem sair da minha aldeia».

Mas tanto andou, tantos países percorreu, que foi dar consigo a uma terra onde as ceifas eram feitas com trabalho enorme. Arrancavam as plantas pela raiz, uma por uma, e assim as iam juntando. O rapaz achou ocasião de fazer fortuna, e disse:

— Tenho aqui um instrumento com o qual a ceifa se faz mais depressa e melhor. Se eu o quisesse vender, não haveria dinheiro que mo pagasse!

Disseram-lhe que não acreditavam, sem

que ele ceifasse diante deles. Mas quando o viram trabalhar tão bem e tão depressa, pediram-lhe por tudo quanto havia que lhes vendesse aquele maravilhoso instrumento. Ele exigiu grossa quantia, que de boa vontade lhe deram.

O rapaz, feito um ricaço, voltou para a sua aldeia, comprou terras, para as cultivar, e viveu feliz o resto dos seus dias.

O segundo filho, o dono do galo, também foi correr mundo, em busca de ocasião para aproveitar a sua herança. No entanto, por mais que viajasse, por mais terras que visse, em toda a parte encontrava galos tão bons ou melhores do que era o seu. E pensava: Ora o meu Pai dizia que tudo neste mundo tem utilidade, a questão é sabê-la procurar! Para que servirá este *amigo*, senão para fazer um caldo?!...

Mas, obediente ao conselho, foi seguindo até chegar a uma terra onde lhe pareceu que não haveria galos, pois em toda a noite

não lhes ouviu a voz. De madrugada levantou-se, e viu alguns homens a atirarem pedras ao sino. Perguntou logo:

— Que andam vocês a fazer?

— Então vocemecê não sabe?! Nós todos os dias fazemos isto, para acordar o sineiro. Porque, se continua ferrado no sono, deixa de tocar o sino logo ao nascer do sol. E vocemecê bem vê que toda a gente do campo precisa de se levantar cedinho.

— Ora, que tolice! Eu nunca vi fazer um disparate assim! Não era preciso esse trabalho, se tivessem, como eu tenho, um animal maravilhoso que marca os tempos da nossa labuta diária. Mal rompe a manhã começa a cantar, mais alegre do que um clarim em dia de festa. Ao meio-dia dá sinal para os homens do campo pararem com o trabalho, jantarem e darem graças a Deus. E à meia-noite manda os retardatários recolher a *vale de lençóis*, que são horas e mais que horas. —

O povo, quando isto ouviu, não largou mais o homem. E deram-lhe tudo quanto ele quis, em troca do *galarós*.

Também este herdeiro, enriquecido por um bom conselho, voltou para a terra, onde viveu fartamente o resto dos seus dias.

O terceiro filho partira também, com o seu bichano, à procura de terra onde ele fosse novidade, a transformar numa fortuna.

Andou, andou meio mundo, e, já descorçoado, pensava em voltar pobre como fora, quando chegou a uma vila onde não deu notícia de gatos, nem nos telhados, nem às portas, nem a cabriolar ao sol. À noite viu que toda a gente ia buscar as suas camas e as rodeava de canas e paus, tornando-as, assim, verdadeiras gaiolas.

— Então que é isto? Que andam vocês a fazer? (perguntou).

— O senhor não sabe?! É que nesta nossa terra há tanto rato que não nos

deixam dormir, e a muita gente já têm comido pedaços da cara. Não há remédio senão fazer isto, para nos defendermos.

— Vocês não têm juízo! Bastava que me comprassem um bichinho que eu aqui tenho, para se livrarem dessa praga. —

E largou o gato, por um momento que bastou para fazer nos ratos grande mortandade. E depois chamou-o e prendeu-o. Contentíssimos com o achado, os homens deram-lhe, em troca de tão raro animal, quanto pediu, e mais ainda. E com muitos agradecimentos se despediram do rapaz, que voltava para a sua aldeia com a riqueza obtida a troco da sua herança.

Quando ele já ia a distância, é que se lembraram de lhe perguntar:

— Que come o bichinho?

O rapaz, que ia andando, respondeu:

— Do que come a gente.

Que foram entender os novos donos do gato? *Que come gente*. E em tão grande

estimação tinham o animal que imediatamente deitaram sortes, a ver quem se havia de matar para dar de comer ao bicho que podia livrá-los da praga dos ratos. Caiu a sorte a um velhote. Mataram-no, e deram uma porção de carne a comer ao gato. Mas este voltou o focinho, enjoado, mal a cheirou.

— Se não lhe agrada é por ser carne velha (disseram eles). Mata-se um homem novo. O sacrifício vale a pena, se nos livrarmos de uma praga geral.

Assim fizeram, levando o manjar todos os dias ao terror dos ratos e ratazanas, que tinham muito bem guardado e preso, por temerem perdê-lo.

O gato não comeu, e de dia para dia foi emagrecendo, a olhos vistos.

— O bichinho tem fastio, e quer carne ainda mais fresca (diziam os sabichões daquele povo sem gatos).

E dispunham-se, embora desolados, a

matar mais gente, se o animal não tem conseguido fugir e tratar da vida. Porque é bem certo: quem não sabe é como quem não vê. E torna-se capaz dos erros mais cruéis, querendo acertar sem saber.

O gato, vendo-se livre, atirou-se a perseguir os ratos e a comer quantos podia, para se vingar da fome que passara. E depois veio, muito manso, buscar a companhia dos homens, e regalar-se com os restos da comida feita para gente.

E assim, em pouco tempo, afugentou e manteve em respeito os ratos e ratazanas. Todo aquele povo ficou muito contente por ver vencida a praga que tanto o atormentava, sem ser necessário mais sacrifícios.

Mais contentes ainda, porque não tiveram que chorar nenhum erro, ficaram os outros povos, o dos homens que aprenderam a ceifar, e o que comprou o galo, para os despertar de antemanhã. E

não menos os três herdeiros de um bom conselho, que lhes permitiu fazer fortuna.

O homem que andou vinte e sete anos por fora

ERA uma vez um homem casado. Vivia muito pobre, e tanto que, por fim, resolveu sair da terra e ir ganhar meios para continuar a viver com a mulher, sem passarem necessidades. A mulher chorou muito, mas, como tinham já um filho, não havia remédio senão resignarem-se.

Partiram em duas a aliança de casamento e cada um ficou com sua metade.

O homem foi correr mundo. Andou lá por fora muito tempo, serviu inúmeros patrões, viajou por toda a parte e, ao fim de vinte e sete anos, vendo que já tinha o bastante para viver descansado com a mulher e o filho, resolveu regressar a casa.

As saudades apertavam e então, embora estivesse muito bem na casa que servia,

despediu-se, dizendo porquê. O patrão, que o estimava muito, deu-lhe quanto dinheiro ele quis, e aconselhou-o:

— Vai sempre por caminhos direitos; livra-te das encruzilhadas e dos atalhos.

O homem pôs-se a caminho, e seguiu sempre esta recomendação. Mas um dia perdeu-se numa grande mata, e logo encontrou um homem que lhe perguntou para onde ia e se levava dinheiro.

— Levo algum, mas é só para fazer compras ao meu patrão. E logo volto por aqui.

E, para provar que não mentia, entregou-lhe o cajado. O homem deixou-o passar. Mais adiante encontrou outro, que lhe fez a mesma pergunta. Ele respondeu a mesma coisa e acrescentou:

— Olhe, aqui lhe deixo a minha capa, só para provar que hei-de voltar.

Foi andando pela mata fora, e lá muito longe deu com um magote de homens, em

volta de uma fogueira, junto duma grande casa. Logo que o viram, agarraram-no e levaram-no ao capitão da quadrilha de ladrões, porque esse era o seu modo cruel de vida.

O capitão olhou-o dos pés à cabeça, e, como o viu sem mostrar medo, disse-lhe:

— Tens boa cara; parece-me que te hás-de dar bem connosco. Vou mandar-te mostrar a casa. Se não te admirares com coisa nenhuma, serás dos nossos; se te assustares, serás logo morto. —

O homem que era muito corajoso, respondeu logo:

— Decerto, não me admirarei, porque tenho visto muito, desde que saí da minha aldeia! —

Levaram-no então a uma sala toda cheia de cofres abarrotados de jóias. Braceletes, anéis, colares, tudo ali havia, a esmo. Eram tantas e de tal riqueza, que outro ficaria

logo de boca aberta. Ele apenas disse, com ar de pouca importância:

— O que vocês me vêm mostrar! Mais do que isso tenho eu visto!... —

Dali foram com ele à sala onde tinham as armas. Era um verdadeiro arsenal. Havia-as de todos os feitios e tamanhos, desde o punhal à espingarda.

— Oh (disse o homem), muito mais armas tenho eu visto!

Foram com ele a outra sala cheia de roupas, tantas, tantas, que vestiriam um povo inteiro. Também não se mostrou admirado. Levaram-no então a uma grande casa rodeada de pias cheias de sangue, da gente que os bandidos tinham morto. Sem se desconcertar, disse:

— Pouca coisa! Mais sangue tenho eu visto. Nem me admiro por sangrarem tanta gente, porque era capaz de fazer o mesmo... —

Foram dali com ele a outra casa, toda

cheia de cadáveres e ele impassível:

— Ora que tem isto de admirável, não me dirão? Para que somos nós homens? Mais mortos já eu vi. —

Por fim mostraram-lhe uma casa cheia de ossos de gente. E ele tudo via com a mesma coragem e sangue frio.

Os ladrões ficaram contentíssimos com o novo companheiro, e foram outra vez apresentá-lo ao capitão. Deram-lhe de comer, e ficou na companhia. Nos primeiros dias só lhe davam a obrigação de enterrar as pessoas que assassinavam. E porque a floresta em que dominavam fazia caminho para muita parte, não era pequeno serviço. Depois, como o viram mostrar tanto zelo e boa vontade, foram-lhe dando lugares de confiança.

Punham-no de sentinela para espreitar os viandantes, e ele, logo que os via, prevenia-os que fugissem por outro

caminho. Mas os ladrões nem sonhavam que ele fazia isto, pois o homem se mostrava, ao contrário do que era, ladrão e cruel como eles.

A mentira é uma grande covardia. Nem se deve nunca usar deste meio, senão em casos extremos. Mas às vezes é também prova de coragem sustentá-la longo tempo, se necessário, para bem dos outros.

Assim foi o homem ganhando a confiança dos companheiros até o mandarem para os postos mais avançados. Quando isto fizeram, ele meteu o seu dinheiro no bolso, e fugiu.

Quando se apanhou na terra, nem queria acreditar.

Foi procurar a mulher e já não a encontrou. Disseram-lhe que tinha ido para a cidade com o filho.

Dirigiu-se à cidade. Perguntava, perguntava e ninguém lhe sabia dizer o que ele queria!

O HOMEM QUE ANDOU VINTE E SETE ANOS POR FORA

Até que um dia calhou estar na loja dum sapateiro, quando viu passar uma mulher com um Padre. Pareceu-lhe que, embora velha, dava ares da rapariga que deixara havia vinte e sete anos, e perguntou ao sapateiro. Este respondeu logo:

— Não sei quem é aquela mulher. Veio para aí muito pobrezinha e tanto trabalhou, tanto labutou, que conseguiu fazer o filho Padre. Não se sabe mais nada, porque não conta a sua vida a ninguém.

Foi então o homem, vestiu-se de pobre e bateu à porta do Padre, pedindo um copo de água. A mulherzinha mesmo lho veio dar, sem o reconhecer. Mas ele, vendo metade do anel que ela trazia, teve a certeza que era a própria, e deitou a sua metade no copo. Ela, quando isto viu e reconheceu o marido, ia morrendo de alegria e, sem se importar de saber se vinha pobre ou rico, levou-o para dentro, chamou o filho, e

ambos o trataram como se fosse um deus. O homenzinho contou então a sua vida e lá ficaram juntos e felizes, por muito ano, recordando os trabalhos passados para melhor agradecerem a felicidade conquistada.

Isto só prova que, sabendo esperar e querer, tudo se consegue no mundo, ou mais tarde ou mais cedo.

Filho és, pai serás

ERA uma vez um homem que tinha um só filho e o criara com todo o carinho, vivendo com ele na melhor harmonia e com satisfação de ambos. Mas o filho, um dia, casou e trouxe a mulher para viverem todos juntos em casa do pai.

Ao princípio tudo correu bem, porque o bom homem trabalhava muito e ajudava o casal, mas os anos foram passando e o velho alquebrara e caíra na doença, da muita idade e canseiras, e já não era ajuda e sim pesada carga, com a qual a nora se sentia muito aborrecida.

Assim começou uma existência atormentada para o pai, pois não se passava dia sem que a nora lhe lançasse em rosto o que comia sem ganhar, tratando-o com arremesso e má vontade.

Sempre que estava com o marido não o

largava com queixas contra o sogro, dizendo que já não o podia aturar, que era um peso enorme para a sua vida de trabalho e que não estava para mais sacrifícios, e acrescentando quanto se lembrava, de modo a convencer o filho do muito que sofria por causa do pai.

Ao princípio o marido mandava-a calar e respondia-lhe:

— Tem paciência, mulher. Então que se há-de fazer?! É meu pai, coitado!

— Pois sim, sim!... É teu pai, mas sou eu quem o atura, e não tu. Está muito porco, suja-me tudo. Não posso, não posso sofrer mais!...

E todos os dias era a mesma coisa até que, uma vez, bradou:

— Hoje acabou-se, ou sai o velho ou saio eu!...

O homem, que gostava muito da mulher e não queria que ela se fosse embora, disse, muito aborrecido:

— Mas que hei-de eu fazer, para onde o hei-de mandar?

— Olha (respondeu a mulher), leva-o para a montanha, onde não há viva alma, e as feras se encarregarão de nos livrar das suas impertinências. —

O filho ainda tentou harmonizar as coisas, mas como não pôde, foi ter com o pai e convidou-o a ir com ele a uma festa muito bonita que havia na montanha.

— Mas como hei-de ir, meu filho, se não posso andar?!

— Isso não importa, senhor pai, que eu o levarei às costas. —

Assim foi. A mulher arranjou-lhe um farnelzinho, e muito satisfeita se despediu dos dois, que seguiram o caminho da montanha, levando o moço o pai às costas.

A meio da encosta, que era ladeirenta e pedregosa, porque já ia muito cansado, parou. E sentaram-se ambos numa pedra, comendo o farnel com todo o sossego.

Depois tornou o filho a pegar no pobre velhote e subiu, subiu, até chegar a um descampado onde só se viam os corvos e as águias e se ouviam os uivos dos lobos.

De novo parou, disse ao pai que aguardasse ali, com paciência, que ele descortinasse o caminho, e tratou de se ir embora, sem mais querer saber da sorte que esperava o desgraçado.

Passaram-se anos, a mulher morreu, um filho que tiveram cresceu e fez-se um homem laborioso e amigo do pai. E um dia também lhe chegou a vez de se casar.

Também a nora veio para casa, e enquanto o pai trabalhava e tinha o seu vintém para lhe dar, eram bom e bem tratado. Mas o tempo foi correndo, o velho perdendo as forças, e daí começou a nora a embirrar com ele e a protestar e a resingar por não o querer em casa.

E tanto fez e tanto disse e chorou e se queixou, que da mesma forma o rapaz,

descoroçoado, lhe perguntou o que havia de fazer e ela o aconselhou a ir levar o velho para a montanha, dizendo-lhe que havia lá uma festa, à qual desejava que ele assistisse.

Assim se passou tudo. E, como o velhote não podia andar, também o filho o levou às costas.

Chegando ao mesmo sítio onde, em novo, tinha descansado o velho pai e comido o farnel, também pararam para descansar e tomar alimento.

Então disse o velho:

— Descansa, filho, descansa, que foi aqui que eu também descansei quando levei o meu pai para o sítio onde tu me levas...

— Que diz, pai?! Então já esteve neste lugar?!

— Já... Eras tu menino e o meu pai muito velho e rabujento, como eu!... Como a tua mulher, também a minha, que foi a

tua mãe, me cansava o bicho do ouvido a dizer que o não podia aturar e a queixar-se dele. E tanto fez, tanto fez que me convenceu, como a tua te convenceu a ti, a levá-lo para a montanha, para que as feras nos livrassem de tantos cuidados e trabalhos!... E quando chegar o tempo, também o teu menino te fará o que eu fiz ao meu pai e tu me estás agora fazendo! —

O rapaz caiu em si e bradou:

— Não será assim, pai! Suba para as minhas costas e voltemos para casa.

Ao chegar à porta com o velho pai, começou a mulher a bramar, desesperada, por ver o sogro voltar de novo para lhe dar trabalhos e fezes.

— Deixa, mulher!... Tem paciência e avem-te conforme puderes, que eu para a montanha não levo o meu pai, para que o nosso filho não aprenda o caminho e mais tarde nos leve também a nós! Lembra-te do que diziam os antigos: «Filho és, pai serás,

assim como fizeres, assim acharás».

A mulher tomou paciência e o velho viveu até ao fim da vida em sossego e com o respeito dos seus.

Março Marçagão

HAVIA uma mulher muito preguiçosa, que era casada com um bom homem que a estimava muito, apesar do seu defeito.

Ralava-se e consumia-se para que a mulher entrasse no bom caminho e trabalhasse, mas era escusado, nada conseguia.

E dizia-lhe:

— Ó mulher, tu não trabalhas, não fazes nada e assim não vamos bem! Tudo roto e desmazelado, e nada queres fazer, mulher! Vê as vizinhas como são cuidadosas e bem governadas, e por isso as suas casas dão gosto lá entrar! Ao menos pega numa roca!

— Isso não, marido meu, que me faz a boca torta.

— Mas vai coser, arruma a casa. O ponto é trabalhares em qualquer coisa.

— Pois sim, homem, tens razão, hei-de

trabalhar, mas hoje não pode ser, que é segunda-feira das almas e Deus Nosso Senhor agradece muito que se guarde este dia. —

Na manhã seguinte, tornou o homem a instar porque trabalhasse, e ela:

— Sim, homem, hei-de fazer alguma coisa, mas não hoje que é o dia consagrado ao Santíssimo Sacramento. Desejo fazer a minha reza. —

No dia seguinte voltou o homem a dizer:

— Então, mulher, hoje é quarta-feira, podes trabalhar.

— Eu, hoje?! Que dizes tu, marido? Logo hoje que é o dia consagrado ao Espírito Santo? Outro dia será, deixa estar. Roma e Pavia não se fizeram num dia. —

— Mulher (tornou o pobre homem, na manhã seguinte), então hoje não trabalhas?

— Logo em que dia me falas, homem de Deus! Quinta-feira, o dia consagrado ao Coração de Jesus! Isso não! Tem paciência,

outra ocasião será. —

— Então hoje não começas a trabalhar? Tu não fias, tu não tens meadas para corar, e vem aí o Março Marçagão que se vinga bem vingado das mulheres preguiçosas (dizia-lhe o marido).

— Ora! Se vier o Março Marçagão deito umas esteiras a corar e ele cuida que são meadas. Além disso eu hei-de trabalhar, sim, mas não hoje que é sexta-feira, paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo... —

No sábado era dia consagrado a Nossa Senhora, no Domingo dia santificado. E assim foi passando o tempo, e chegou Março.

Então lhe disse o marido:

— Mulher, chegou o Março Marçagão, e tu sem meadas para lhe deitares a corar! Ele vai ficar furioso, e Deus sabe o que te fará.

— Deixa, marido. Amanhã, que é o primeiro, deito-lhe as esteiras que ali tenho.

— Ele não quer esteiras, quer meadas que as boas donas de casa tenham fiado nos serões de inverno. Queira Deus não te aconteça alguma! —

Vai dali, arranjou um capote muito usado, pôs um chapeirão na cabeça e umas barbas brancas, e pegando num cajado fingiu-se um velho e dirigiu-se para onde a mulher estava com as esteiras. Com uma voz muito grossa e disfarçada gritou-lhe:

— Então as meadas que tens para corar são essas?

— Sim, senhor Março Marçagão (respondeu ela tranzida de medo).

— Teu marido não te preveniu que eu quero meadas e esteiras não?! Agora espera que eu te ensino! —

Pegou no pau e deu-lhe uma grande sova. Quando se fartou de a castigar, disse-lhe:

— Agora até para o ano!

E foi-se embora.

Quando o homem veio para casa encontrou a mulher sentada à porta, com a roca à cinta, a fiar.

— Que é isso, mulher? Hoje é dia de festa e estás a trabalhar?!

— Ai, marido da minha alma, é que chegou o

Março Marçagão
Cora Meadas
Esteiras não!

— E que te fez, mulher?

— Se o visses, marido! É um velho muito velho que não tem dó de bater na gente!...

— Que te dizia eu?! Bem te preveni que não era de brincadeiras!

Dali por diante foi uma perfeição! Mulher laboriosa, até ali chegava. E nunca mais voltou o Março Marçagão sem que tivesse boas meadas para corar.

Os três desejos

HAVIA um homem muito pobre que casou com uma mulher formosa, mas tão pobre como ele.

Uma noite de inverno, estavam os dois sentados à lareira e começaram a falar na felicidade dos seus vizinhos e conhecidos.

— Ah! (disse a mulher), se eu tivesse o que desejo, com certeza sabia ser mais feliz do que todos eles.

— E eu (respondeu o marido) queria viver no tempo das Fadas, e conhecer uma que fosse tão boa que me fizesse quanto eu lhe pedisse. Seríamos bem felizes! —

Nisto, a casa toda se iluminou, por encanto, e eles viram diante de si uma formosíssima Senhora, que lhes disse:

— Quereis conhecer uma Fada? Pois eu o sou. Ouvindo a vossa conversa, apeteceu-me fazer-vos o que desejardes, mas o meu

poder não vai além de três dons. Escolhei pois o que quiserdes que vos faça, mas atendei bem que serão apenas três coisas. —

E, dito isto, desapareceu. E a casa voltou à sua luz natural.

Os dois ficaram tão atarantados que nem sabiam o que haviam de pedir.

— Cá por mim (disse a mulher), se me deixasses pedir, sei muito bem o que queria, pois me parece que não há nada tão bom como ter beleza, riqueza e nobreza.

— Ora (respondeu o marido), para que serve tudo isso, se a gente estiver doente e triste, e morrer cedo?! Acho melhor desejar saúde, alegria e uma longa vida.

— E de que serve viver muito, se formos pobres? Só serve para sofrer durante mais tempo. A Fada fez muito mal em só nos dar três coisas. Devia conceder-nos, ao menos, doze, para podermos escolher.

— Pois é verdade! Mas, como temos

tempo, pensemos esta noite o que há-de ser.

Nisto, como estava frio, a mulher pegou na tenaz para mexer o lume e disse:

— Que belas brasas! Quem nos dera aqui um chouriço que bem o assávamos e comíamos com gosto. —

Mal acabou estas palavras, cai pela chaminé abaixo um famoso chouriço.

— Grande gulosa! (gritou o marido desesperado). Então não faz com que perca um dom! Era bem feito que o chouriço fosse dependurar-se no teu nariz, para castigo. —

Palavras não eram ditas e o grande chouriço a saltar para o nariz da mulher e a agarrar-se tão fortemente que não havia forças humanas que dele o soltassem. A mulher desatou numa gritaria, descompondo o marido e querendo por força que ele *desejasse* tirar-lhe aquele feio apêndice da sua bonita cara.

— Mas se eu *desejo* isso (observou ele),

não temos nada mais que *desejar*, e acabou-se tudo quanto a Fada nos podia fazer!

— Não me importo! O que não quero é ter isto dependurado no meu nariz! Para que foste mau em mo mandares para cá?!

— Mas eu vou pedir para ser muito rico, e depois mando-te fazer uma caixinha de oiro para lá o meteres.

— Nada, não quero! Ou desejas que fique como era, ou então desejo eu morrer. —

Para que tal desgraça não sucedesse, o homem *desejou* que o chouriço se despegasse do nariz da mulher. E então ela disse-lhe, já risonha:

— Olha, homem, eu desconfio que a Fada esteve a fazer mangação de nós. Mas deixa lá, talvez tivesse razão! Quem sabe se seríamos felizes, escolhendo outras três coisas!... —

E foram assar o chouriço, e comeram-no

com alegria e boa paz.

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

A Princesa muda

ERA uma vez um Rei que tinha uma filha e desejava casá-la antes de morrer, para não haver guerras e questões na sucessão à Coroa.

A Princesa era muito bonita e servida com o maior esmero por suas aias, damas e açafatas; de modo que não havia quem, nesse tempo, a igualasse em elegância e beleza.

Ora um dia, uma das aias que a estava toucando, encontrou-lhe um piolho.

Houve grande alvoroço no Palácio por este acontecimento aflitivo e nunca visto, pois que jamais em cabeça de linda e esmerada Senhora se encontrara uma coisa assim, horrenda e baixa.

O Rei, informado pela grande dama Camareira-mor, do espantoso facto, imediatamente ordenou que esse imundo

animal fosse metido numa saca de farinha, para engordar.

Depois de ali estar algum tempo o piolho tomara tais proporções que logo o Rei mandou que da sua pele se fizesse um pandeiro.

Assim fizeram, correndo tudo em grande segredo. Quando o pandeiro estava pronto, o Rei deu um grande jantar, prevenindo os convidados, Príncipes e Fidalgos da mais alta jerarquia, de que os destinos do País dependiam daquele banquete, pois que a Princesa havia de casar com aquele que adivinhasse de que era feito o pandeiro.

A Princesa, que gostava dum nobre Cavaleiro que, embora não fosse de sangue real, era da mais nobre estirpe, pôs-se à janela e quando ele passava disse:

— Da pele do piolho se fez o pandeiro!...

Foi, porém, tão infeliz que não a ouviu o Fidalgo, e quem ficou sabendo o segredo foi um velho aleijado que andava a pedir

esmola. E este, percebendo que para o Cavaleiro que passava tinham dito aquelas palavras, não lhas quis repetir.

Quando o jantar já ia no fim e todos os convidados ardiam em desejos de ver o pandeiro e adivinhar de que que era feito, tornando-se, o que tivesse tão boa sorte, noivo feliz da linda Princesa e herdeiro da Coroa, o velho Rei mandou-o buscar com todo o cerimonial. Correu o pandeiro de mão em mão, mas, por mais que todos o virassem e revirassem, ninguém adivinhou de que era ele feito.

Nesta ocasião, o pobre pedinte que ouvira a Princesa, e traiçoeiramente se queria aproveitar da sua sorte, chegou à sala do festim e gritou:

— Da pele de piolho se fez o pandeiro. —

Ficaram todos muito tristes, e a Princesa chorava como se pode imaginar, pois em lugar do belo e nobre Cavaleiro que esperava, tinha por noivo um velho

aleijado, feio e pedinte. Ofereceram ao homem muito dinheiro, honras e terras para desistir do casamento. Mas, ambicioso e mau, teimou em só querer o cumprimento da promessa, que era a mão da Princesa herdeira, pois assim, um dia, ele, o Mendigo, seria senhor de todo aquele País, e mandaria em todos, e se vingaria dos fortes e formosos, fidalgos e ricos.

O Rei arrepelava as barbas, com desespero, dizendo maldições à loucura com que quisera entregar à sorte a escolha de um bom marido para a sua filha. Mas como «palavra de Rei não volta atrás», a Princesa, para que a palavra do Rei seu Pai fosse cumprida, tinha por força de casar com o miserável mendigo.

Então a Princesa, revoltada e triste, disse que a palavra do Rei só a obrigava ao casamento, mas não a viver no Palácio Real, e que, casando, teria a condição do marido que lhe era imposto, e o acompanharia

pelo mundo e com ele faria a vida errante de pedinte.

Ninguém acreditou, porém, naquelas palavras que exigiam dela novos tormentos.

Casaram na Igreja e, à saída, a Princesa disse para o mendigo, já seu marido:

— Sei que foram apostados guardas para te matarem à entrada do Palácio. Agora, que a palavra do Rei está cumprida, não haverá na Corte um só homem que te aceite como Senhor. Cedo ou tarde te matarão. E eu nada posso ainda para te defender. O remédio é fugirmos já. E assim cumprirei eu também a minha palavra, fazendo a vida que tinhas, de vagabundo mendigo.

Isto dizia a Princesa, porque tudo preferia a viver na Corte, e perante os que a tinham conhecido feliz, envergonhada por aquele casamento que a má sorte lhe tinha imposto.

O mendigo temeu-se da morte violenta, e

ao mesmo tempo imaginou que a miséria e o cansaço depressa fariam com que a Princesa lhe pedisse para regressarem ao Palácio, e que seria então bem acolhido, ao voltar com a herdeira da Coroa, quando todos a tivessem por desaparecida para sempre.

Fugiram do Palácio, logo depois do casamento, e lá foram, déo em déo, pela estrada fora. Andaram, andaram, até que saíram do Reino e chegaram a uma floresta onde encontraram um rio que a cortava ao meio.

A Princesa, cada vez mais amargurada, não fazia senão pensar na forma de fugir àquele martírio e vergonha. E a morte já lhe parecia um grande benefício. Mas, ao mesmo tempo, a esperança de melhores dias não a queria abandonar.

Cansada e triste, parou ali e disse para o companheiro que tinha muita sede e que lhe desse uma pouca daquela água. O

mendigo alegrava-se de a ver assim desanimada, esperando a todo o momento que ela exigisse o regresso ao Palácio e às comodidades a que fora habituada. E, porque era muito mau, foi-lhe dizendo que estava no começo das suas provações, e que tudo era para castigo do seu orgulho de Princesa, e que para isto quisera a sorte que ele, e mais ninguém, ouvisse o aviso que da janela do Palácio fora dado sobre a pele do pandeiro. Que nem um copo teria para beber água, devendo contentar-se por ele poder agora dar-lha no seu velho e sujo chapéu.

E dizendo isto, com um riso escarninho, dirigiu-se para o rio, e debruçou-se a encher de água o chapéu sebento.

Com o que ouvira, a Princesa ficou ainda mais indignada, e, num impulso de revolta, decidiu fugir a um homem tão mau, e deitou a correr para a floresta.

A PRINCESA MUDA

O mendigo ergueu-se de repente, para a seguir e prender, mas com isto desequilibrou-se e caiu dentro do rio.

A cheia era grande, com as chuvas de inverno que tombavam das montanhas, e o mendigo não se pôde segurar, e foi levado na corrente. Já quando estava a afogar-se, fez um esforço e, estendendo o braço com raiva, amaldiçoou a Princesa, que corria, espavorida. E, desesperado, feroz, rogou-lhe a praga da mudez.

Sentindo-se imediatamente sem fala, a Princesa desatou a chorar e internou-se mais na floresta onde passou a noite sòzinha, cheia de pavor, ouvindo os gritos e uivos dos animais bravios e o grasnido e piar agoirento de aves, sem bem saber se lhe fora melhor a morte que tal vida.

Apesar dos farrapos com que se disfarçara para acompanhar o vagabundo, a Princesa mostrava bem ser uma das mais formosas damas do seu tempo. Mas, de que

lhe servia toda a beleza, se não era mais do que uma pobre mendiga muda?!

No dia seguinte, um Príncipe que por ali andava à caça, viu-a e achou-a tão bonita e desgraçada, que, cheio de respeito e piedade, lhe estendeu mão protectora, esforçando-se por compreender a sua dor. Nobre e generoso Cavaleiro, sabendo bem a protecção que se deve aos fracos e aos infelizes, o Príncipe levou-a para o Palácio, dizendo ao Rei seu Pai:

— Saiba Vossa Majestade que encontrei esta Senhora perdida na floresta. E fiquei tão preso de amor por ela que não procurarei outra esposa, se a sua mudez tiver algum remédio. —

Concordou o velho Soberano, porque a Princesa era de tal forma linda e atraente que muito bem se compreendia o entusiasmo do Príncipe.

Chamaram então os Médicos de todo o Reino e do Estrangeiro, que fizeram

consultas e deram à Princesa remédios sem conta. Mas tudo foi inútil! Por mais que todos os Sábios a tratassem, a Princesa Muda não podia dizer uma palavra, e só por gestos e lágrimas exprimia a sua gratidão e mágoa.

Assim foram passando sete anos, sem que jamais o Príncipe perdesse a esperança de ver a formosa Senhora recobrar a fala, para poder, então, dar-lhe a mão de esposo, e a seu lado, feliz e satisfeito, sentar-se no Trono e tomar as rédeas do governo. Com o Príncipe e com a Princesa estavam também a vontade e o amor do povo, que na infelicidade, bom coração e beleza da Princesa Muda encontrara motivos para lhe dedicar maior simpatia.

Mas o velho Rei é que não quis mais delongas e, em nome da razão de Estado, chamou o filho e disse-lhe com autoridade:
— Que era tempo de se mandar procurar noiva, porque a menina encontrada na

floresta, não recobrava a fala; e assim não era possível consentir em tal casamento, embora compreendendo o seu amor por ela, pois nunca se vira no Trono uma Rainha Muda.

O Príncipe chorava a sua mágoa e a sua revolta, mas teve de resignar-se à tristeza da sorte.

Foi então mandada buscar uma Princesa que estava já designada e pedida, e o Príncipe, apesar do seu amor pela Princesa Muda, não teve remédio se não obedecer ao Rei, seu pai e senhor. Com a morte na alma viu resolvido o casamento e marcado o dia para o celebrar. Ordenara o Príncipe, que a Muda fosse servida como Princesa e vestida como tal, resultando que ela se apresentou mil vezes mais formosa do que todas as outras.

Quando estava já o cortejo disposto a seguir para a Igreja, a noiva, cheia de despeito, ao ver a formosura da Princesa

Muda e a opulência dos seus vestidos reais, gritou:

— Olha a Muda Mudaça, as grandes sedas que arrasta!... —

No meio do assombro geral, respondeu-lhe a Princesa Muda, voltando-se, cheia de dignidade e desprezo:

— Olha a senhora Ladrocaça, que ainda hoje chegou e já falou. E eu, há sete anos que aqui estou, é a primeira fala que dou!... —

Mal o Príncipe soube do acontecido, correu, cheio de alegria, a dar a mão à sua verdadeira noiva, pois era a escolhida do seu coração, e, despedindo a intrusa, declarou que só casaria com a Muda, que, recobrando a fala completamente, lhe contou toda a sua vida.

O Príncipe mandou logo um emissário ao pai da Princesa, que ficou satisfeitíssimo por tornar a ver a filha, que julgava perdida, e demais a mais vê-la casada com um tão

perfeito Príncipe, herdeiro dum grande Reino, vizinho dos seus Estados.

Houve grandes festas e regozijos, vivendo muito ano, e sempre alegres e felizes, o Príncipe fiel ao seu amor e a Princesa que, para o encontrar e por ele ser salva, passara tanta desgraça. A sorte muito a experimentara mas, afinal, para seu maior bem.

ÍNDICE

Contos, Fábulas, Facécias e Exemplos da Tradição Popular Portuguesa

II VOLUME

A Coruja Fiadora e outras Fábulas

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

A coruja fiadora

NO Reino das Aves apareceu, em certa ocasião, um pássaro, de que não se sabe o verdadeiro nome. Era tão depenado e feio que logo se tornou conhecido pela triste alcunha de «Pinto-nu».

Toda a mais passarada se ria dele a bom rir, e ninguém da sua desgraça tinha dó.

Se, ganhando coragem, alguma vez intentava meter-se entre os colegas, ser da sua sociedade, conversar, enfim, amigàvelmente, corriam-no à bicada e faziam tanta troça dele que o pobre ia esconder-se, debulhado em pranto, no primeiro buraco ou moita com que deparava.

A Coruja — que é uma boa criatura apesar do seu feio aspecto — tanto se condoeu quando ouviu as lamentações do Pinto-nu, que resolveu protegê-lo.

A CORUJA FIADORA

Pega em si, chamou o Pinto-nu, garantiu-lhe a sua protecção e foi com ele até onde se reunia a passarada mais das suas relações. Apresentou o protegido como desventurado sem culpa nenhuma. E pediu para ele a piedade e atenção dos seus colegas. E tanto bradou, tão bem soube falar ao coração das aves, que por fim elas, todas à uma, lhe disseram:

— Tens falado como um livro aberto, ó Coruja. Nem outra coisa era de esperar da tua inteligência e sabedoria! Mas nós estamos já tão cansadas e fartas de socorrer miseráveis, que ainda por cima escarnecem de nós e nos ficam a dever! Nada, por isto, daremos a este necessitado sem que nos dê boa fiança de um empréstimo. Se tu ficas por ele, cada uma de nós lhe dará uma pena, que nos pagará para o ano novo. E ficará vestido que nem um Príncipe. Agora se tu não quiseres ser sua fiadora, que se arranje como puder,

porque nós não estamos para ouvir mais lamúrias!

— Pois seja (tornou a Coruja)! Ficarei por fiadora do Pinto-nu. E estou certa que ele me não deixará ficar mal colocada com os meus amigos. Não é verdade isto, Pinto-nu?!...

— Ó senhora Coruja, pode confiar absolutamente em mim! Serei um seu escravo, e o meu reconhecimento será eterno!

Assim choramingou, enternecido, o Pinto-nu, batendo ao mesmo tempo o bico, cheio de frio e de vergonha.

Aceitaram as aves servir o Pinto-nu, com a fiança da Coruja. E cada uma por sua vez deu uma pena ao desprezado, que, num momento, se encontrou vestido e belo entre os mais belos e bem vestidos passarolos. Mas o que fora Pinto-nu, mal se apanhou vestido e emplumado, bateu as asas *e por aqui me sirvo!...* Ninguém mais lhe pôs a

vista em cima, nem ele mais deu sinal de si!

A pobre Coruja, que se tinha comprometido com as outras aves como sua fiadora, ficou por tal forma envergonhada que nunca mais quis sair ao campo durante o dia, pois na verdade não tinha maneira de pagar uma dívida tão grande, por muito ano que vivesse.

E dizem que é este o motivo porque ela, daí por diante, ficou sendo uma ave nocturna.

Vejam que ingrato foi o Pinto-nu!... E quantos assim há, por esse mundo de Cristo!... Quantos Pintos-nus pedincham e prometem, valendo-se de qualquer desgraça, fingida ou verdadeira, e pagam, depois de servidos, com negra e baixa ingratidão e muita maldade!

A finura da raposa

NO tempo em que os animais falavam, cada espécie tinha o seu Rei ou Rainha. E viviam em sociedades, organizadas tão bem ou melhor do que hoje são as dos homens. Quase todos escolhiam para seus governantes, não um animal da sua natureza e feitio, o que não imporia respeito a brutinhos daqueles, mas sim Feiticeiras e Fadas, Lobishomens e Génios, conforme os seus gostos mais ou menos apurados.

Quando alguma coisa havia a discutir de interesse geral reuniam-se os Soberanos no palácio do Rei dos leões, o Rei dos Génios, porque também o leão é o Rei dos animais. E acontecia às vezes que entre os reis e rainhas se levantavam graves questões, porque todos queriam apregoar a superioridade natural do seu povo.

Assim, um dia que estava reunido o

conselho para tratar de negócios importantes, deu-se um facto de que iam resultando graves transtornos. A Rainha das raposas, uma Fadazinha gentil, muito viva e esperta, com o focinhito aguçado, sempre pronta a saborear a carne das galinhas, tomou, sem mais cerimónias, o primeiro lugar.

Vem de lá a Rainha dos lobos, uma Bruxa muito feia e velha, só amiga de andar de noite, de olhos chamejantes e dentes agudos, e gritou e berrou que aquele lugar lhe pertencia, pois os lobos valiam mais do que as raposas.

Nisto chegou a Rainha das Cegonhas e disse que, de direito, o lugar lhe pertencia a ela, por serem as aves coisa muito superior aos quadrúpedes.

O caso complicava-se de forma que, para as acalmar, o Rei dos Génios interveio dizendo:

— O mundo é dos mais finos, e no

conselho terá o primeiro lugar aquela das três Rainhas que na próxima reunião prove governar o povo de maior esperteza.

Postas as coisas neste ponto, levantou-se a sessão e as três Rainhas despediram-se furiosas, mas aparentando cortesia. A das raposas subiu para um carrinho de vime e, cumprimentando graciosa, foi um instante enquanto desapareceu, puxada por duas das suas espertas vassalas. A das cegonhas deitou-se numa rede que foi levada por ares e ventos, segura nos bicos daquelas pensativas aves. A dos lobos, montada num desses feios animais, lá foi, mais arreliada que nenhuma outra, mostrando os dentes ameaçadores, feia como a peste.

Por indicação da sua Rainha, passados dias a Cegonha foi ter com a Raposa e disse-lhe, com toda a gentileza que a sua gravidade permitia:

— Comadre Raposa, venho aqui

convidar-te, porque tenho lá umas papas de milho para a merenda. Como gostas muito desse acepipe, lembrei-me de o partilhar contigo.

Gulosa, a Raposa respondeu:

— Ó comadre Cegonha, da melhor vontade te acompanho, e desde já te agradeço tanta delicadeza.

Dirigiram-se as duas a casa da Cegonha, que já tinha deitado numa almotolia o precioso manjar. Metia o comprido bico e comia à vontade, enquanto a pobre Raposa apenas podia lamber do chão o que a Cegonha deixava cair.

A Raposinha estava furiosa, mas não confessou o seu desprazer, agradecendo até à comadre Cegonha a sua amabilidade, com muitas vénias da cauda e sorrisos amarelos. Lá no seu íntimo jurava vingar-se. Passados dias, foi ela a casa da Cegonha dizendo:

— Bons dias, comadre, então como tens

passado? Venho aqui convidar-te para jantares hoje comigo.

— Pois não, comadre Raposa, da melhor vontade!

Foram as duas a casa da Raposa, que logo deitou numa laje, bem espalhadas, grande porção de papas. Ora ela tinha boa língua e lambia tudo, enquanto a triste Cegonha com a ponta do bico mal lhe tomava o cheiro. E fugiu envergonhada porque a Raposa soubera ser mais fina.

A raposa tanto comera que, de farta, se deixou adormecer. Passou por ali um sardinheiro que andava com um burro carregado a vender sardinha pelas aldeias. E, vendo a raposa, imaginou-a morta, e lembrou-se de a levar para ganhar algum dinheiro mostrando-a a donos de galinhas.

A finória acordou, mas, achando-se bem, continuou a fingir-se morta, comendo a sua sardinha de quando em quando, para abrir o apetite. O homem, adiante, puxava pela

corda do burro e de vez em quando ouvia:

— Raposinha gaiteira, farta de papas anda à cavaleira.

Olhava para trás e não via ninguém. Admirava-se muito, mas nem por sombras supôs ser a Raposa quem isto dizia, pois a julgava morta e bem morta. Voltava a caminhar, e tornava outra vez a ouvir:

— Raposinha gaiteira, farta de papas anda à cavaleira!

Assim foi todo o caminho, até que, chegados a uma casa onde o homem ia fazer negócio, ela saltou de cima do burro e fugiu.

Bem gritou o homenzinho que estava desgraçado, que a patifa lhe tinha comido as sardinhas, mas a bela da raposa onde estaria já! Foi atrás dela, campos fora, até que se cansou. A Raposa, que esperava isto mesmo, foi andando até encontrar o Lobo que lhe disse:

— Olá, comadre Raposa, então vens a fugir?

— Ai, amigo Lobo, tudo por tua causa! Venho aqui morta de cansaço, para te prevenir que uns homens muito maus te querem matar. É preciso fugir!

— Então fujamos depressa.

— Pois sim, mas tu hás-de levar-me às costas, porque eu estou estafada por tua causa.

O Lobo pô-la às cavalitas e partiram.

Chegaram a um rio, e fingindo-se aflita, disse a Raposa:

— Ai, compadre Lobo, que não podemos atravessar! Tens que beber a água toda; não há outro remédio!

O brutinho bebeu, bebeu e depois quase não se podia mexer. Foram porém andando até que chegaram a uma eira onde um rancho de homens estava a malhar. Mal viram o lobo e a raposa, fizeram grande alarido. Então ela disse:

— Olha, compadre Lobo, são aqueles os homens que te querem matar. Lança-lhes o rio.

O Lobo assim fez, mas os homens vieram de lá com os mangoais e, como ele não podia correr por estar ainda muito cheio de água, deram-lhe pancadaria basta.

A Raposa fugiu, a rir. E foi contar à sua Rainha as partidas que tinha feito aos dois adversários. Ficou muito contente a Soberana, e no primeiro conselho apareceu triunfante, tendo desde esse dia o primeiro lugar, o que aumentava a fúria da Bruxa, Rainha dos lobos, e tornava cada vez mais triste a Fada, Rainha das cegonhas.

A raposa que foi ao galinheiro

Um dia a Raposa, que rondava havia muito pela porta de um rico lavrador, dono de farta capoeira, descobriu nesta um buraco. Como o buraco era pequeno encolheu-se quanto possível, e, fazendo-se esguia, conseguiu caber por ele.

Ia só para estudar o caminho (pensava ela), e depois voltaria por lugar mais seguro e fácil.

Mas o mau foi apanhar-se lá dentro, pois assim que viu diante dos seus olhos as galinhas, galos, frangos, patos e perus, não teve mão na gula, deitou-se a eles e comeu, comeu, até se abarrotar.

No melhor da festa, quando já estava que se não podia mexer, sentiu passos no pátio e quis fugir por onde entrara. Foi-lhe impossível! O buraco por onde coubera com a barriga vazia, não lhe deu passagem com

ela cheia a mais não poder, por grandes esforços que fizesse. Sentindo-se perdida, de que se há-de lembrar a grande manhosa? De fingir-se morta!

Deitou-se no meio do chão, muito estendida, com a língua entre os dentes, tal como se tivesse morrido de farta.

Quando o lavrador veio, de manhã, abrir a porta à criação, caiu-lhe a alma aos pés.

Os pobres animais que a gulotona não comera, matara-os e deixara-os de lado. Cheio de raiva ia para lhe dar uma paulada, gritando:

— Ah grande marota que estrago me fizeste na capoeira!...

Mas, tocando-lhe com o pé, imaginou-a já morta e, em vez de lhe bater, agarrou-lhe pelas pernas e atirou-a para a horta, dizendo:

— Tanto comeste que arrebentaste! Foi bem feito! Fica-te para aí, que logo te enterro, malvada!

A espertalhona, logo que se viu fora da capoeira, deu um pulo, e pernas para que te quero! Aquilo, foi fugir, campos fora, que nunca mais lhe puseram a vista em cima.

Então o lavrador jurou a si mesmo nunca mais se fiar em pessoas intrujonas, nem mesmo quando parecessem mortas.

A raposa, o gaio e o doutor mocho

O Gaio, que é um bonito pássaro de vistosa plumagem, tinha muito medo dos ladrões e dos assassinos. Por isto foi fazer o seu ninho escondido no mais alto de uma carvalheira.

A Raposa, que anda sempre a rondar para fazer mal aos pobres inocentes, porque vive de matar e comer a carne das suas presas, passou por baixo da árvore e ouviu o chilrear dos pequeninos gaios, muito alegres com a chegada dos pais que lhes traziam o sustento. Volta-se para cima e diz:

— Dá-me já um dos teus filhos, ó Gaio, senão deito esta árvore abaixo e como-os todos.

O pobre Gaio, julgando toda a ninhada em perigo, assustou-se, e sacrificou um dos filhos para salvar os outros.

A Zorra comeu-o de uma só dentada, lambeu os beiços, e foi-se embora, não se importando nada com os lamentos das pobres aves, que choravam lá em cima na carvalheira.

No dia seguinte voltou ela, e disse a mesma coisa.

Mas o Gaio desesperado, respondeu-lhe:

— Pois deita a árvore abaixo, que não me importo. Antes quero que morramos todos juntos do que entregar-te mais um filho.

A astuciosa que fez? Foi a toda a pressa a uma ribeira que corria próximo, molhou a cauda na água e voltou para a carvalheira, a correr, e com a cauda muito empavesada. Como lhe batia o sol, brilhava como a folha de uma navalha afiada, e o Gaio, que é timorato, assustou-se e gritou:

— Não cortes a árvore, que eu te dou mais um dos meus filhos.

Foi o que a Raposa quis ouvir. Apanhou

na boca o filhote do Gaio, e engoliu-o, indo-se embora toda regalada.

Nessa tarde, o Gaio tirou-se dos seus cuidados e foi consultar o Doutor Mocho, conhecido entre todos os outros animais pela sua esperteza e bom conselho. Contou-lhe todos os seus desgostos, desde que a Zorra lhe descobrira o poiso.

— Não te assustes (afirmou-lhe o Mocho, com ponderação), que eu nunca ouvi dizer, nem li nos livros sábios, que, seco ou molhado, o rabo de uma Raposa possa cortar uma árvore.

O Gaio foi para o seu ninho mais animado, e quando a Raposa voltou, a pedir-lhe outro filho sob pena de cortar o tronco da carvalheira e a deitar abaixo, declarou:

— Não tenho medo, porque nunca se viu nem se ouviu que nenhum rabo de Zorra tenha cortado o tronco de uma árvore.

A Raposa ficou furiosa e resmungou:

— Já sei, já sei. Isso foram conselhos do Doutor Mocho. Ele há-de vir a cair-me nas unhas, e então mas pagará.

Dias depois foi o Doutor Mocho chamado a advogar uma causa importante, mas, como era longe, foi montado num burro. Chovera muito e os caminhos estavam de maneira que o pobre jumento caiu. E assim o Mocho e a sua montada ficaram atascados na lama.

A Zorra, que assistira à cena escondida atrás de uma sebe, saltou de lá e filou o pobre Sábio.

— Bravo, minha querida Raposa (disse-lhe o triste Mocho, fazendo das tripas coração, quando já lhe estava entre os dentes)! Desta vez mostraste que és, como toda a gente diz, o mais esperto dos bichos. A tua vitória é tão grande, por teres conseguido apanhar um Sábio como eu, que deves gritar aos quatro ventos: — Mocho comi! Mocho comi!

A Zorra encheu-se de vaidade, e abriu a boca para gritar:

— Mocho comi!

O sábio Doutor, vendo-se livre dos seus dentes, voou com quanta força tinha, respondendo lá do alto:

— A outro sim, que nanja a mim!

Desta maneira se perdem, pela vaidade, os que mais espertos se julgam.

A raposa e o sapo

UM dia a Raposa foi ter com o Sapo, e disse-lhe:

— Ó compadre, vamos nós a semear uma ceara[*] de trigo, a meias?

— Pois vamos (respondeu ele), mas como eu sou muito esquecido, em sendo tempo de fazer a sementeira, venha a comadre prevenir-me para tratarmos disso.

Quando veio a ocasião própria de fazer a sementeira, a Raposa foi ter com o compadre Sapo, e semearam uma porção de terra.

Chegou o tempo da monda, e foram os dois para o campo trabalhar. Depois veio o tempo de meter a foice no trigo já maduro, e a comadre disse para o Sapo:

— Olhe, compadre, arranje quem o

---

[*] Deverá ler-se *seara*.

ajude na tarefa, porque eu sou mais desembaraçada, e não estou para ceifar tudo. Em compensação, eu trarei para a merenda um rico manjar, uma panela de manteiga deliciosa.

O guloso do Sapo todo se alegrou só com a ideia da lambarice, e foi pedir ao compadre Texugo para o ajudar na ceifa.

A Raposa não faltou com a manteiga, e os três puseram-se ao trabalho com tanto afinco que, à hora do almoço, já estava uma grande porção de campo ceifado. Disse então o Sapo:

— Comadre, vá buscar a manteiga e vamos ao nosso almoço!

— Ora! Estamos tão cansados que nem nos pode saber bem. É melhor dormirmos primeiro a sesta, e depois almoçaremos. Agora já os previno: aquele que estiver suado é porque foi comer a manteiga enquanto os outros dormiam.

Deitaram-se à sombra de uma árvore e

não tardou nada que o Texugo e o Sapo pegassem no sono, como quem muito se tinha cansado de manhã. A Raposa, como esperta que é, deixou-os estar bem adormecidos, levantou-se, comeu a manteiga toda, e depois, com uma pouca de água, regou à vontade os dois dorminhocos, para depois dizer que tinham suado e portanto comido a merenda.

Deitou-se e adormeceu também como pessoa sem cuidados. Quando o Sapo e o Texugo acordaram e viram a panela vazia, começaram a gritar. A grande manhosa fingiu-se muito espantada, e ainda ralhou com eles e os chamou ladrões da sua manteiga, pois eles é que estavam suados, sinal de a terem comido. Quis bater-lhes, e obrigou-os a trabalhar todo o dia sem comerem nada.

Passados dias foi outra vez ter com o compadre e disse-lhe:

— É tempo de carregarmos o trigo para

a eira e fazermos a debulha.

Assim que viu o grão limpo e bem arneirado na eira, disse-lhe ainda:

— Compadre Sapo, vamos a fazer uma combinação?

— Pois vamos. Diga lá a comadre o que é.

— Para não termos o trabalho de dividir a nossa colheita, vamos pôr-nos os dois no campo e corrermos ao desafio até à eira. O que chegar lá primeiro ficará sendo o dono de tudo.

O Sapo disse que sim, mas como já estava muito farto de ser enganado, foi a uma ribeira chamar os seus irmãos, e pediu-lhes que uns fossem para a eira carregar o trigo para casa dele e outros se fossem pondo pela estrada fora, seguindo o caminho que a Raposa havia de levar. Quando ela gritasse por ele: — «Compadre Sapo!», eles responderiam: — «Cá vou, cá vou». Isto para que a Raposa supusesse que

iam sempre correndo a par.

Os dois foram para o campo onde tinham a seara, e a finória, fiada nas suas pernas, estava satisfeitíssima. Desataram a correr, e o compadre Sapo ficou logo para trás, mas a comadre Raposa não o imaginava, porque todo o caminho o ia chamando:

— Compadre Sapo!...

E os outros, pela estrada fora, iam-lhe respondendo sempre:

— Cá vou, cá vou!

Muito intrigada, chegou à eira, e ficou surpreendida e desesperada, não encontrando nem um grão de trigo, que todos os Sapos tinham carregado para casa do senhor compadre.

A Raposa, cheia de vergonha, fugiu para a sua toca. E desta forma, o Sapo enganou aquela vaidosa e desleal companheira, que se julgava muito esperta.

Assim, muitas vezes, os que querem

enganar são enganados, só causando regozijo a quem lhes conhece as traças e as pode evitar.

A raposa e o lobo

ERA uma vez uma Raposa... Ora as raposas têm-se na conta de muito espertas. E todos o crêem, dizendo-se até que ninguém as vence em manhas e finuras.

Tinha ela uma ninhada de raposinhos que achava umas formosuras, mesmo umas estampas! — quando afinal, se há animais de mau focinho, são as raposas pequenas, benza-as Deus! Mas era mãe, e as mães só vêem perfeições nos seus filhos.

A Raposa tremia de susto quando saía da toca, não fosse lá bicho inimigo dar-lhe cabo da filharada. Noites de sossego nunca mais tivera, e até a caça, que lhe costumava correr tão bem, era feita como que a medo, quase sem proveito.

Ora esta Raposa tinha por compadre um Lobo de boas maneiras e falinhas mansas, que era o terror da região. Com ele vivia em

boa harmonia, mas, pelo sim pelo não, vá de não se fiar de todo na sua bondade. Não o dava a mostrar, mas lá de si para si tinha o Lobo na conta — merecida afinal — do pior maroto da vizinhança.

Temendo a Raposa pela vida dos filhos, pensou desviar qualquer ideia sinistra do Lobo com respeito aos seus pobres cachorrinhos. E que havia de imaginar?

Foi procurá-lo e disse-lhe:

— Caro amigo e compadre, sei de uma Cadela que tem uma ninhada de cachorros que estão mesmo a calhar para uma boa merenda para ti.

— Dize lá onde mora, que vou já de caminho. A caça agora não é muita, e eu ando atrasado em paparoca.

— Digo-te onde é, mas com a condição de não comeres os meus filhos.

— Está dito. Não sabia que tinhas agora filhos... Mas fica certa que eu hei-de respeitá-los como teus e não lhes tocarei.

Diz-me onde encontrar os cachorros da Cadela e, se vivem perto dos teus, como hei-de eu diferençá-los.

— Ora essa! (redarguiu, não pouco escandalizada, a senhora Raposa) como hás-de de diferençá-los?! Muito fàcilmente! Onde tu, compadre Lobo, vires uns monstruzinhos muito feios e trombudos, tens certo o banquete que eu te vim cá descobrir. Os meus filhos, esses, são lindos como os amores!...

— Está bem!... Fico-te obrigado, e farei como dizes.

E foi-se o Lobo, todo lépido, em cata dos cachorros, enquanto a Raposa, já tranquila sobre o destino dos filhos, foi também dar o seu giro pelo mato.

De volta ao covil, a comadre Raposa ia matutando na *partida* que fizera. Orgulhosa da sua obra, esfregava as patas de contente. Que lhe importava a sorte dos filhos da pobre Cadela?! O que queria era

salvar os seus! Este egoísmo não é para admirar nos brutos — se há tanta alma cristã que padece do mesmo pecado!

Ao chegar à toca, ficou assombrada não vendo nem rastro dos filhos.

Correu tudo, chamou em altos gritos soluçados, mas nada! Lembrou-se então de ir ao poiso da Cadela saber alguma coisa. Lá estavam os cãezinhos, sãos como uns peros. A mãe, muito contente, dava-lhes o leite a mamar, mas quando a Raposa lhe perguntou se sabia dos seus, respondeu, contristada:

— Não sei, não. Mas olha que por aqui andou o Lobo a rondar. Quando voltei da caça encontrei os meus cachorros cheios de susto.

— Foi o Lobo, não há que ver, que me comeu os filhos! (gemeu a Raposa);

E correu a procurar o Lobo.

— Então que fizeste (clamou ainda a distância), malvado sem coração nem

palavra?! Os meus filhos não os encontro, e os da Cadela estão ainda vivos...

— Que fiz? Comi uns cachorros muito feios, de focinhos agudos... Gordos e tenrinhos, lá isso estavam! E os teus lá os deixei como os vi, muito espertalhotes e finos. Dou-te os parabéns, pois que são lindos a valer.

— Pobre de mim, (gritou a Raposa arrepelando-se) que vim meter os meus filhos na boca do Lobo!

E fugiu para a caverna, a esconder a sua dor e a sua vergonha.

Aquela espertalhona levou assim o castigo de querer fazer mal aos outros para se livrar a si de qualquer perigo ou desgraça.

A raposa, o pescador e a pérola

IA certa raposa, de caminho por uma praia do mar, sempre atrevida e lampeira, olhando e farejando, para descobrir e caçar qualquer presa, como é seu costume. Trotou horas a fio, sem nada encontrar que lhe matasse a fome. Até que, num relance, viu, mesmo à borda de água, uma coisa que lhe pareceu um bom pedaço de carne metido numa concha.

Sem mais cuidados, saltou-lhe em cima e avançou o focinho para ferrar o dente guloso no manjar que a sorte lhe deparara. Mas a sorte nem sempre serve os atrevidos.

Aquele pedaço de carne era uma ostra muito grande, que, por qualquer acaso arrancada ao rochedo onde estava presa no fundo do mar, as ondas tinham arrastado para a praia.

Mal o focinho da raposa lhe tocou, a

ostra fechou-se, tão de repente e com tanta força, que lhe prendeu as ventas entre as duas conchas.

A raposa aflita, respirando a custo, fez quanto pôde para se desembaraçar daquele cadeado. Mas por mais que, no seu desespero, batesse com o focinho ferido na areia e nas rochas, não conseguia libertar-se.

Por fim morreram ambas, a raposa atrevida e a ostra que não mais quis abrir-se.

Mais tarde passou ao longo da praia um pobre pescador, que por ali andava na sua faina. Viu de longe o corpo da raposa morta. Abeirou-se remando, e saltou para a praia, pensando esfolar a raposa e ficar-lhe com a pele, pois já seria bom e não esperado ganho da labuta daquele dia.

Com muito espanto viu o focinho da raposa preso nas conchas de uma grande ostra. Então abriu esta com todo o cuidado,

para de qualquer modo a aproveitar.

Imagine-se a alegria do pobre pescador, quando, abertas as conchas da ostra, deparou com uma formosa pérola. Sem querer saber de mais nada, soltou a pérola que a sorte lhe dera, e levou-a consigo para a vender na mais próxima cidade.

A pérola vendida fez a sua fortuna e aumentou a riqueza do mercador que lha comprou.

Guardado está o bocado para quem o há-de comer. E nos caminhos da sorte se encontra a vida e a morte.

O lobo e a mãe do menino

ERA uma vez um menino muito esperto e vivo, mas por demais turbulento e desinquieto. Com isto arreliava a mãe que muito lhe queria, mas não tinha descanso com ele.

Quando estava em casa, mexia em tudo, saltava para cima das mesas, parava o pêndulo do relógio, debruçava-se das janelas, e atormentava o gato caseiro, com puxões na cauda e outras pirraças. Fazia, enfim, tantas e tais diabruras que a mãe, muitas vezes, se zangava e lhe dizia:

— Se continuas a ser mau, um dia chamo o lobo que te há-de comer.

Em vez de se emendar, o menino endiabrado fugia para o quintal, perseguia a criação, quebrava os ovos na capoeira, abria a torneira da água, berrava como um louco, fazia todas as maldades que podiam

afligir a pobre mãe. Nada conseguindo com os seus conselhos e castigos, voltava a mãe a ameaçá-lo, para o aquietar:

— Se continuas assim, um dia chamo o lobo para te comer.

Tantas vezes repetiu esta ameaça que por fim o gato, vítima dos maus tratos do menino, acreditou que ela a cumpriria, e resolveu livrar-se, o mais cedo que pudesse, do seu perseguidor. Tirou-se dos seus cuidados e preguiça, e certa noite, escapando-se de casa, correu a uma serra onde vivia um grande lobo feroz.

De longe, mal viu o lobo, gritou-lhe:

— Compadre lobo, venho como amigo, dar-te uma boa notícia.

E depois de virem à fala, explicou-se:

— A minha dona tem um filho muito mau que faz mil disparates e não me deixa sossegado. E a mãe está sempre a dizer que um dia te chama para o comeres. Vê se aproveitas, e me dás assim o sossego

perdido.

— Tudo isso é verdade, compadre gato?

— Tudo verdade (tornou o gato à pergunta do lobo). E mais, não entres em casa da minha dona, sem que tu mesmo a oiças chamar-te para te entregar o filho e o comeres.

— Assim farei, compadre gato. E muito obrigado te fico por teres vindo avisar-me de tão longe. Amanhã, ao cair da noite, descerei ao povoado, e lá irei ver o que me quer a mãe desse teu perseguidor.

Separaram-se os dois, com muitas amizades, seguindo cada um o seu caminho, e pensando ambos no gosto que teriam, o lobo comendo o menino, e o gato vendo-se livre das suas pirraças.

Na noite seguinte, quando o pequeno estava pior do que nunca, a mãe, bradando, ameaçou-o:

— Deixa, deixa, que um dia chamo o lobo, que te há-de comer!

Mal ouviu isto, o lobo saltou de contente e, batendo com força na porta da casa, uivou:

— Aqui estou! Aqui estou ao teu chamado!...

O pequeno ficou como louco de medo. E então a mãe foi buscar um machado para matar o lobo, atirou-lhe com água para cima do lombo, insultou-o, e chamou os vizinhos para a ajudarem a castigar o malvado que lhe queria levar o seu filhinho. E para este dizia:

— Descansa, meu menino, que havemos de matar o lobo!

Então, maltratado e perseguido por aquela mulher sem medo, que, de machado em punho, clamava pela vizinhança contra o assassino traidor, o lobo deitou a fugir, dizendo:

— Que tal foi a aventura!... Não querem lá ver?!... Esta mulher é das tais que diz uma coisa e faz outra.

E, já longe e livre do perigo em que se metera, ia repetindo:

— O compadre gato não mentiu, mas eu é que fui tolo em acreditar em falas de mulheres!

O gato não ficara menos espantado com a mudança repentina da sua dona. Mas depois, matutando que não é fácil aos animais compreenderem o que sentem os seres humanos, acabou por concluir que as ameaças de mãe não saem do coração.

E lamentava-se, lá para consigo:

— Fui desleal para com a minha dona e, sem querer, fiz mal ao compadre lobo. E não ganhei o meu sossego!

Mas nisto se enganava o gato, porque, desde então, o menino começou a emendar-se. E muito mais por amor da mãe que, por sua causa, vira enfrentar corajosamente o lobo, do que por todo o medo que tivera ao sentir perto o perigo em que jamais acreditara.

O conto da cabacinha

ERA uma vez um casal muito amigo, marido e mulher, já velhos mas ainda fortes e desembaraçados, que vivia numa aldeia da serra.

Tinham uma só filha, que casara e fora viver para o campo. Quando teve um menino e lhes deu a boa nova, mandou-lhes também a filha pedir que fossem ver o netinho no próprio dia em que ele se tornava cristão, assistindo ao baptizado.

O marido não podia, de todo em todo, afastar-se do seu trabalho naquele dia. E então a mulher disse que também ela não iria, porque muito medo tinha aos lobos. Mas a filha teimou que ao menos fosse a Mãe e, podendo mais o amor de que todo o seu medo, sempre se resolveu. O marido recomendou-lhe muito que não se metesse a corta-mato e voltasse a casa antes do cair

da noite. E, confiando no seu juízo, lá a deixou partir.

Pôs-se a mulher a caminho, e já ia longe quando encontrou um lobo que lhe disse:

— Ai velha, que te como!

— Não comas (respondeu ela), que logo te trago um bolinho do baptizado.

E o lobo deixou-a seguir.

Mais adiante encontrou uma raposa, que lhe disse:

— Ai velha, que te como!

— Não comas, que logo te trago um bolinho do baptizado.

E também a raposa a deixou seguir.

Quando chegou ao *monte* onde a filha vivia, disse a velhinha, mal refeita do susto:

— Ai que apoquentada venho! Estou mais morta do que viva! Encontrei no caminho um lobo e uma raposa que queriam comer-me. Salvei-me prometendo levar-lhes bolos do baptizado.

A filha pensou lá para consigo que a

Mãe vira apenas o medo, e agora estava a rir-se dele. Mas teve respeito e apenas disse:

— Deixe estar que tudo se arranjará. Assiste ao baptizado, janta descansada, e sai daqui ainda com horas de sol. E leva os bolos que quiser, para o Pai, ou para os lobos e raposas do caminho.

Fez-se o baptizado com grande festa, jantaram, demoraram-se a conversar e a ver o menino, e já era tarde quando a velhinha se quis ir embora.

A filha e o genro pediram-lhe que ficasse para o dia seguinte, mas não conseguiram convencê-la, pois de modo algum queria deixar o seu velho em cuidados.

— Então vai alguém acompanhá-la (disseram os filhos).

— Também não quero (respondeu a velhinha, toda animosa). Dêem-me, antes, uma cabaça, para eu, lá para a serra, me meter dentro dela. Assim irei sossegada,

porque nem raposas nem lobos me podem conhecer.

Os filhos acharam-lhe graça e, convencidos também de que tudo aquilo era imaginar medos e formas de os enganar, deram-lhe uma grande cabaça, e despediram-se da velhinha, com muito sossego e alegria.

Pôs-se a mulher a caminho, e assim que se viu sòzinha e já tarde, no meio da serra, enfiou-se na cabaça, e continuou a andar, mais afoita.

Lá para diante encontrou a raposa que lhe perguntou:

— Cabacinha, encontraste por aí uma velhinha?

— Nem velhinha nem velhão.

Corre, corre, cabacinha

Corre, corre, cabação. —

E só deixou de correr quando estava já longe da raposa. Continuou a andar, e mais adiante encontrou o lobo que lhe

perguntou:

— Cabacinha, encontraste por aí uma velhinha?

— Nem velhinha, nem velhão.

Corre, corre, cabacinha

Corre, corre, cabação. —

E desatou a correr, para se afastar do lobo. Mas não viu uma grande pedra que estava no meio do caminho. Caiu sobre ela e a cabaça partiu-se.

O lobo, que estava de longe a olhar, veio a correr, sôfrego e cheio de raiva, abriu a bocarra e engoliu a velhinha.

Passou o dia, veio a noite, e o velho, que voltara a casa depois do trabalho feito, começou a apoquentar-se.

Andavam devagar as horas da noite, e a velhinha sem aparecer, e o marido cada vez mais aflito.

Parece que adivinhava. Armou-se com o seu machado e faca de mato e, ainda antes do alvor, já ele seguia à procura da mulher.

Ao romper do sol, quando atravessava um pinhal, viu o lobo, tão empanzinado que nem podia correr, a esgueirar-se para uns penedos. Foi-se a ele, com toda a coragem, e matou-o. E depois, porque a esperança de salvar a mulher nunca o abandonara, abriu a barriga do lobo, com todo o cuidado.

Qual não foi a sua alegria quando viu a velhinha sair, muito contente, da barriga do lobo!

Abraçaram-se, felizes, e foram para casa, jurando nunca mais fazerem qualquer jornada um sem o outro.

E, lembrando embora o perigo e aflições que tinham passado, viveram sossegados e satisfeitos o resto dos seus dias.

História da Carochinha

A Carochinha achou cinco réis ao varrer a cozinha e, doida de alegria, foi a correr pôr-se à janela a gritar:

— Quem quer casar com a Carochinha, que é rica e formosinha?

Passa um cavalo e diz:

— Quero eu, quero eu!

— Como falas tu?

— Falo assim (e começou a relinchar).

— Ai, Deus me livre, que me acordas a vizinhança.

O cavalo foi-se embora, e ela continuou:

— Quem quer casar com a Carochinha, que é rica e formosinha?

Passou um burro:

— Quero eu, quero eu, quero eu!

— Como falas tu?

— Falo assim (e começou a zurrar).

— Deus me livre, acordarias a

vizinhança!

O burro foi-se, de orelha murcha.

— Quem quer casar com a Carochinha, que é rica e formosinha?

— Quero eu, quero eu (disse o porco).

— Então como é a tua fala?

O porco grunhiu tão desafinadamente que a Carochinha pôs as mãos na cabeça, gritando:

— Deus me livre, acordarias toda a vizinhança!

E continuou, muito esperta, à sua janela:

— Quem quer casar com a Carochinha, que é rica e formosinha?

Passa um gato:

— Quero eu, quero eu!

— Então como falas tu?

— Falo assim: miau, miau, miau!

— Credo! Acordarias a vizinhança!

E continuava:

— Quem quer casar com a Carochinha,

que é rica e formosinha?

— Quero eu, quero eu, quero eu (disse o carneiro, que passava).

— Como é a tua fala?

— É assim: mé, méé, mééé...

— Não te quero, acordarias a vizinhança.

E tornou a bradar, da janela abaixo:

— Quem quer casar com a Carochinha, que é rica e formosinha?

— Quero eu, quero eu, quero eu!... (disse um ratinho esperto, que passava pela rua).

— Então como é a tua voz?

— Chii! Chii! Chii!...

— Quero-te a ti, quero-te a ti, que não incomodas ninguém.

Casaram, fizeram uma grande boda e estavam muito satisfeitos.

Um dia, de manhã, a Carochinha tinha que ir ao mercado, e disse ao seu João Ratão:

— Fica tu em casa a tratar do almoço, que eu já venho.

O João-Ratão ficou; e, para se tornar prestável, foi deitar uma casca de cebola na panela, caindo de cabeça para baixo.

Chiou, chiou, mas, como a querida Carochinha não estava em casa, lá morreu o João Ratão, cosido [(*)] e assado no caldeirão.

Ora a Carochinha demorou-se muito, a tratar das suas compras, a falar com os conhecimentos e a dar parte às amigas do seu novo estado. Quando, já tarde, chegou a casa, não viu o marido, e ficou em cuidado, procurando às vizinhas se o tinham visto.

Como lhe não davam notícias dele, foi para casa, e resolveu almoçar. Mas quando foi levantar a tampa da panela e viu o marido, já morto, a boiar no cimo do caldo,

---

[(*)] Deverá ler-se *cozido*.

ficou varada, e, no maior desespero, desgrenhou-se e arrepelou-se, chorando em altos gritos.

A tripeça, que a ouviu, perguntou-lhe?

— Que tens tu, Carochinha, que choras tanto?

— Pois não hei-de chorar?! O João-Ratão caiu na olha por uma casca de cebola.

— Pois se tu, Carochinha, te arrepelas, eu, que sou tripeça, ponho-me a dançar!

Diz-lhe de lá a janela:

— Que tens tu, tripeça, que estás a dançar?

— João-Ratão caiu na olha por uma casca de cebola. A Carochinha arrepelou-se, e eu, que sou tripeça, pus-me a dançar.

— E eu, que sou janela, ponho-me a abrir e a fechar.

Diz o telhado:

— Que tens tu, janela, que estás a abrir e a fechar?

— João-Ratão caiu na olha por uma casca de cebola. A Carochinha arrepelou-se, a tripeça pôs-se a dançar, e eu, que sou janela, pus-me a abrir e a fechar.

— E eu, que sou telhado, destelho-me.

Um passarinho que vinha poisar no beirado e o viu assim perguntou:

— Que tens tu, telhado, que te destelhaste?

— João-Ratão caiu na olha por uma casca de cebola. A Carochinha arrepelou-se, a tripeça pôs-se a dançar, a janela a abrir e a fechar, e eu, que sou telhado, destelhei-me.

— E eu, que sou passarinho, depeno-me.

Foi dali poisar numa árvore, e esta, que o viu naquele estado, perguntou-lhe:

— Que tens tu, passarinho, que de depenaste?

— João-Ratão caiu na olha por uma casca de cebola. A Carochinha arrepelou-

se, a tripeça pôs-se a dançar, a janela a abrir e a fechar, o telhado destelhou-se, e eu, que sou passarinho, depenei-me.

— E eu, que sou árvore, desfolho-me.

Vinha um boi, muito cansado, procurar a sombra da árvore e, vendo-a sem folhas, perguntou:

— Que tens tu, árvore, que te desfolhaste?

— João-Ratão caiu na olha por uma casca de cebola. A Carochinha arrepelou-se, a tripeça pôs-se a dançar, a janela a abrir e a fechar, o telhado destelhou-se, o passarinho depenou-se, e eu, que sou árvore, desfolhei-me.

— E eu, que sou boi, quebro a minha armação!

Foi dali beber água a uma fonte, que lhe perguntou:

— Que tens tu, boi, que estás assim esmurrado?

— João-Ratão caiu na olha por uma

casca de cebola. A Carochinha arrepelou-se, a tripeça pôs-se a dançar, a janela a abrir e a fechar, o telhado destelhou-se, o passarinho depenou-se, a árvore desfolhou-se, e eu, que sou boi, quebrei a armação.

— E eu, que sou fonte, seco-me.

Foi a criada da Rainha à fonte, e, vendo-a seca, perguntou o que lhe acontecera:

— João-Ratão caiu na olha por uma casca de cebola. A Carochinha arrepelou-se, a tripeça pôs-se a dançar, a janela a abrir e a fechar, o telhado destelhou-se, o passarinho depenou-se, a árvore desfolhou-se, o boi esmurrou-se, e eu, que sou fonte, sequei-me!

— E eu, que sou criada da Senhora Rainha, quebro a minha cantarinha.

Foi para casa e perguntou-lhe a Senhora o que acontecera:

— João-Ratão caiu na olha por uma casca de cebola. A Carochinha arrepelou-se, a tripeça pôs-se a dançar, a janela a

abrir e a fechar, o telhado destelhou-se, o passarinho depenou-se, a árvore desfolhou-se, o boi esmurrou-se, a fonte secou-se, e eu, que sou criada da Senhora Rainha, quebrei a minha cantarinha.

— E eu, que sou Rainha, assento-me nas brasinhas.

Vem o Rei perguntou-lhe porque estava ali.

— João-Ratão caiu na olha por uma casca de cebola. A Carochinha arrepelou-se, a tripeça pôs-se a dançar, a janela a abrir e a fechar, o telhado destelhou-se, o passarinho depenou-se, a árvore desfolhou-se, o boi esmurrou-se, a fonte secou-se, a criada da Senhora Rainha quebrou a cantarinha e eu, que sou Rainha, assentei-me nas brasinhas.

— E eu, que sou Rei, as minhas barbas cortarei.

O gato e o ratinho

A senhora Ratazana teve uma ninhada de filhos.

Criou-os com todo o mimo e cuidado, e não se esquecia de lhes dar conselho e ensiná-los como boa e previdente mãe.

— Temos inimigos terríveis, inimigos que não têm piedade para a nossa raça! É preciso acautelarem-se, e, enquanto não conhecerem o mundo, não sairem senão debaixo da minha direcção.

Ora um dos ratinhos, que já se considerava um valentão lá porque aprendera a roer um pedaço de madeira, saiu às escondidas do ninho e foi espairecer até ao jardim.

Gostou muito de ver o sol, as plantas, as flores, e os passarinhos atravessando os ares ou saltitando de ramo em ramo. Mas o que mais bonito lhe pareceu foi um

gatarrão gordo e luzidio, que estava a dormir à sombra de uma árvore. Esteve a contemplá-lo com admiração e, por fim, sentindo ruído de passos, assustou-se e voltou a correr para o seu buraquinho, enquanto o gato abria os olhos e o fitava com má catadura.

Voltando ao ninho, o ratito curioso contou à mãe o que vira e perguntou-lhe que animal seria aquele, de lindo pêlo macio e brilhante, que estava no jardim estendido à sombra de uma árvore?...

A mãe, para poder responder, seguiu-o ao jardim; mas, quando deu com os olhos no gatarrão que ressonava satisfeito, deitou os dentes ao cachaço do pequenino e a correr como doida levou-o para casa.

Por pouco não teve um desmaio de aflição.

Quando voltou a si e se viu rodeada dos seus pequenos, disse-lhes:

— Meus filhos, aquele animal é o nosso

pior inimigo! É o gato! Sob a aparência de mansidão e bondade, abriga uma grande fereza. Tu achaste-o muito bonito, meu inocente filho, mas se te chegasses ao pé dele, num instante te cravava as unhas e te despedaçava sem dó. Aprendam, meninos, a nunca se fiarem nas aparências. Às vezes os que mais bondosos parecem e melhor nos tratam são os que mais nos odeiam e mais depressa nos despedaçariam, se lhes caíssemos nas unhas.

Os ratinhos ficaram a tremer de medo e nunca mais se levaram pelas aparências, por mais belas que fossem.

E assim devemos fazer todos.

A formiga e a neve

A formiga, que é o animal mais trabalhador de quantos há (não entrando os homens na conta), levanta-se sempre muito cedinho para tratar da vida. No Verão não descansa nem pára, a enceleirar o mantimento para o rigoroso Inverno. E até por isso teve questão com a cigarra, que na boa época do ano canta sem cuidados, e nos rigores da invernia morre de penúria e fome. Muita gente diz mal da formiga e critica o seu egoísmo e dureza. Mas no fundo todos lhe reconhecem virtudes. E era bom que a imitassem na actividade e poupança.

Ora um dia apareceu o campo todo branco de neve; o frio era de arrepiar, e o céu, encoberto pelas nuvens, não dava esperança de melhor tempo.

Apesar disto, a formiga que não se

poupa a canseiras, saiu da sua casa e foi, campos fora, tratar dos negócios que a preocupavam.

Andou, andou, escolhendo os melhores caminhos e tendo todo o cuidado em se desviar dos precipícios, até que chegou a um ribeirinho. Como não encontrasse ponte e a água estivesse gelada, deu um pulo para o outro lado, mas caiu e ficou com uma das pernas presa.

A pobre formiga, quase morta de aflição, levantou a voz, e começou a clamar:

— Ó neve, tu é que és forte,
Que meu pé prendes!

— Mais forte é o sol,
Que me derrete.

— Ó sol, tu é que és forte
Que derretes a neve,
Que meu pé prende!

A FORMIGA E A NEVE

— Mais forte é a nuvem
Que me encobre.

— Ó nuvem, tu é que és forte,
Que encobres o sol,
Que derrete a neve,
Que meu pé prende!

— Mais forte é o vento,
Que me espalha.

— Ó vento, tu é que és forte,
Que espalhas a nuvem,
Que encobre o sol,
Que derrete a neve,
Que meu pé prende!

— Mais forte é a parede,
Que me quebra.

— Ó parede, tu é que és forte,
Que quebras o vento,

Que espalha a nuvem,
Que encobre o sol,
Que derrete a neve,
Que meu pé prende!

— Mais forte é o rato,
Que me fura.

— Ó rato, tu é que és forte,
Que furas a parede,
Que quebra o vento,
Que espalha a nuvem,
Que encobre o sol,
Que derrete a neve,
Que meu pé prende!

— Mais forte é o gato,
Que me come.

— Ó gato, tu é que és forte,
Que comes o rato,
Que fura a parede,

A FORMIGA E A NEVE

Que quebra o vento,
Que espalha a nuvem,
Que encobre o sol,
Que derrete a neve,
Que meu pé prende!

— Mais forte é o cão,
Que me espanta.

— Ó cão, tu é que és forte,
Que espantas o gato,
Que mata o rato,
Que fura a parede,
Que quebra o vento,
Que espalha a nuvem,
Que encobre o sol,
Que derrete a neve,
Que meu pé prende!

— Mais forte é o pau,
Que me bate.

— Ó pau, tu é que és forte,
Que bates no cão,
Que espanta o gato,
Que mata o rato,
Que fura a parede,
Que quebra o vento,
Que espalha a nuvem,
Que encobre o sol,
Que derrete a neve,
Que meu pé prende!

— Mais forte é o lume,
Que me queima.

— Ó lume, tu é que és forte,
Que queimas o pau,
Que bate no cão,
Que espanta o gato,
Que mata o rato,
Que fura a parede,
Que quebra o vento,
Que espalha a nuvem,

A FORMIGA E A NEVE

Que encobre o sol,
Que derrete a neve,
Que meu pé prende!

— Mais forte é a água,
Que me apaga.

— Ó água, tu é que és forte,
Que apagas o lume,
Que queima o pau,
Que bate no cão,
Que espanta o gato,
Que come o rato,
Que fura a parede,
Que quebra o vento,
Que espalha a nuvem,
Que encobre o sol,
Que derrete a neve,
Que meu pé prende!

— Mais forte é o homem,
Que me bebe.

— Ó homem, tu é que és forte,
Que bebes a água,
Que apaga o lume,
Que queima o pau,
Que bate no cão,
Que espanta o gato,
Que come o rato,
Que fura a parede,
Que quebra o vento,
Que espalha a nuvem,
Que encobre o sol,
Que derrete a neve,
Que meu pé prende!

— Mais forte é a morte,
Que me leva!

— Ó morte, tu é que és forte,
Que levas o homem,
Que bebe a água,
Que apaga o lume,
Que queima o pau,

A FORMIGA E A NEVE

Que bate no cão,
Que espanta o gato,
Que come o rato,
Que fura a parede,
Que quebra o vento,
Que espalha a nuvem,
Que encobre o sol,
Que derrete a neve,
Que meu pé prende!

No fim destes queixumes todos, o céu apiedou-se da pobre formiga, por ser muito trabalhadora e industriosa, e as nuvens, espalhando-se por um pouco, deixaram que um raio de sol derretesse a neve, e ela pudesse soltar o pé e continuar o seu caminho, levando para o formigueiro a lembrança daquela imensa desgraça, em que por pouco não morria.

O franganito

ERA uma vez um Franganito muito esperto e engraçado, que, andando a esgravatar num monturo, achou uma guedelhinha de lã.

Foi a correr, a correr, levá-la a um alfaiate para que lhe fizesse uns *calçotes*, uns *mangotes* e uns *corpitotes*. Assim vestido como uma grande prsonagem[(*)], pôs-se a caminho do Palácio real, para ver o senhor Rei.

No meio da jornada encontrou um Texugo, que lhe disse:

— Ai, Franganito, que te como agora!

— Não me comas, que eu vou ver o senhor Rei, e em vindo te contarei.

— Ah, sim?! Pois também eu quero ir.

— Então mete-te aqui no meu papinho.

[(*)] Deverá ler-se *personagem*

Continuou a andar, a andar, e mais adiante encontrou duas pedras a baterem uma na outra, que lhe disseram:

— Ai, Franganito, que te esmagamos!

— Não me esmaguem, que eu vou ver o senhor Rei, e em vindo vos contarei.

— Ah, sim?! Pois também nós queremos ir.

— Então saltem para o meu papinho.

As pedras lá se encaixaram, ao pé do Texugo, e o Franganito continuou a andar até que esbarrou com um ribeiro, que lhe disse:

— Ai, Franganito, que te afogo!

— Não me afogues, que eu vou ver o senhor Rei, e em vindo te contarei.

— Pois também eu quero ir.

— Então mete-te aqui no meu papinho.

O ribeiro meteu-se no papinho do Franganito, que muito lépido se dirigia ao Palácio real.

Mais adiante encontrou um mestre lobo,

que lhe disse, arreganhando os dentes:

— Ai, Franganito, agora te engulo eu!

— Não me engulas que eu vou ver o senhor Rei, e em vindo te contarei.

— Ah, sim?! Pois também eu quero ir.

— Então mete-te aqui no meu papinho.

O lobo saltou para o papo do Franganito, e ele continuou alegremente a sua viagem.

Chegando ao Paço dirigiu-se aos guardas com um ar muito importante, dizendo que fossem anunciá-lo a Sua Majestade, pois certamente seria logo recebido.

Eles desataram a rir e agarraram-no sem cerimónia, indo apresentá-lo ao Rei. Este achou-lhe graça e, depois de lhe fazer muita festa, mandou-o meter na capoeira.

Ora o Franganito não gostou da sem-cerimónia, pois esperava ficar como cortesão, e logo que se viu na capoeira, como qualquer vulgar *pessoa* da sua classe, disse ao texugo que lhe saísse do papo e

comesse a criação toda. O texugo, se bem lho mandaram melhor o fez. Não deixou senão o amigo Franganito, que saltava de poleiro em poleiro, como único senhor da casa.

Ao outro dia, quando os cozinheiros vinham buscar galinhas para o almoço, não encontraram nada e foram a correr dizer ao Rei que o Franganito tinha comido tudo.

O Rei ficou muito zangado, e mandou-o meter na adega onde guardavam o vinho em grandes talhas de barro.

O Franganito, mal se viu fechado, mandou sair as pedras que tinha guardado no buxo, e quebrou as talhas todas, de modo que o vinho corria pelo chão como se fosse um rio.

Os criados que foram buscar vinho para a mesa, viram o desastre e foram a correr dizer ao Rei do desatino do Franganito.

O Rei, já muito enfadado, disse que o metessem na cavalariça a ver se algum

cavalo o pisava durante a noite.

Mal se viu entre aqueles animais tão pouco da sua igualha, disse o Franganito para o lobo que lhe saísse do papo e os matasse a todos. Ora, foi o que o lobo quis ouvir. De manhã não vivia um para contar o que se passara.

Quando os criados, no dia seguinte, vieram buscar os cavalos que costumavam levar o Rei a passeio, deram com a mortandade, e foram fazer queixa do *pinto calçudo* ao seu Real Amo.

Desta vez, desesperado, o Rei deu ordem para que metessem o atrevido no forno que estava aceso para cozer o pão.

Ora o Franganito, logo que sentiu o calor nos pèzinhos, disse ao ribeiro que saísse e apagasse o lume. O ribeiro assim fez e, começando a correr, em breve alagou tudo.

Quando os criados vieram para cozer o pão, viram o forno encharcado e o Franganito sacudindo as asas e cantando:

O FRANGANITO

— *Qui-que-ri-qui!!... Qui-que-ri-qui!...*

Os criados foram a correr contar o caso ao Rei que, temendo que fosse feitiçaria, deu dinheiro ao Franganito para lhe abandonar a porta.

O espertalhão pegou no dinheiro, foi para o campo, comprou uma casa, e ali viveu com a sua família até morrer, já galo velho, com inúmeros netos que o prantearam sinceramente.

O casamento do pintaínho

DIZ o galo para a galinha:

— Casemos a nossa filhinha.

— Casaremos ou não casaremos, pois o noivo é que nós não temos.

Diz o pinto, de dentro do ovo:

— Aqui estou eu para ser o noivo.

— Noivo já nós temos, o que nos falta é a madrinha.

Diz a cobra, da sua tòquinha:

— Aqui estou eu para ser a madrinha.

— Madrinha já nós temos, o que nos falta é o padrinho.

Diz o lagarto, do seu buraquinho:

— Aqui estou eu para ser o padrinho.

— Padrinho já nós temos, o que nos falta é o trigo.

Diz a formiga, do seu formigueiro:

— Tragam sacos, que eu lhes dou um quarteiro.

— Trigo já nós temos, o que nos falta é o moleiro.

Diz o gato, do seu cinzeiro:

Aqui estou eu para ser o moleiro.

— Moleiro já nós temos, o que nos falta é a frasquejadeira.

Diz a porca, do seu lamaçal:

— Aqui estou eu para frasquejar.

— Frasquejadeira já nós temos, o que nos falta é o tabuleiro.

Diz o burro, do seu palheiro:

— Aqui estou eu para ser o tabuleiro.

Os galos

UMA família abastada, que vivia no campo, tinha três galos na capoeira.

O primeiro era um lindo animal, destes que têm espora no pé, crista refolhada, lindas penas de cores e cantam como reis absolutos.

O segundo, mais novo, era também bonito galo de estimação — para o futuro.

E o terceiro, ainda franganito, mal esganiçava o canto atrevido.

Houve uma grande festa na terra, e para casa da tal família veio hospedar-se um Fidalgo de cerimónia.

Mal esta novidade chegou às capoeiras, pôs-se o galo mais velho a cantar de cima de uma árvore, sabendo por experiência que haveria degola de inocentes.

— Có-que-ró-có, Fidalgo na casa!

Responde o outro, mais abaixo:

— Cá-que-rá-cá, qual de nós será?!

E o pequenino, muito triste, por se considerar perdido, cantou, lamentoso:

— Qui-que-ri-qui, ai de mim!!

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

Os companheiros felizes

UM Gato, muito senhor da sua pessoa, teve não sei que pendência com outros bichanos e resolveu ir a Roma falar com o Papa, a fim de tirar o negócio a limpo.

Ia já de caminho, muito esbaforido pela pressa e pelo calor, quando viu um Galo empoleirado numa árvore, o qual lhe cacarejou lá de cima:

— Ó amigo, para onde vais tão açodado?! Viste por aí alguma ratazana para o jantar?

— Eu, não. Trato agora lá disso! Vou para Roma, para Roma!

— Então espera aí, que eu também vou. Também preciso falar ao Papa sobre negócio particular.

Desceu do poleiro e seguiram os dois muito satisfeitos. Passaram por uma aldeia onde viram um Porco deitado ao sol.

— Para onde vão vocês (grunhiu ele)?

— Para Roma, para Roma!

— Também vou! Que já me aborrece foçar sempre a mesma terra!

Espreguiçando-se demoradamente, lá se levantou e seguiu os dois.

Mais adiante atravessaram um prado onde um Carneiro pastava. Gritou-lhes ele de lá:

— Para onde vão com tanta pressa?

— Para Roma, para Roma, consultar o Papa (respondeu o Gato, que era o director da caravana. (*)

— Então esperem um pouco, que eu também vou. Há muito que sentia ganas de viajar, para ver outras pastagens e terminar a minha educação. Mas não ia por não ter bons companheiros como vocês me parecem.

Partiram os quatro, cada vez mais satisfeitos.

(*) Falta o parêntesis final.

Adiante encontraram uma Pata, que nadava num grande tanque. Mal os viu, perguntou:

— Para onde vão vocês quatro, assim tão empoeirados?

— Para Roma, para Roma, consultar o Papa.

— Então esperem aí, que eu também os acompanho. Já me aborrecem estes sítios onde me criei, e que tão feios devem ser em comparação com os outros.

Saltando para fora da água, sacudiu as asas. E, alegremente, puseram-se todos cinco em marcha.

Foram indo, até que num descampado lhes anoiteceu, e não sabiam que fazer nem onde se recolheriam. Começavam a afligir-se quando o Galo subiu a uma árvore e de lá avistou ao longe uma luzinha animadora.

Dirigiram-se para a casa donde ela partia e o Carneiro bateu à porta com estrondo. Os donos, que eram salteadores,

ouvindo bater com força, cuidaram que era a polícia que vinha prendê-los, e fugiram assustados. Foi qual havia de saltar primeiro pela janela e correr, sem destino, através dos campos.

Os cinco companheiros que isto viram, trataram de entrar, puseram-se à mesa e comeram a ceia dos ladrões com o melhor dos apetites. No fim de bem fartos e satisfeitos, levantou-se o Gato e disse:

— Meus amigos e companheiros, temos que nos pôr em guarda, porque não tarda aí o inimigo. Eu fico na chaminé e vocês escolham os seus postos.

— Eu vou para trás da porta (disse o porco).

— Eu salto já para o caniço (acudiu o galo).

Respondeu o Carneiro:

— Pois eu vou para o corredor.

E a Pata:

— Sim? E eu vou para a janela.

Combinado isto, apagaram as luzes e trataram de adormecer, para descansarem das fadigas da jornada.

Os ladrões, que de longe espreitavam a casa e diziam mal à sua vida, pois a fome e o frio apertavam, logo que deixaram de ver luz, combinaram mandar um deles observar o que se passava.

O capitão mandou um dos mais corajosos, mas ainda não tinha passado uma hora e já o viam voltar feito um lázaro e a gritar destemperadamente.

— Bem fizeram em lá não ir! Vejam como venho ferido e arranhado!

— É verdade! Quem te pôs em tão miserável estado (perguntaram os companheiros)?

— Vocês não imaginam o que está na nossa casa! Entrei e, como visse dois carvões a luzir entre a cinza da chaminé, fui acender um pavio. Saltou de lá um cardador que me atirou com as cardas à

cara, arranhou-me como vêem, e por pouco me não tira os olhos.

— Depois? Depois (perguntaram todos)?

— Ora, não lhes conto nada! Fugi para o corredor, mas encontrei um carpinteiro que me atirou com os martelos às pernas e me tirou um bocado de carne. Neste meio tempo saltou do caniço um alfaiate que me picou com agulhas e alfinetes, até me deixar a escorrer sangue. À porta estava um sapateiro que me deitou as torquezes às barrigas das pernas e mas deitou abaixo. E uma senhora à janela, gritava: *passe, passe, passe!* Não imaginam o susto que apanhei! Eu é que lá não volto, nem que me levem de rastos.

— Nem eu! Nem eu (gritaram todos)!

É claro, o cardador era o Gato, com as suas unhas afiadas; o carpinteiro era o carneiro; o alfaiate, nem mais nem menos, o galo; o sapateiro, o porco; e a *senhora* era a pata que saltara para a janela.

Mas os ladrões apanharam tal susto que abandonaram aos cinco amigos e companheiros felizes todas as riquezas que tinham roubado e guardavam naquela casa, trocando-a por outra mais bem guardada.

O Gato, vendo que ninguém ali os incomodava, chamou os seus amigos a conselho e disse-lhes que, em vista daquela fortuna inesperada, seria melhor desistirem de ir a Roma e passarem ali, no sossego e abundância, o resto dos dias.

Os outros concordaram plenamente e, esquecendo agravos e pendências que fàcilmente se esquecem com a riqueza, foram sempre felizes e respeitados.

Desconfio até que ainda hoje lá estão, já vèlhinhos, mas sempre afortunados e alegres.

O leão e o bicho homem

ERA uma vez um leão, soberbo mais que nenhum outro, que, não se contentando com usar da força de que a natureza o dotara para caçar as presas de que se alimentava, queria também saber-se Rei de todos os animais e por eles ser tido nessa conta.

Com todos os bichos, os mais valentes e aguerridos, experimentara, sempre vitorioso, o seu poder. Estava por isto muito satisfeito consigo próprio. Mas um dia deu em pensar que lhe faltava medir forças com o bicho homem.

— Assim (dizia o leão soberbo de si para consigo), não tenho o [(*)] certeza de ser o Rei de todos os bichos, embora tenha submetido ao meu poder os que conheço. Vou-me à procura do bicho homem, para

---

[(*)] Deverá ler-se *a*.

experimentarmos forças.

Pôs-se a caminho e, depois de muito andar, encontrou um rapazito a quem perguntou:

— Olha cá, ó amigo, tu é que és o bicho homem?

— Não, senhor, ainda o não sou (respondeu o rapaz).

Foi o leão andando, até que encontrou um velho, muito velho e cansado, a quem disse logo:

— Ouve bem e não me enganes. És tu, na verdade, o bicho homem?

— Já o fui, já não o sou (respondeu o velho com tristeza).

O leão continuou a sua jornada, a ver se encontrava o bicho homem. Foi andando e pesquisando, até que, ao atravessar uma floresta, deparou com um caçador, novo e forte, a quem se dirigiu, perguntando:

— Serás tu, por acaso, o bicho homem?

— Sou eu, sou (respondeu o caçador).

Que queres tu de mim?

— Quero bater-me contigo, a ver se porventura és mais forte do que eu.

— Ah, queres? Pois então vamos a isso!

E o caçador, pondo a arma à cara, fez fogo.

O leão, espantado e aflito, deu dois pulos e, deitando a correr, só parou muito longe, gritando então:

— Já não quero nada com o bicho homem! É mais forte do que eu, pois que só com um espirro me fez fugir.

O macaco figurão

ERA uma vez um macaco, um bugio figurão como jamais houve igual.

Não se sabe porque boas ou más artes, aprendeu a falar e a fingir de homem. O certo é que veio viver para terra de gente, e logo deu em macaquear o que é mais fácil e arranchou entre os janotas.

Julgava-se uma beleza. Todos os dias ia ao barbeiro fazer a barba. Vestia-se a rigor; calçava luvas de pelica; punha chapéu alto, e andava por todas as lojas elegantes, a parolar com os donos e os frequentadores.

Os garotos, quando o viam passar nas ruas, todo importante, faziam-lhe grande troça, atiravam-lhe pedras e diziam:

— Se não fosse o rabo, era bem lindo este macaco! Assim, que feio é! —

Tantas vezes o macaco figurão ouviu aquelas palavras que se convenceu de que

era na verdade uma formosura, e se tornaria sem par se conseguisse ver-se livre do seu comprido rabo.

Já se vê que não tinha grande juízo, mas... nem só os macacos se deixam levar por mentidos elogios e julgam louvor o que é troça. Este vaidoso, que não era dos mais atilados, foi um dia ter com o barbeiro e disse-lhe:

— Ó mestre, você não será capaz de me cortar o rabo? Olhe que talvez eu ficasse mais elegante...

— Claro que sim, senhor macaco. E é obra para já, se convém ao meu freguês.

— Pois vamos a isso, que já não é sem tempo. —

O barbeiro afiou muito bem a navalha e zás! de um só golpe, cortou o rabo do macaco. Cicatrizou-lhe a ferida, à força de pomadas e unguentos, e disse, todo cumprimentador:

— Está o freguez servido, e mais

elegante do que nunca. —

O macaco saiu da loja todo importante e julgando-se o mais lindo homem que passeava nas ruas daquela cidade. Mas (oh, desgraça e tristeza!) mal o viram passar, os garotos começaram a persegui-lo, gritando:

— Olha o tolo do macaco figurão, que foi cortar o rabo para ser mais bonito e cada vez se faz mais feio! —

O bugio ficou tão desesperado que voltou logo à loja do barbeiro, para que este lhe entregasse o rabo cortado e lho pegasse como estava antes da operação. O homem, todo aflito, respondeu-lhe:

— Ó ilustríssimo senhor macaco e meu respeitável freguês! Como hei-de eu dar-lhe o seu rabo, se um gato já o comeu?! —

— Ó malvado barbeiro, foi de propósito que tal fizeste! —

E, para se vingar, sem mais demora, roubou a melhor navalha que viu na loja e deitou a fugir.

Muito desconsolado, foi correndo, até que encontrou uma pobre mulher que, segundo lhe pareceu, estava a escamar sardinhas com as unhas. Fez-lhe espécie o caso ainda não visto, e logo esqueceu as suas aflições. E, porque muito gostava da conversa e de meter o nariz onde não era chamado, abeirou-se do rio onde estava a peixeira e perguntou-lhe:

— Olhe lá, ó tiazinha, não tem faca para escamar o peixe?

— Eu não senhor!

— Pois aqui tem esta, que não serve para outra coisa. —

Entregou à mulher a navalha que roubara e, voltando-lhe as costas sem esperar agradecimentos, continuou o seu caminho. Foi andando, até que chegou a uma grande mata. Lembrou-se logo de cortar um pau e, não tendo com quê, disse consigo mesmo: — Que grande bruto eu fui em dar aquilo de que mais precisava! Foi

tolice, ou a mulher me quis enganar. Torno atrás a buscar o que é meu! —

Desandou o caminho andado e mal avistou a peixeira bradou-lhe:

— Dê-me a navalha que não foi feita para escamar peixe, mas para cortar os ramos das árvores! —

A mulherzinha, medrosa e apoquentada, respondeu-lhe:

— Como posso eu dar-lhe a navalha, senhor macaco, se foi levada rio abaixo?!

— Ai sim, pois ele é isso?! Deixa estar que te roubo uma sardinha. —

E se bem o disse, melhor o fez. Armou um pulo, roubou uma sardinha e fugiu.

Era quase noite quando chegou junto de um moinho. O moleiro estava sentado à porta a descansar e, como viu o macaco importante e bem posto, deixou-o entrar para dormir, pois de cear não precisava que bastante fruta comera.

Quando o macaco figurão viu que a ceia

do homenzinho era só pão seco, entendeu fazer de generoso e deu-lhe a sardinha. O moleiro ficou muito agradecido e fez uma boa cama de sacos, onde o bugio dormiu à maravilha.

De manhã levantou-se, despediu-se do moleiro e partiu. Mas, no meio do caminho, apeteceu-lhe comer e lembrando-se da sardinha que dera ao moleiro, disse consigo: — Que grande tolo eu fui em dar a minha rica sardinha! Espera, que vou pedi-la outra vez. —

E, aos pulos de verdadeiro macaco, voltou a casa do moleiro e exigiu, em altos brados, a sardinha que lhe confiara. O moleiro, todo aflito, respondeu-lhe:

— Ó senhor macaco, não me peça o impossível! Que sardinha posso dar-lhe, se a comi ontem à ceia?! —

Furioso, o macaco figurão roubou uma saca de farinha e fugiu.

Foi andando, já aborrecido com o peso

da saca de farinha, até que chegou a uma casa onde estavam muitas raparigas aprendendo a bordar. Cumprimentou a senhora mestra, com muitas vénias e, para se mostrar importante, ofereceu a farinha para com ela se fazerem bolos para as meninas.

A mestra agradeceu-lhe muito a lembrança, dizendo-a própria de um coração generoso. Cheio de vaidade, o macaco figurão continuou a viagem empreendida, não sabia bem para aonde.

Foi andando, a fingir de homem outra vez, até que chegou a um forno. Cansado já de tantas andanças, sentou-se a matutar no que mais lhe convinha fazer. Entretanto cheirou-lhe a pão quente e lembrou-se logo da sua farinha.

Lembrar-se, lamentar-se e resolver que era muito sua a saca de farinha, foi tudo um momento. Voltou atrás e, já com atrevimento de macaco e sem respeito de

homem, exigiu que lhe dessem de novo a saca de farinha.

A senhora mestra, para o chamar à razão, respondeu com toda a compostura:

— Ó senhor macaco, esse pedido nem parece do nosso generoso benfeitor! E que tenho eu para dar-lhe, se a farinha foi toda gasta a fazer bolos que as meninas já comeram?! —

— Ah, sim! Pois então, esperem lá! —

E, de repente, deu um pulo e agarrou a menina mais bonita de quantas estavam na escola.

Gritaram todas por socorro, mas o macaco num instante desapareceu, levando nos braços a menina roubada, sem se importar com os seus lamentos.

Lá lhe pareceu que era este o motivo da sua viagem, e voltou à cidade em que fora figurão e de onde partira desesperado.

Fechou a menina em casa e, por mais que ela pedisse que a deixasse voltar para

os pais, não quis soltá-la. Ao princípio, a menina, com grande zanga do bugio, não fazia senão chorar e lamentar-se. Mas depois, para evitar maus tratos, começou a fazer-lhe a comida e a cuidar-lhe das roupas e fatiotas. E assim foi vivendo, na esperança de poder fugir da casa onde estava presa.

O macaco figurão, que já era um janota, passou a andar um primor de elegância, depois de ter a menina em casa.

Certo dia foi a uma loja de violas, e o dono, admirado e suspeitoso, disse-lhe:

— Você anda agora muito mais elegante, senhor macaco!

— Ando assim (respondeu ele, todo satisfeito) porque tenho em casa uma pequena que trata muito bem da minha roupa. —

O violeiro calou-se e resolveu tirar o caso a limpo logo que pudesse.

Quando soube o macaco entretido numa

festança qualquer, foi a casa dele e viu a porta fechada à chave. Bateu, voltou a bater, encostou o ouvido à porta, e pareceu-lhe ouvir lamentos. Não lhe sofreu o ânimo ficar por mais tempo em tais cuidados, e arrombou a fechadura. Entrou numa sala e ouviu melhor os lamentos e choro para além de outra porta fechada a cadeado. E também conseguiu abri-la. Qual não foi o seu espanto quando viu uma bonita menina, debulhada em lágrimas, que correu para ele a pedir-lhe que a salvasse, pois estava ali presa por aquele macaco figurão.

O violeiro disse-lhe que viera ali por palpite, e que estava pronto a levá-la para onde ela quisesse. A menina ficou satisfeitíssima e, contando o que sucedera, pediu ao seu libertador que a levasse para casa da família. O homem assim fez. E os pais da menina ficaram tão felizes quando a viram aparecer, que logo ali, com o seu

assentimento e aplauso de todos, o [*] prometeram em casamento a quem tivera a esperteza de lhe descobrir o paradeiro e a coragem de a libertar.

E não menos contente voltou o violeiro para a loja, pois, com a sua decisão, conseguira uma formosa noiva.

Quando o macaco figurão voltou a casa e viu que a menina fugira, ficou furioso. Lembrou-se da conversa que tivera com o violeiro e foi logo ter com ele. E disse-lhe que imediatamente lha entregasse, pois de contrário lhe roubaria uma viola.

— Pois leve a viola, por alvíssaras, e deixe-me em paz (respondeu o homem, satisfeito com o desfecho do caso). —

O macaco deu um pulo, roubou a melhor viola da loja, desatou a fugir, saltou para cima de um telhado e pôs-se a tocar e a cantar:

---

[*] Deverá ler-se *a*.

O MACACO FIGURÃO

— De meu rabo fiz navalha,
De navalha fiz sardinha,
De sardinha fiz farinha,
De farinha fiz menina,
De menina fiz viola.
Ferun-fun-fun,
Que vou para Angola!

ÍNDICE

Contos, Fábulas, Facécias e Exemplos da Tradição Popular Portuguesa

III VOLUME

O Grande Artista Condenado à Morte e outros Contos e Facécias

O grande artista condenado à morte

ERA uma vez um pobre homem que, por qualquer delito grave, foi condenado à morte.

Quando estava na prisão, e já no oratório, para no dia seguinte ir para a forca, não se cansava de bradar:

— Matam-me; matam-me de certeza!... Mas se soubessem o grande Artista que vão matar, eles me perdoariam!... Quando já não houver nenhum remédio, chorarão um Artista como não há outro! Vou morrer! Vou a enforcar! Deixá-lo. Pior mal será para eles, que perdem um Artista como nunca houve!... —

Os guardas, intrigados com aquele palavriado, foram perguntar-lhe qual era a sua Arte.

— Depois de eu morrer saberão o que se perde comigo!... Artistas destes não vêm

muitos ao Mundo! Eu sou enforcado, e já não padeço mais. Mas o País perde um Artista sem rival!... —

Os guardas foram dizer ao Rei o que era passado, e ele incumbiu-os de interrogarem o condenado e conseguirem saber qual era a sua Arte, pois, se na verdade a morte dele fosse uma perda para a Nação, perdoaria o crime.

Quando os guardas lhe disseram o que decidira o Rei, o preso respondeu com o mesmo alarido:

— Isso é que nunca! O que a Nação perde sei eu muito bem, mas não digo mais nada. Dizê-lo?! Era o que vocês queriam, para ficarem com o meu segredo e me matarem na mesma! Só depois da minha morte o hão-de saber! Só depois é que terão de arrepender-se do que fazem!...

— Mas Sua Alteza quer dar-te o perdão, se tu disseres a Arte que tens. E palavra de Rei não volta atrás.

— Só direi a minha Arte depois de ter nas mãos o perdão assinado por Sua Alteza. Não quero saber de promessas. Palavras leva-as o vento... E eu não dou de graça a minha Arte a ninguém! ...

Voltaram os guardas ao palácio onde estavam os Reis, já muito intrigados, e repetiram quanto o homem apregoava dos seus méritos, e a sua decisão de só dizer qual era a sua grande Arte depois do perdão assinado.

A Rainha, cheia de curiosidade, e mais inclinada para a clemência, pediu ao Rei que assinasse o perdão, pois não devia perder-se um Artista que podia honrar o País.

O Rei convenceu-se, e assinou o perdão que libertava o grande Artista. E confiou a carta de perdão aos guardas, que voltaram à prisão onde o condenado continuava os seus proclames:

— Mal sabem o grande Artista que se

perde!... Matem-me, que depois terão de chorar a minha falta!... Mas já não haverá remédio!... —

Nisto os guardas entraram no oratório onde ele estava e entregaram-lhe a carta do perdão real.

Quando a teve nas mãos o homem deu um pulo de contente. Beijou a assinatura do Rei e dirigiu-se para a porta disposto a sair para a liberdade, sem mais cuidados. Mas os guardas não o deixaram ir-se embora sem que ele cumprisse a obrigação em que estava de, finalmente, dizer o seu valor e declarar a Arte maravilhosa que se perderia para sempre com a sua morte na forca.

Então o perdoado voltou-se para os guardas, muito sério, e disse:

— O que era a minha Arte?! Era muito boa. Meu pai fazia cortiços, e era eu quem os barrava! —

Todos os presentes desataram a rir. E

como o grande Artista já tinha o perdão real, nada puderam fazer-lhe e deixaram-no ir em paz, e salvo afinal, com muita *arte,* da morte a que fôra condenado.

O soldado da vaca

HAVIA um homem que tinha dois filhos, rapaz e rapariga. Não era muito abastado, pois quando morreu deixou apenas de herança a casa de moradia, uma quintarola e uma vaca para os dois filhos. Mas estes não queimaram o herdado, com divisões. Como eram muito amigos e se davam bem, ficaram a viver juntos, amanhando a terra e tratando a vaquinha, que lhes davam o sustento. E assim evitaram a miséria.

Andou o tempo, e um dia caiu a sorte ao rapaz, e lá foi ele para soldado, ficando a irmã sòzinha, com grande mágua do seu coração. A rapariga só tornou a ter alegria quando o viu de volta, com o tempo de serviço terminado.

Continuaram então a viver como tinham vivido até aí. Mas o Soldado, (como

passaram todos a chamar-lhe), desacostumara-se do trabalho do campo e do modesto viver dos aldeões. Não fazia senão dizer à irmã que melhor seria venderem a casa e a vaca e partirem para a cidade, que é onde uma pessoa se pode governar e onde há maior riqueza. Não percebia, o pateta, que é onde há mais ricos e mais luxo, que a pobreza mais doi.

A rapariga tanto se aborreceu de o ouvir falar em vender a herança, que lhe disse:

— Eu não vendo a casa. Se queres, vende a vaca e não me fales mais em me levar para a cidade. —

Foi o que ele quis ouvir. Apesar de todo o desgosto que a irmã mostrava, pegou em si e levou a vaca à feira.

Logo à entrada falou com um homem que lhe perguntou para que era o animal.

— Para vender a quem mais der (respondeu o rapaz, alegremente).

— Então deixe-a naquele curral e venha

depois aqui ter comigo, porque ninguém lha pagará melhor. Eu não olho a dinheiro. Compro para outro. —

O Soldado assim fez. Levou a vaca e deixou-a no curral que lhe fora indicado, mas quando voltou para falar ao comprador já não o encontrou. Foi de novo ao curral, para retirar a sua *herança,* e achou-lhe o sítio.

Desesperado, procurou por toda a feira o homem com quem tinha falado, mas parece que se tinha sumido pelo chão abaixo pois não conseguiu mais tornar a vê-lo. No entanto, pelos sinais que deu, chegou a saber que esse falso comprador era o capitão de uma quadrilha de ladrões que infestava as cercanias. E todos o aconselharam a não esperar mais nem a vaca nem o seu preço.

— Não, isso é que não pode ser. Ou eu não sou quem sou, ou eles hão-de conhecer que fizeram mal em se meter com um

Soldado. —

Foi para casa e contou o que se passara à irmã, que apertou as mãos na cabeça, dizendo mal à sua triste vida e bradando com o irmão por ter tão pouco juízo.

— Deixa estar que me hão-de pagar tudo, capital e juro...

— Não te metas agora tu em questões e baralhas, que ainda te vejas pior!...

— Não te agonies, deixa-me cá, que hei-de vingar-me dos espertalhões, e eles hão-de ficar conhecendo *o Soldado da Vaca.* —

Informou-se melhor da vida dos ladrões e pôs-se a espiá-los. Um certo dia soube que estava doente o capitão da quadrilha. Sem dizer mais nada, foi a casa do Médico, que era um bom sujeito muito seu amigo, pois o conhecia desde criança, e pediu-lhe o seu fato emprestado.

Vestiu-se e preparou-se como se fosse um doutor e foi passear em frente da casa dos ladrões. Mal o viram de lá, correram ao

seu encontro, pedindo-lhe que entrasse para ver um doente.

Era exactamente o homem que tão bem lhe soubera apanhar a vaca.

Ninguém o reconheceu, tal era a distinção das suas maneiras.

Com grande desembaraço começou a receitar para a direita e para a esquerda, a mandar buscar coisas aqui e além, de modo que despachou todos os ladrões, ficando só com o doente.

Chegou então ao pé dele e disse-lhe com intimativa:

— Agora, meu amigo, ou me pões para aqui o dinheiro da minha vaca ou vais já morrer. —

Cheio de medo, respondeu-lhe o doente que fosse ao cofre buscar o seu dinheiro, e a tremer lhe entregou a chave.

O soldado abriu o cofre, encheu as algibeiras de oiro, e tratou de se pôr a salvo antes que viessem os quadrilheiros.

Chegou a casa, entregou o dinheiro à irmã e disse-lhe, muito satisfeito com a sua esperteza:

— Vê lá o que trago aqui! A minha vaca rendeu mais de dez. —

Efectivamente, como acontece quase sempre quando alguém se paga por suas mãos, as algibeiras abarrotadas de oiro continham bem mais do que valia uma boa manada.

— Que fizeste para arranjar tanto dinheiro (perguntou a irmã, aflita)?

— Não te dê cuidado. —

Foi entregar o fato ao seu amigo Doutor, e continuou a espreitar o que se passava em casa dos ladrões.

Soube que o doente ia de mal a pior e foi ter com o Prior da freguesia para que lhe emprestasse por algumas horas o seu fato.

O Padre, como gostava muito dele, também lho emprestou. Pouco depois aparece o nosso homem enroupado como se

fosse um verdadeiro Prior.

Bateu à porta da casa dos quadrilheiros e perguntou se estava alguém doente que quisesse confessar-se. Disseram-lhe que sim, e entrou.

Como da primeira vez tratou de mandar todos embora, cada um com seu recado e, ficando só com o doente, em vez de o confessar, disse-lhe:

— Quero mais dinheiro pela minha vaca, senão morres já! —

O ladrão deu-lhe as chaves do cofre e ele encheu de novo as algibeiras e partiu depressa.

Quando os ladrões voltaram e se viram mais uma vez enganados, ficaram num desespero e resolveram mudar de terra, só para se livrarem do atrevido Soldado.

Este, que pôde sabê-lo, disfarçou-se em carroceiro e veio oferecer os seus préstimos.

Disseram-lhe que sim e mandaram-no carregar a carroça quanto podia para se

mudarem dali. Que há-de fazer o espertalhão? Pega em si e leva tudo para casa da irmã. Os ladrões encarregados da mudança, esperaram, esperaram, e como não vinha ninguém voltaram a casa a saber o que acontecera. Desconfiaram logo do seu perseguidor e resolveram embarcar para o Brasil, para se livrarem de tal inimigo. E como não tinham boas contas com a Justiça, não fizeram queixa dele, pensando só em fugir-lhe.

O Soldado da Vaca, achando-se bem vingado do roubo da sua herança deixou a sua mania de aventuras, e dedicou-se a cultivar a terra e a tratar das suas coisas.

É bem certo que muito aproveitou com a sua vingança do engano em que caíra. Mas quem rouba a ladrão tem cem anos de perdão.

Esperteza de um sacristão

NUMEROSA quadrilha de ladrões assolava uma terra, enchendo de espanto e terror todo o povo, roubando, matando e devastando quanto encontrava.

As pessoas principais tinham fugido, e os mais afoitos não se atreviam a pôr o pé na rua mal tocavam as trindades, pois os malvados não respeitavam velhos nem crianças, e muitas vezes até arrombavam as portas para roubarem as casas.

Chegou a tal ponto o descaramento que fizeram quartel-general na Igreja da freguesia, e era ali que repartiam o fruto da sua rapinagem.

O Sacristão, que sabia disto, andava desesperado e todos os dias se queixava ao Abade, mas este encolhia os ombros e dizia que se calasse, não viessem os ladrões a fazer-lhe pagar caro o atrevimento.

O bom do homem, porém, noite e dia não pensava senão no modo como afugentar os malvados e dar-lhes ainda uma boa lição.

Quanto mais pensava menos encontrava. Mas por fim, quando de tão desanimado até nem comer podia, veio-lhe uma ideia que lhe pareceu boa.

Foi logo ter com os seus maiores amigos, o Sapateiro e o Coveiro daquela terra, e todos três combinaram o negócio, debaixo do mais absoluto segredo.

Uma tarde, meteram-se na Igreja, muito disfarçadamente, pela porta da sacristia, e foram colocar-se nos lugares já combinados: o Sacristão, no côro; o Sapateiro, no púlpito; o Coveiro atrás do altar-mor.

Quando veio a noite abriu-se a porta principal e os ladrões entraram com toda a arrogância e descaro, fazendo grande motim. À ordem do capitão depuseram

todos as armas e, sentados no chão, começaram a dividir, muito satisfeitos, as sacas de dinheiro.

Quando mais entregues estavam à sua tarefa, grita do côro, com todo o arreganho, o bom do Sacristão:

— Venham os defuntos! —

E logo perguntou, do púlpito, o Sapateiro, com voz tão cavernosa que os ladrões se levantaram todos com os cabelos em pé, arrepiados de susto:

— Poucos ou muitos?! —

Por detrás do altar-mor respondeu o Coveiro, com voz ainda mais lúgubre:

— Todos juntos! —

Não foi preciso mais. Os ladrões, julgando ver as sepulturas abertas e os defuntos todos a persegui-los, deitaram a fugir, deixando jóias, dinheiro e mais valores que tinham roubado, só parando no meio do campo bem longe da Igreja.

Os três amigos saltaram do esconderijo,

a rir às gargalhadas do susto dos bandidos, e trataram de fazer entre si as partilhas da bela maquia.

Ora o Sapateiro era muito avarento, e lá por se ver senhor de tanta riqueza não esqueceu que o amigo Coveiro lhe pedira uma vez um tostão.

Logo que o bolo se repartiu irmãmente, voltou-se para o companheiro e disse, com o seu ar grave e sentencioso:

— Agora, meu amigo, passa para cá o meu tostão. —

Um dos ladrões, que tinha vindo, por ordem do capitão, espionar a Igreja, para saber a causa de tanto susto, ouviu o que disse o Sapateiro, e fugiu espavorido, nem sequer olhando para trás, imaginando-se perseguido por todos os mortos que ele e os seus companheiros tinham feito.

Quando chegou ao pé do capitão e do resto da quadrilha, ia mais morto do que vivo.

— Que há de novo? Que te aconteceu, que vens tão enfiado (perguntaram)?!

— Fujamos, fujamos sem demora, que ainda aqui não estamos em segurança. Eles são tantos, tantos, que da nossa riqueza tamanha só coube um tostão a cada um. —

Os ladrões não quiseram saber mais. Fugiram para muito longe. E nem queriam ouvir falar naquela terra de onde os defuntos os tinham corrido.

O povo cobriu de bênçãos os três amigos, o Sapateiro, o Coveiro e o Sacristão, graças à esperteza e arrojo dos quais se viu livre de tamanho flagelo.

Viveram muitos anos em boa paz e harmonia, chegando a ser os mais ricos e influentes personagens da terra.

A velha e o ladrão

ERA uma vez uma velha que vivia com o seu netito numa pequena aldeia da serra.

Uma noite acendeu o lume para fazer a ceia e disse ao rapaz que fosse buscar uma alcofinha de ovos que ela tinha guardado debaixo da cama. O rapaz foi, mas, vendo uns olhos a luzir debaixo da cama, começou a gritar de terror:

— Ó minha avó, venha cá ver! Estão aqui uns olhos que metem medo, venha cá, venha cá! —

A velha pegou na candeia e foi ver. Realmente encontrou lá um homem com cara de ladrão, mas não se deu por achada. Fingiu que não tinha medo nenhum, dizendo com muito bom modo:

— Eh! não te aflijas, rapaz. É um pobrezinho que se recolheu em nossa casa. Venha cá, irmãozinho, venha aquecer-se ao

meu lume que deve estar com muito frio e comeremos todos uns ovinhos que vou fazer para a ceia. —

O homem saiu de lá, agradecendo e dizendo que estava ali por causa do frio. Que passara, vira a porta aberta e por isso entrara, mas que não queria fazer mal a ninguém.

A velha deu-lhe toda a razão, desfazendo-se em cumprimentos, apesar de lhe ver uma grande faca debaixo do casaco. Foram para a cozinha, sentaram-se ao lume e cearam todos três.

No fim da ceia disse a velha:

— Agora, meu irmãozinho, enquanto nos não dá o sono, vou entretê-lo um bocado, contando algumas histórias que sei. Como sou já muito velha, tenho visto tanta coisa que podia estar a contar casos um ano inteiro, sem acabar nunca. Olhe, meu pai era muito bom homem, mas falto de paciência para doenças como nunca vi

outro. Tudo sofria com muita resignação, menos uma qualquer doença, por pequena que fosse. Então custava-nos muito a aturar, coitado! Um dia apareceu-lhe um tumor que muito o atormentou. Gritava constantemente. Já não o podíamos ouvir e fomos com ele à cidade consultar o médico. Como o tumor não estivesse ainda bom para ser lancetado mandou-nos lá voltar daí a dois dias. Passados os dois dias voltámos à cidade, e todo o caminho fomos a pedir ao nosso pai que tivesse paciência, que não gritasse porque era uma vergonha. Primeiro, esteve muito bem; mas logo que o médico lhe levantou a pele com a ponta da lanceta foi uma gritaria espantosa: «Aqui d'El-Rei! Aqui d'El-Rei! Aqui d'El-Rei que me matam!... —

E a velha gritava com quanta força tinha.

O homem, muito aflito, dizia-lhe:

— Senhora, não grite tanto que lá fora

os vizinhos podem ouvir.

— Não há dúvida, meu irmãozinho. Já tenho contado esta história a mais hóspedes que têm aqui dormido e a vizinhança sabe o que é. Voltando ao meu pai: lá o acomodámos conforme pudemos para o médico espetar a lanceta. Se ele não fosse tão desinsofrido era só uma dor, assim foi mil vezes pior ! Quando o médico enterrou a lanceta, o senhor nem pode imaginar o que ali foi ! Parecia o dia de juízo uma gritaria assim: «Aqui d'El-Rei que me querem matar! Acudam-me! Acudam-me» —

E a velha gritava com toda a força dos seus pulmões ainda vigorosos.

O homem, atrapalhado e aflito, dizia:

— Não grite assim, tiazinha, olhe que podem ouvir!

— Isso sim! Descanse, que não há perigo. O meu pai, coitado, gritou muito, mas o pior foi ainda quando lhe

espremeram o tumor! Já se vê que não podia ficar assim e tinha de ser espremido. Não imagina! Então é que foi o bom e o bonito! —

E a velha pôs-se a berrar com toda a força:

— Acudam-me! Aqui d'El-Rei que me matam! Aqui d'El-Rei!... —

Ainda não tinha acabado e já a vizinhança lhe batia à porta perguntando:

— Que é isto, vizinha, em que aflição se vê?! —

Ela, muito descansada, foi abrir e respondeu alto:

— Não é nada, não é nada! Então os vizinhos apoquentaram-se? Ora não há, uma coisa assim! Era eu que estava contando a este irmãozinho a história de meu pai. —

E muito baixo foi dizendo:

— Agarrem aquele homem, que é ladrão. Estava debaixo da minha cama e traz uma

grande faca no cinto. —

Os vizinhos entraram e prenderam o homem que se não pôde defender, por ser uma coisa feita de surpresa. Foi levado para a cadeia e guardado à vista pelo povo até ao outro dia o entregarem na cidade onde mais tarde foi julgado e condenado, porque na verdade era um grande ladrão.

E foi assim que a velha salvou o seu netito e se livrou a si mesma da morte e do roubo, mercê da sua coragem, sangue frio e muita esperteza.

O médico que fez milagres

HOUVE, outrora, um homem que apenas possuia de seu um livro de Medicina.

Com isto resolveu ganhar a vida e fazer fortuna. E com menos *sabedoria* a têm feito outros. Não é pois para admirar que tal pensamento lhe viesse à cabeça.

Saiu de casa com o alfarrábio debaixo do braço. E de tal maneira se houve que, em pouco tempo, criou grande fama.

Corria gente de toda a parte para consultar o notável *Médico,* e o dinheiro corria também à proporção. Ia num sino a fortuna do homem.

Depois de ter curado muita gente, foi o *doutor* chamado a casa dum nobre e rico senhor, que estava com um forte catarral. Entrou, franziu a testa e, depois de meditar alguns instantes, mandou que matassem

um cordeiro e que sem demora lhe trouxessem a pele. As ordens do *sábio* foram logo cumpridas, e ele, quando lhe entregaram o que pedira, enfiou a pele na cabeça do padecente. Ia morrendo asfixiado, mas afinal curou-se, de tanto suar com o extravagante *remédio.*

Cresceu, com esta maravilhosa cura, a fama do ilustre curandeiro. A família do doente tecia muitos louvores à sua perícia e *delicadeza,* e o próprio Fidalgo não se cansava de o elogiar.

Por esse tempo veio uma grande malina, e os hospitais estavam cheios a mais não poder ser. Iam os Médicos verdadeiros, curavam que não curavam, mas os hospitais enchiam-se e já não havia onde recolher os infelizes. Foi chamado o *grande homem* para ir ao primeiro hospital e dar algum remédio ao triste estado de coisas a que se chegara. Entrou, revestido de toda a importância e, fazendo uma rápida visita

aos doentes, disse:

— Este, aquele e aqueloutro estão irremediàvelmente perdidos, e então nem vale a pena tratá-los. Serão queimados. E com a cinza curam-se os que estão melhorzitos. —

Os doentes, que ouviram a sentença condenatória e não sabiam quem seria queimado, saltaram logo das camas e todos, sem esperar a escolha, fugiram do hospital, mais ou menos ligeiramente, conforme as suas forças lhes permitiam. Muitos, que nem podiam fugir, morreram de susto. Mas isto é que não constou cá fora. Pelo contrário: a fama do homem cresceu a ponto de dizerem que era tão bom médico e tão *sábio* que lhe bastava aparecer para curar os enfermos.

Tal fama correu mundo até chegar, devidamente correcta e aumentada, ao Palácio real onde a Rainha estava, havia já três dias, em perigo de vida. Dera-se o caso

da nobre Senhora ter tido pouco cuidado quando estava jantando. E assim atravessara na garganta um osso que não passava, nem para baixo nem para cima, e a não deixava comer nem falar.

Foi mandado chamar o *notável Médico* e conduzido em carruagem até ao Palácio real, porque todas as honras eram devidas a tão grande *lumiar da Ciência.* Entrou no quarto de Sua Majestade com todo o desembaraço e sangue frio autorizados pela eficácia dos seus *enérgicos* remédios.

Pediu uma quantidade de barro amassado em água, mandou sair toda a gente do quarto, e depois, sem mais cerimónias, obrigou a senhora a voltar-se, e pespegou-lhe com uma chapada de barro nas costas. A Rainha voltou-se cheia de indignação. E tal esforço fez para falar, que logo o osso lhe saltou pela boca fora.

Foi uma alegria enorme no Palácio ao verem a Rainha salva daquele perigo. E o

nosso herói, cumulado de fazendas e honras, saiu triunfante e ainda com maior fama, se possível!

Enfim, o homem foi sempre feliz. Considerado na vida e chorado na morte por toda a gente. E ainda hoje se contam os seus actos de *sabedoria.*

A audácia, quando feliz e usada a tempo, também faz *milagres*... se Deus os consente.

Os três grãos de milho

HAVIA dois casados que viviam muito bem. Mas o marido tinha um grande desgosto que não o deixava ser completamente feliz. A mulher não comia nada e, por mais que lhe pedissem e suplicassem, não se sustentava senão com três grãos de milho.

Com medo que ela morresse, andava muito desconsolado e foi queixar-se a um grande amigo e compadre que tinha.

O compadre ouviu o que ele disse, ponderou o caso, e respondeu-lhe assim:

— Amigo e compadre, vocemecê não se fie nessa. Olhe que é impossível a sua mulher viver só com três grãos de milho. O melhor é experimentá-la. Diga-lhe que vai viajar e suba para o telhado para espreitar o que ela faz quando está em casa sòzinha.

O homem agradeceu o conselho ao

amigo e foi para casa dizer à mulher que ia fazer uma viagem. Ela mostrou-se triste, lamentando-se muito, mas lá o deixou ir, no dia seguinte de madrugada.

Está bem de ver que, em vez de ir fazer a tal viagem, o marido subiu para o telhado e arranjou um sítio donde podia ver e ouvir tudo quanto se passava dentro da sua casa.

A mulher, mal o viu sair, chamou a criada e ordenou-lhe que imediatamente fosse cozinhar uma sopa de arroz para o seu almoço, que amassasse um bolo folhado para o seu jantar, e fosse matar um frango para lhe fazer um ensopado para a ceia.

Almoçou com toda a satisfação o seu caldinho de arroz e passou o dia alegre e satisfeita, jantando com todo o apetite a bela torta de folhado. À noite, quando ia sentar-se à mesa para comer o ensopado, bateram com força na porta da casa.

Era o marido, que, já farto de estar no

telhado todo o dia sem comer, e vendo o logro em que a mulher o trazia iludido, vinha furioso para lhe pedir explicações.

A mulher, que estava no melhor da sua ceia, disse para a criada:

— Não abras a porta, que pode ser algum larápio!

— Ó senhora, olhe que é o patrão (respondeu a rapariga).

— Isso é que não é, porque ele saiu para uma grande viagem e não pode estar já de volta. —

O marido, de fora, gritava pouco satisfeito, mas com todo o seu sossego a mulher foi comendo e guardando o resto.

Quando deixou a criada abrir a porta já não estavam na mesa o ensopado nem pratos que mostrassem que ela se tinha regalado com tão bela ceia.

Recebeu o marido com grande alegria, e perguntou-lhe se tinha gostado da sua viagem e porque motivo voltara tão

depressa.

— Olha, mulher, eu ia satisfeito para a minha jornada, mas quando cheguei ao meio do caminho sempre começou a cair uma chuva tão miuda que parecia o arroz que tu comeste no caldo ao almoço. Se não fosse um chapéu que arranjei, tão grande como o bolo folhado que jantaste, chegava aqui ensopado como o frango que tu acabas de cear. —

Vendo a mulher que ele sabia tudo, ficou muito envergonhada e nunca mais comeu às escondidas para fingir que era tão *delicada* que nem precisava de alimento. E viveram satisfeitos dali para diante pois já o homem não tinha medo que ela morresse de fraqueza por comer apenas três grãos de milho em todo o dia.

O doutor grilo

UM homem, que se chamava Grilo, vivia muito pobremente com a sua mulher. Vai uma vez disse-lhe:

— Sabes que mais, vou-me fazer adivinhão!

— Como há-de ser isso? Tu, que não sabes o que se passa, como hás-de adivinhar o que está para acontecer?

— Espera, vou esconder a vaca do nosso compadre, e depois, quando ele andar muito aflito a procurá-la, vou-lha buscar e digo que adivinhei. Assim é que se faz para ganhar fortuna. —

A mulher começou a rir-se da sua ideia; mas ele não quis saber, e foi a casa do compadre, tirou-lhe a vaca e esperou os acontecimentos. O compadre, quando deu pela falta do animal, arrepelou-se e gritou, perguntando a toda a gente se teriam visto

a sua vaquinha.

— Olhe, compadre (disse o Grilo), eu tenho uma voz cá por dentro que adivinha tudo. E então eu vou pensar e depois lhe direi onde está a sua vaca escondida. —

Fingiu que estava a pensar e de repente gritou:

— Tate! Já sei onde está. —

Disse o sítio em que a tinha guardado. Foram lá buscá-la, e o compadre deu-lhe boas alvíssaras. Começou a correr logo a fama de que tinha aparecido um novo doutor, chamado Grilo, que era um grande adivinhão.

A notícia correu mundo, até chegar ao palácio do Rei.

Ora acontecia que do Tesouro desaparecera uma grande riqueza. Foi logo chamado o doutor Grilo para dizer quem fora o ladrão, no prazo de três dias, sob pena de ser morto se o não adivinhasse.

O homem dizia mal à sua vida e dava ao

demónio a ideia que tivera de se fazer *adivinhão,* mas era tarde para reconsiderar. Já agora tinha que se calar e resignar-se a morrer.

Levaram-no para um quarto, fecharam-no a sete chaves, e disseram-lhe que pensasse até saber o nome do ladrão.

No primeiro dia mandaram-lhe o jantar por um criado de toda a confiança do Rei. O pobre Grilo, muito triste, pensando sòmente na sentença de morte, disse:

— Um já lá vai! Não me faltam senão dois! —

Referia-se aos dias que tinha de vida, mas o criado, que tinha culpas no cartório, ficou atemorizado e foi dizer a dois companheiros seus:

— Sempre é certo. O homem é *adivinhão,* pois quando me viu, disse que um dos ladrões já ele conhecia e só lhe faltavam dois. —

No dia seguinte veio o segundo criado

trazer-lhe o jantar, e o doutor Grilo suspirou com mágoa vendo que lhe ia fugindo o tempo:

— Dois já eu cá tenho! Agora só falta o terceiro!... —

O criado correu espavorido a prevenir os companheiros.

Ao outro dia foi o terceiro criado levar-lhe o comer, e o pobre doutor gritou, quando o viu:

— Ai, o terceiro, o terceiro, que já eu cá tenho!... —

O criado, ouvindo isto, caiu de joelho diante dele, pedindo por todos os Santos e Santas da corte do Céu que não os denunciasse senão com a promessa do Rei lhes poupar a vida, pois tinham sido eles três os ladrões do tesoiro real.

O doutor Grilo, contentíssimo como pode imaginar-se duma pessoa que já contava morrer e se vê salva, prometeu o que lhe pediam aqueles desgraçados, e no dia

seguinte apresentou-se muito soberbo diante do Rei e de toda a Corte reunida.

— Então (disse-lhe o Rei) quem é o ladrão do meu tesoiro?

— Não é um. São três os ladrões. Já sei os seus nomes, Senhor, mas só os direi com a condição de que os deixareis ir em paz. —

O Rei prometeu, e então apresentou-lhe ele os três criados infiéis, que tudo confessaram, entregando o que lhes não pertencia. Foram expulsos da Corte, mas, para cumprimento da palavra real, não tiveram mais castigo.

O Rei mandou entregar uma boa soma de ouro ao doutor Grilo que muito queria voltar para a aldeia onde era esperado pela mulher e pelos filhos, e onde estaria muito mais seguro. Mas o Rei, querendo experimentar melhor a sua habilidade,não deixou que ele se fosse logo embora.

Um dia levaram ao Palácio, de presente, uma porca dentro de um saco, e o Rei

mandou chamar o *adivinhão* e perguntou-lhe se era capaz de saber o que estava ali dentro.

Olhou o doutor Grilo, por um lado e por outro, mas, como não podia tocar no saco e o animal não dava sinais de si, voltou-se para o Rei e disse muito atrapalhado:

— Aqui é que a porca torce o rabo!

— Adivinhaste, é uma porca. És de facto, um sábio adivinhão! —

Mas o Rei ainda não ficou desta vez convencido completamente da esperteza do homem, e um dia em que andava no jardim, apanhou um grilo, fechou-o na mão e disse para o famoso doutor:

— Se me disseres o que eu tenho aqui dou-te muito dinheiro. —

O homem, que mal podia imaginar o que era, deu tratos e mais tratos ao juízo sem ser capaz de adivinhar. Muito descoroçoado, disse para si mesmo:

— Ai Grilo, Grilo, em que mão estás

metido!

— Adivinhaste (bradou o Rei, muito contente) é um grilo. —

E abrindo a mão deixou fugir o pobre animal.

Então acreditou na sabedoria do doutor Grilo, deu-lhe grande soma de dinheiro, e deixou-o ir para casa, mas com a condição de que viria à Corte sempre que desconfiasse que alguém o roubava ou lhe era infiel.

O homenzinho viu-se livre daquela aflição constante, e ainda lhe parecia mentira.

Afinal não foi preciso voltar à Corte, porque dali em diante todos tinham receio de que se soubessem os seus crimes e todos se portavam com muita honradez.

E assim o doutor Grilo viveu contente e rico o resto dos seus dias, na companhia da mulher e dos filhos que muito estimava, e muito bem educou e colocou na vida.

Sermão na aldeia

UM bom campónio, tendo junto alguns vinténs à custa de trabalho e poupança, resolveu mandar o filho para os estudos, pois o queria ver Pároco da sua Freguesia.

O rapaz tinha bons desejos de estudar, mas Deus não o fadara para o caminho das Letras, e mais avisado andaria o pai se o guiasse para ser um bom lavrador, como ele era. Agradou-se, porém, da cidade para onde fora, e da vida pouco trabalhosa de falso estudante. E por isto ia enganando os pobres pais, nas cartas que mandava para casa, pedindo reforço das mesadas para pagar encargos dos estudos, e dizendo que nem nas férias os podia interromper e que só iria à aldeia depois de vencidos os principais exames. E, de tempos a tempos, lá ia escrevendo que já estava livre de mais um.

Assim passaram alguns anos, até que teve de anunciar próxima visita aos pais, antes de voltar à cidade, para (dizia ele) acabar os estudos e ordenar-se. Para se fazer valer foi dizendo que estava muito adiantado no Latim, e que até o Senhor Bispo o chamara já para prègar na Sé.

Os pais muito se entusiasmaram com tantos progressos, e não faziam senão gabar o filho a toda a gente da aldeia.

Chegaram as férias e o estudante veio a casa. Logo à entrada, o cão de guarda, que não o conhecia, começou a ladrar-lhe. E o rapaz, querendo mostrar o seu adiantamento no Latim, que nem de ouvido aprendera, gritou-lhe esta algaravia:

— Ó canes pátla mé, tu ladras à mé?! Sou da casa como té. —

O pai, coitado, que era um pobre ignorante, imaginou que tudo aquilo queria dizer alguma coisa, e começou a saltar de contente e a dizer que o seu filho estava tão

adiantado que até para os cães falava em latim.

O rapaz andava num sino, porque toda a gente da sua aldeia se convenceu que ele era um grande sábio. Se falava latim com os animais, o que não seria um Sermão! E, como houvesse por então a festa do Orago da Freguesia, foram convidá-lo para prègar o Sermão, porque a confraria era tão pobre que só podia dar oito tostões ao Pregador, e por esse preço nenhum Padre queria ter o trabalho de subir ao púlpito.

O rapaz disse que sim, com muitos agradecimentos pela boa lembrança. Mas no seu íntimo dava ao demónio a esperteza de ter querido inventar Latim, porque não sabia o que havia de dizer. Bem puxou pela cabeça, a matutar num Sermão parecido com os que ouvira algumas vezes na cidade. A cabeça valia pouco, e os estudos que ele frequentara eram apenas os da presença nos botequins, ouvindo as

chalaças e rimas fáceis e sem sentido nenhum, dos foliões.

No dia da festa levantou-se muito cedo e foi dar um passeio pelos campos, a ver se lhe ocorria alguma coisa para a sua oração da tarde, pois tinha ouvido contar de sábios Prègadores que estudaram assim os seus melhores Sermões.

Na primeira fazenda que atravessou, viu um homem a meter nabos num saco, e tomou nota. Mais adiante viu uma serpente que fugia para um buraco. E depois viu um monte e um rio com uma ponte. No rio andavam patos a nadar, e na ponte passava um rebanho de ovelhas.

De tudo foi tomando nota, para fazer comparações.

À hora da festa já estava muito convencido que iria botar grande figura. Porque não há ninguém que menos saiba de si mesmo do que um homem que não estudou nada.

Entrando na Igreja, subiu para o púlpito com toda a solenidade.. e maior desfaçatez.

Depois de tudo estar disposto para ouvir com atenção, começou ele:

— É de saco em nabo.
É de nabo em saco.
A serpente do Mal
Fugiu para o buraco!
É de fonte em monte.
É de monte em ponte...
Do muito que vi
Nem sei que vos conte.
Por baixo nadam patos
E por cima andavam més...

Atrapalhou-se, por não saber o que mais havia de dizer, olhou para o teto, como que a chamar as ideias, e, reparando que a Igreja estava muito suja, gritou logo:

— Ó irmãos, que me chamais,
Porque tendes a vossa Igrejinha

SERMÃO NA ALDEIA

Tão sujinha dos pardais?!
Meus irmãos, acabou-se tudo...
Tudo se acabou.
Cristo morreu entre dois ladrões...
E eu não posso dizer mais por oito tostões!

Ainda bem não tinha acabado, e já o povo todo se levantara contra ele. Agarraram-no, levaram-no para fora da Igreja, e deram-lhe grandes vaias e uma sova mestra, que para sempre o curou das manias de ser sábio sem estudar, Padre sem vocação e Pregador sem ter que dizer.

Daí em diante deixou-se de latins. Pôs-se a cuidar da terra, e foi um honesto lavrador como o pai.

Para alguma coisa valeu o Sermão na aldeia e o castigo sofrido e merecido.

Castigo de bem falantes

TRÊS lorpas, muito vaidosos, não contentes com os disparates que faziam na sua aldeia, resolveram vir de companhia à Capital, porque, diziam eles, queriam aprender a falar à lisboeta.

Para aprenderem melhor separaram-se, seguindo cada qual por sua rua.

O primeiro ouviu dizer, a uns sujeitos bem vestidos, que conversavam à porta de uma tabacaria:

— Nós todos três... —

O segundo parou defronte dum ourives, onde estavam umas senhoras vendo as jóias e ouviu uma dizer:

— Por nosso gosto... —

Vai o terceiro e encontra uma grande multidão aclamando um homem que se tornara notável, e ouviu dois espectadores que diziam:

— Justo será... —

Ficaram com aquilo na cabeça e a todo o momento empregavam as palavras que tinham aprendido, para mostrarem que já sabiam falar à lisboeta. Daí voltaram todos três à terra, radiantes com a sua sabedoria.

No meio do caminho encontraram um homem morto e foram dar parte à justiça. Perguntou-lhes o Juiz:

— Quem o matou?

— Nós todos três (respondeu o primeiro).

— Porque motivo (continuou o Juiz)?

— Por nosso gosto (respondeu o segundo).

— Bem, então vão ser presos.

— Justo será (disse o terceiro).

E assim foram metidos na prisão, por querem [*] falar à lisboeta.

É o que sucede a quem fala sem pensar, nem saber o valor das palavras.

---

[*] Deverá ler-se *quererem*.

Santo judeu

VIVIA um velho muito avarento quase sempre fechado em casa, servido por submissa criada, também idosa, e tendo por companhia um gato. Não dava nada a ninguém nem queria falar com pessoa alguma, receando que lhe pedissem esmola.

Chegou o Entrudo e uns rapazes da vizinhança resolveram enganar o avarento, que era ao mesmo tempo um grande *finório.* Vestiu-se um deles com fato muito poeirento e remendado, a fingir de pobre pedinte que vinha de longe, e foi bater à porta do velho. Tanta lamúria fez que a criada o deixou entrar para a cozinha. Veio o avarento e não gostou da graça, mas, como o rapaz fazia muito bem o seu papel de tontinho, deixou-o ficar, achando até graça às perguntas que ele fazia, e respondendo a tudo às avessas. Assim dizia

o rapaz:

— O senhor como se chama?

— *Santo Judeu.* —

Bem sabia ele que tal não era, mas fingiu acreditar, com cara de muito pateta. Viu a cama onde dormia a criada, e perguntou:

— E aquilo o que é?!

Responde o velho:

— É o *cabo da folgança.*

— Sim senhor, bonito nome! —

Olhou para o lado, viu o gato e disse:

— Ui que bicho tão feio! O que é?

— É um animal chamado *pilpirratos.* —

Como a velha estava a fiar estopa, perguntou:

— E aquilo que a sua criada está a fiar como se chama?

— *Calhamandras.*

— Muito engraçado nome! E o que está naquele pote?

Era água, pois vinho nunca lá tinha

entrado em casa.

— Aquilo é *abundância* (respondeu o velho por troça).

— Sim senhor. E como se chama esta casa onde vive?

— Isto não é casa, é *altas miras.*

— Bom; agora que já vi tudo, há-de dizer-me o que é que ali tem pendurado? —

Era um presunto e chouriços que estavam no fumeiro.

— Aquilo (disse o avarento, fingindo-se muito admirado)?! Pois também não sabe o que tenho ali?!

— Eu, não senhor! É coisa que nunca vi.

— Pois admira! Aquilo é *Jesus Cristo e os Apóstolos.*

Chegou a hora de se irem deitar, e o rapaz dizia consigo:

— Deixa estar, meu velhote, que eu te direi se tu ris mais do que eu!...

Mal viu tudo sossegado, abriu a porta aos companheiros. Foram ao fumeiro

tiraram os chouriços, pegaram num bocado de estopa, ataram-na ao rabo do gato e começaram a gritar:

— Levanta-te, *Santo Judeu,*
Desse *cabo da folgança,*
Que fugiu o *pilpirratos*
Com as *calhamandras* no rabo.
Se a *abundância* lhe não acode
Lá se vão as *altas miras!*
Altas miras, senhor meu amo!
Fique-se com *Jesus Cristo*
Que nós cá vamos com os *Apóstolos!* —

Enquanto o velho se levantava, todo aflito, safaram-se os rapazes com os chouriços e foram, a rir, contar a história. Não sem desatarem a estopa do rabo do gato, que afinal não tinha culpa nenhuma das avarezas do velhote.

Pato, cabidela e tudo

ESTE exemplo dos castigos da avareza é de um Sapateiro velho e rico a valer. Ganhara sempre bastante dinheiro e como era muito somítico e egoísta não gastava nada. E assim arranjou boa fortuna, se boa podemos dizê-la.

A família e os amigos escusavam de contar com ele, pois mais depressa quereria morrer do que matar a fome a alguém ou fazer o mais pequeno favor.

Tinha o sapateiro avarento um compadre e parente a quem devia bastantes obséquios e bons serviços. Certo dia apareceu-lhe o compadre a fazer uma visita. Não gostou muito da festa, mas viu-se obrigado a mostrar-se amável e a fazer de generoso. Foi ao mercado, comprou um pato, porque foi a coisa mais barata que lá encontrou, e trouxe-o para casa.

PATO, CABIDELA E TUDO

Mandou-o cozinhar, com recomendação à cozinheira de gastar poucos temperos, e quando estava pronto convidou o amigo a irem para a mesa.

Veio a comida, mas o sapateiro é que fazia os pratos, e de tal maneira serviu o hóspede e a família, que ficou tudo com fome.

Ele, porém, estava já um tanto mais satisfeito, porque tinha sobrado pato, cabidela e arroz para a ceia e para o dia seguinte.

O compadre estava desesperado e, reparando onde o avarento metia os créscimos, jurou vingar-se da fome que lhe fizera passar.

Quando o viu descuidado, fóra de casa, tirou do armário o jantar que lhe fora negado, e comeu à vontade. Comeu tudo, e parece que também não ficou ainda muito farto. Dali foi rir e brincar para o terreiro onde o Sapateiro se assentara de má

sombra, como era seu costume.

Quando bem lhe pareceu, entrou o avarento em casa e foi ao armário para se regalar com a vista dos restos do seu rico jantarinho. Quando olhou e apenas viu os pratos vazios, teve um tal desespero que caiu para o lado com um ataque.

Veio o compadre, vieram os vizinhos, e correram a chamar o médico. O Sapateiro, entretanto, apenas murmurava:

— *Pato, cabidela e tudo! Pato, cabidela e tudo!...*

Os vizinhos e a família que rodeavam o leito, olhavam uns para os outros sem compreenderem aquelas palavras, mas o compadre espertalhão, que bem sabia a que se referiam, declarou:

— O que ele quer dizer é que me deixa *prata, cabedal e tudo.* Não é isto, compadre?

E o avarento, de olhos espantados de horror, apenas continuava a repetir:

— *Pato, cabidela e tudo! Pato, cabidela e*

tudo!...

Até que morreu, sem dizer mais nada, passando todos os seus haveres para o compadre, que foi buscar a mulher e os filhos e lá ficou a gozar em boa paz o que fora amealhado com avareza e perdido com desespero.

História da machadinha

HAVIA um rapaz, muito espertalhão e bem parecido, que decidiu casar-se. Um seu vizinho, lavrador abastado tinha uma só filha, e foi essa que ele resolveu pedir em casamento.

O pai e a mãe da rapariga ficaram muito satisfeitos e ela não ficou menos, porque na verdade o rapaz era perfeito moço.

Como prova da sua satisfação quis o lavrador oferecer um copo de vinho ao noivo, e vai daí disse à filha que fosse buscar à adega um pichel do melhor.

A noiva, toda contente por poder obsequiar o rapaz, foi pôr o pichel debaixo da torneira, e enquanto o vinho corria olhou para o teto, onde estava pendurada uma machadinha. Muito preocupada com isto, pôs-se a pensar:

— Ora eu vou-me casar amanhã; em

tendo um menino, pode vir aqui; a machadinha cai-lhe em cima, e mata-o! —

Como tardasse muito, a mãe foi ver em que estava a demora, e encontrou a rapariga na adega, a olhar para o teto, e com o pichel já cheio, a deitar por fora.

— Ó filha, que estás tu aqui a fazer, há tanto tempo?

— Ó minha mãe, eu vou-me casar; hei-de ter um filho; pode vir aqui; desprende-se aquela machadinha que está presa ao teto; cai-lhe na cabeça e mata-o.

— É verdade, filha, tens razão! —

E ficou igualmente a *pensar,* deixando o vinho a entornar-se pelo chão.

Como também a mulher se demorava, o lavrador, em cuidado, disse para o futuro genro:

— Espere aqui um bocadinho, que eu vou ver o que aconteceu. —

Foi à adega e diz-lhe logo a mulher, à queima-roupa:

— Anda cá ver o juizo que tem a nossa filha ! Já está a pensar no futuro.

— É verdade, meu pai, eu vou casar; hei-de ter um menino; pode aqui vir, e a machadinha é capaz de se desprender do teto, cair-lhe na cabeça e matá-lo.

— Tens razão, filha. E eu que nunca pensei nisso! O que é a gente ser esperta como tu! —

E ficou-se igualmente a olhar para o ar, sem ver que a pipa se ia esvaziando pelo chão.

O rapaz, vendo que também o lavrador lá ficava, receou que houvesse qualquer coisa de cuidado e foi à adega.

Mal o viram, disseram os pais da rapariga:

— Venha cá, venha cá, senhor nosso genro, venha ouvir a esperteza da sua noiva. —

O rapaz entrou, e a primeira coisa que fez foi fechar a torneira e levantar o pichel

que continuava no chão.

— Pois é verdade (disse a noiva), nós vamos casar; havemos de ter um menino que virá aqui. Aquela machadinha pode desprender-se do teto, e cair-lhe em cima e matá-lo.

— Olhe que é grave (disse o lavrador embasbacado)!

— É grave, é (respondeu o noivo), mas fiquem vocês cá a pensar nisso que eu vou correr mundo. Em encontrando remédio para esse mal, cá venho ter.

E consigo dizia:

— Já não me apanham. Só se encontrar gente ainda mais parva do que eles. —

Pôs-se a caminho, e foi andando, andando, até que encontrou uma velha a carregar sol às alcofadas, e perguntou-lhe:

— Ó mulherzinha, que anda a fazer?

— É que a minha casa é tão sombria que de inverno nunca lá entra o sol. E eu como gosto muito dele, pois bem sabe que é o

sangue dos velhos, ando a levá-lo para lá.

— Ora que tolice! Dê-me vocemecê quarenta mil réis, que eu lhe meto o sol em casa. —

A velhota, muito satisfeita, deu-lhe logo o dinheiro. E ele foi para cima do telhado, tirou as telhas, e deixou-lhe a casa cheia de sol.

Foi-se dali embora, e andou, andou, até que chegou a uma terra onde toda a gente se levantava ainda de noite, para irem ao cimo duma serra buscar a madrugada. Punham-se de lá a berrar até que alvorecia, e então começavam o seu dia de trabalho.

— Ora que tolice vocês estão fazendo (disse o nosso homem)! Eu tenho um animal precioso que se encarrega de chamar a madrugada, sem que vocês tenham trabalho nenhum. Comprem-mo por um conto de réis, e podem dormir descansados que ele se encarregará de os acordar quando vier o dia. —

Os do povo ficaram satisfeitíssimos, e logo se quotisaram todos para comprar o precioso animal.

O espertalhão deu-lhes um galo que trazia para farnel, e foi-se andando, déu-em-déu, com mais aquele dinheirinho ganho à custa dos tolos.

Continuou a sua marcha, até que chegou a uma terra onde viu muita gente reunida no adro. Indagou do que se tratava e soube que havia um casamento e um grave problema para resolver: era costume naquele povo irem as noivas para dentro da Igreja montadas numa égua. Ora acontecia que aquela noiva era tão alta que não cabia na porta, e assim estavam na dúvida se deviam cortar as pernas à égua, se a cabeça à noiva.

— Não é preciso nada disso (disse o rapaz). Dêem-me um saco de dinheiro que eu remedeio tudo. —

Prontificaram-se a dar-lhe o que pedia, e

ele deixou-se estar no adro à espera do cortejo.

Quando viu chegarem os noivos com os seus padrinhos e convidados, foi direito à égua, levou-a até à porta da Igreja, e, mandando a noiva baixar a cabeça quanto pudesse, deu duas pancadas nas ancas do animal, que entrou como um raio pela igreja dentro. E tudo se fez sem perigo para a noiva nem para a cavalgadura.

O povo todo aclamou o grande homem, que se foi embora, dizendo com os seus botões que o número de tolos era maior do que julgava.

Seguiu a viagem até que chegou defronte duma grande casa toda fechada, tendo à porta uma grande quantidade de raspas de cortiça, para amortecer o barulho dos passos.

Julgou que estivesse alguém doente, e bateu à porta, de vagar, para saber o que era. Veio uma criada, nos bicos dos pés,

perguntar o que queria.

— Eu sei alguma coisa de medicina, e então, como vi tudo fechado, lembrei-me que estivesse aqui algum doente que precisasse dos meus serviços.

— Pois veio em boa hora, porque a minha senhora está de cama há quarenta anos. Nasceu um menino, chamado Sancho, e como não sabíamos o que fazer, deixámo-los estar na cama até agora.

— Pois vamos lá ver esse menino Sancho (disse o rapaz).

A criada abriu-lhe a porta, e pé-ante-pé subiram a escada e chegaram ao quarto onde estava uma senhora já velha, deitada numa cama, e noutra, em forma de berço, um barbaçanas dum homem, também meio velho. A mãe disse ao visitante que o seu filho era muito esperto: — Ainda se não tinha levantado da cama e já dizia que se chamava Sancho, batia as palmas e fazia outras gracinhas próprias duma criança de

poucos meses. —

O rapaz fez que observava atentamente o velho-criança, e afirmou:

— Vendo bem, o menino Sanchinho já tem idade para se levantar. Deixem-no, por meu conselho, brincar por toda a casa. —

E saiu espantado com tanta estupidez, não sem receber os agradecimentos e a paga dos seus conselhos.

Já de volta para a terra natal, resolvido a casar, pois mais parvos do que a noiva e os pais dela, encontrara tantos, passou por uma herdade onde viu, à porta, uma porca muito gorda a comer bolota.

Era um animal bonito e manso. E muito naturalmente o rapaz fez-lhe uma festa. Mas qual não foi a sua admiração, ouvindo uma voz que lhe dizia, de dentro de casa:

— Ai, o senhor conhece a minha porca?!—

Vendo que tinha nova toleima pela proa, respondeu o rapaz gracejando, já morto de

riso:

— Pois não havia de conhecer! Esta porca é minha prima!

— Então como se chama o senhor?

— Sou o *Maio-longo.*

— Ai, o senhor é que é o *Maio-longo?* Então vou dar-lhe a carne ensacada, que meu marido me disse que se havia de guardar para o *Maio-longo.* —

Deu-lhe o enchido todo que estava guardado e perguntou-lhe donde vinha.

— De Salvaterra (respondeu o rapaz).

— Debaixo da terra? Então há-de lá ter encontrado o meu primeiro marido. Chamava-se Jacob Marcim.

— Lá o vi. Andava muito roto e pobre, coitado!

— Ai que desgraça! E eu que tenho aí uma arca cheia de roupa dele! Se o senhor fosse capaz de lha levar?!

— Pois não! Para lhe fazer favor, levo-lhe o que quiser, respondeu o *finório,* que assim

estava a enriquecer à custa dos tolos de boa fé, o que sucede mais vezes do que se imagina.

A mulher foi buscar um grande saco e encheu-o até não poder levar mais, com roupa do defunto. E quando o entregou ao viajante, com muitas recomendações para o morto, disse-lhe:

— Mas, antes que eu seja confiada, sempre lhe pergunto: o senhor o que veio aqui fazer?

— Ora não sabe! Vim convidar a minha prima porca para assistir ao meu casamento.

— Ah, sim!? Então espere um pouco, que eu a vou vestir. E não quero que vá com as mãos a abanar; há-de levar a sua prendinha aos noivos. —

Foi buscar um cântaro cheio de azeite, outro com água-mel, e um cesto com queijinhos. Depois foi pôr um capotinho de seda côr de castanha, à porca; deitou-lhe

ao pescoço o seu cordão de oiro e, mandando aparelhar a égua, recomendou ao rapaz que levasse a prima sempre montada e com todo o cuidado. Logo que o casamento se fizesse que lha tornasse a mandar, porque ia ter muitas saudades da sua querida porquinha.

O rapaz tratou de se pôr a andar, apressado, receando que viesse o dono da herdade. Efectivamente pouco depois voltava este a casa e, não achando a porca no sítio costumado, perguntou onde estava. A mulher, muito satisfeita, informou-o:

— Foi com um primo que a veio convidar para assistir ao casamento dele.

— Um primo?! Tu és tola, mulher. As porcas não têm primos.

— Não digas tal. A nossa tem um e bem galante, que até se chama Maio-longo. Por isso lhe entreguei a carne ensacada e os presuntos, que tu me disseste que guardasse para ele.

— Ó mulher, tu estás doida varrida?! Eu disse-te que guardasses a carne para o Maio-longo, porque assim se costuma chamar ao mês de Maio, por ser o que tem os dias maiores, e por isso nos leva a comer mais.

— Então porque não me explicaste bem tudo isso? Agora já não há remédio para o meu engano. Dei tudo ao homem que me disse chamar-se *Maio-longo,* e fiquei descansada.

— De onde veio esse homem?

— Veio de uma povoação debaixo da terra.

— Ora adeus, não há povoação com esse nome.

— Isso é que há. Até lá esteve com o meu primeiro marido, que andava muito rotinho, coitado! E com tanta roupa que cá deixou, vê lá se não corta o coração! Por isso lhe entreguei tudo quanto cabia num saco.

— Já vejo que és uma parva, que te deixaste enganar por um intrujão! Para onde foi esse homem?

— Foi pela estrada abaixo.

— Bem, manda-me aparelhar a égua para ir atrás dele. Quero perguntar-lhe se anda por cima ou por baixo da terra.

— Ó homem, não te amofines, mas a égua foi também para levar a porquinha, e depois do casamento voltar com ela.

— Ó mulher, isto é demais! Nunca vi tanto disparate junto! —

E, montado no cavalo em que tinha vindo, partiu a galope, em procura do Maio-longo.

O cavalo não estava folgado, mas depressa apanharia quem tivesse de caminhar levando a pesada carga da porca e dos seus presentes. Assim esperançado, o lavrador ia galopando e olhando.

Começou a descer um monte e, ao fim de algum tempo, encontrou um homem

deitado à sombra de um sobreiro, perto do caminho.

Sem pensar na grande parvoíce que fazia em confiar na informação de um desconhecido, perguntou-lhe se por ali tinha visto passar um sujeito a cavalo e com uma porca muito gorda, que roubara a uma boa mulher.

— Vi, sim senhor. Meteu-se por esta encosta abaixo. —

Ora o homem, que não era outro senão o noivo da menina da machadinha, quando o lavrador começou a descer o serro, foi buscar a égua e a porca e os sacos e bilhas, que escondera quando o vira ao cimo do monte e, montando, partiu a toda a pressa, por caminho contrário ao que indicara.

Como ficaria o lavrador quando reconhecesse que também fora enganado, ele que se julgava muito fino, pode bem imaginar-se!

O espertalhão chegou à sua terra,

arrecadou o que trouxera da viagem, e foi procurar a noiva a quem perguntou se já tinha remédio para o perigo da machadinha.

— Não, ainda não sei como há-de ser!

— Sei eu. Vamos lá todos à adega. —

Foram. E ele, subindo então a cima duma pipa, tirou a machadinha e entregou-a à noiva, para a livrar de cuidados. Ela ficou radiante de contentamento, assim como os pais, que diziam que não havia nada como viajar para a gente aprender!

O rapaz tratou de apressar o casamento porque, na verdade, mais parvos do que a noiva e os sogros encontrara muitos, e reconhecera que quanto mais gente se vê mais tolos se conhecem.

O bolo refolhado

ESTAVA uma boa e pobre mulher casada com um homem tão mau que, sem razão nenhuma, lhe batia constantemente. Quando não via coisa por onde pegar, inventava pretextos para se zangar e bater.

Certa manhã levantou-se e disse-lhe:

— Logo para a ceia quero um bolo *refolhado.*

— Não sei o que isso é.

— Ah, não sabe? É uma boa dona de casa, não haja dúvida!... Pois se não sabe aprenda, e logo não deixe de cá o ter. —

A pobre mulher, muito ralada, foi ter com uma vizinha amiga que sabia muito bem de cozinha, para lhe perguntar como se fazia o tal *bolo refolhado.*

— Isso há-de ser bolo folhado. Foi o seu homem que se enganou. Vá descansada, que logo faço um bolo folhado muito bom e

lá lho levo. Ele há-de gostar e não terá ocasião de lhe bater. —

À noite veio o marido e, como não viu o *bolo refolhado,* gritou, ralhou e bateu na mulher, mas não deixou de comer e saborear o que lhe fora apresentado.

Ao outro dia fez a mesma recomendação, e a desgraçada voltou à vizinha, a contar o sucedido e a pedir-lhe nova receita.

— Olhe, vizinha, eu não sei o que o seu homem quer dizer com o tal *bolo refolhado.* Arranje-lhe vocemecê uma galinha guisada, talvez seja isso que ele quer. Se não for, que se explique melhor. Tantos cozinhados tenho feito e nunca ninguém me perguntou por tal coisa.

— A vizinha fala bem (respondeu a outra, magoada), mas o meu homem é tão mau que é capaz de me fazer alguma das suas. —

À noite sucedeu a mesma coisa, o mau homem comeu a galinha guisada, mas

começou a berrar que não era aquela ceia que ele queria, mas sim um *bolo refolhado.* E voltou a dar mais pancadaria na mulher.

Na manhã seguinte, nova recomendação. A pobre mulher voltou, à vizinha, que lhe disse:

— Ó vizinha, sabe que mais? O seu homem está a mangar consigo, e o que quer é bater-lhe, com razão ou sem ela. Vá vocemecê buscar as calças, o chapéu e o capote dele, e venha cá ter comigo à tardinha, que nós lhe curaremos a doença que tem e lhe daremos o *bolo refolhado,* com bastante açúcar e canela. —

Assim foi. À tardinha apareceu a mulher infeliz, com as coisas pedidas.

A amiga arranjou também umas calças, um capote e um chapéu do marido, e depois vestiram-se as duas com os fatos dos seus homens, de maneira que ninguém era capaz de as reconhecer. Munidas de grossos varapaus foram para o caminho por

onde o mau homem havia de passar, quando regressava sòzinho a casa.

Mal chegou ao pé do sítio onde o esperavam com os varapaus, diz a vizinha, disfarçando a voz:

— Bate-lhe, S. Pedro!

— Porquê, S. Paulo? (respondeu a outra).

— Porque pede à mulher o *bolo refolhado.* —

E começaram a dar-lhe cacetadas, ora uma ora outra, repetindo sempre as mesmas palavras:

— Bate-lhe, S. Pedro!

— Porquê, S. Paulo?

— Porque pede à mulher o *bolo refolhado!...* —

E foram batendo, enquanto se não cansaram.

Depois safaram-se e despiram-se, sem que ninguém soubesse do feito e deixaram-se ficar em casa à espera dos maridos.

O homem do *bolo refolhado,* moído como farinha, chegou a casa e pediu mil perdões à mulher por ter sido mau e exigir que lhe fizesse uma coisa que nem sabia o que era.

— Até S. Pedro e S. Paulo o tinham castigado por tal crime, aparecendo-lhe, por grande milagre. —

A mulher, fingindo-se muito admirada e agradecida aos bons Santos Apóstolos, perdoou-lhe logo, mas recomendou-lhe muito que não voltasse à mesma, pois com suas orações faria descer outra vez à terra S. Pedro e S. Paulo.

Ora isso é que ele não queria, porque ficara sabendo o que lhe custavam tais visitas, e prometeu não mais a agravar.

Daí por diante emendou-se, e viveram muito bem.

Bater na mulher com razão ou sem ela

ERA uma vez um homem que vivia muito bem com a sua mulher. Nunca tinham um ralho; não havia a mínima questão; o que um queria, queria o outro. Enfim, eram muito felizes. Mas, um dia, o homem encontrou-se com um compadre, que lhe disse:

— Então tu não bates na tua mulher?

— Eu não. Nem tenho razão nenhuma para lhe bater.

— És parvo! Nas nossas mulheres *bate-se com razão ou sem ela.* Só os tolos é que não batem nas mulheres! —

O homem, com medo que lhe chamassem tolo, começou desde então a bater na mulher, sem quê nem para quê.

A casa, que dantes era um paraíso, tornou-se um inferno! Já ninguém se

entendia.

A mulher procurava adivinhar-lhe as vontades e fazia tudo o que imaginar podia para o satisfazer. E ele, zás, pancadaria brava!

A pobre mulher, sem ver nenhum remédio para aquela desgraça, pensava em morrer. Um dia, porém, compreendeu que lhe tinham virado o marido com maus conselhos. Cansou-se de ter paciência e disse com Deus e consigo:

— Espera que eu te arranjo! Hei-de pregar-te uma peça, que te hás-de ver parvo. E então é que passarás por tolo. —

Comprou uma lebre; esfolou-a e, à noite, quando o homem se preparava para lhe bater, disse:

— Tu não sabes uma coisa, homem?!... Aconteceu um caso que me tem dado que cismar.

— Então o que foi?

— O nosso galo apanhou uma lebre!

BATER NA MULHER COM RAZÃO OU SEM ELA

— Isso não pode ser!

— Pode, pode! E a prova é estar aqui a lebre já esfolada, e amanhã levar-ta para o almoço. —

O homem, de satisfeito que ficou com a novidade, passou aquela noite sem lhe bater. De manhã levantou-se muito cedo e foi para o campo ver uns trabalhadores que trazia numa propriedade. A primeira coisa que fez foi dizer-lhes:

— Eh rapazes! Trabalhem de vontade, que hoje temos lebre para o almoço. —

Ficaram todos muito contentes, dando vivas ao patrão, e trabalharam com alma para merecer o bom guisado. À hora do almoço chegou a mulher com um grande cabaz, coberto com uma toalha branca de neve. Trazia muita comida boa, mas da lebre nem coisa que se parecesse! Vai ele perguntou:

— Ó mulher, que fizeste à lebre?

— Qual lebre? Eu não sei o que queres dizer. Pois tu compraste alguma lebre?

— Ora essa! Então tu não me disseste que ontem o nosso galo tinha apanhado uma lebre?

— Ó homem de Deus, tu estás doido! Pois isso pode lá ser? Um galo apanhar um lebre?! —

E fugiu, a lamentar-se, dizendo que o seu marido estava doido e que tinha por mania dizer que um galo apanhara uma lebre.

As vizinhas ficaram prevenidas, para lhe acudirem, se ele quisesse bater-lhe, pois decerto estava doido o pobre homem, e em doidos ninguém se pode fiar.

A mulher fechou-se em casa, comeu a lebre com todo o sossego e guardou a pele.

À noite vem o homem para casa a barafustar, e queria bater na mulher. Mas a vizinhança acudiu. E todos começaram a dizer que ele estava doido e que havia de ir

à Igreja confessar que a mulher é que tinha razão e que era ele quem merecia o castigo. O homem, meio convencido, disse que sim, que iria. E nessa noite não bateu na mulher.

Quado [(*)] a viu dormir levantou-se muito devagarinho e revolveu a casa toda a procurar a pele da lebre. Tanto fez que a encontrou escondida num canto. Meteu-a no bolso da jaqueta que havia de levar à missa, foi deitar-se muito disfarçado e adormeceu. A mulher, que tudo tinha visto, levantou-se por sua vez, tirou-lhe a pele do bolso, queimou-a, e meteu-lhe lá duas estrigas de linho.

Ao outro dia foram para a Igreja muito calados, cuidando ambos na peça que iam pegar ao outro. No fim da missa o homem levantou-se do meio do povo, e disse:

— Os senhores afirmam que eu estou

[(*)] Deverá ler-se *quando*.

doido e que minha mulher é que tem juízo, porque nunca teve a lebre que eu vi em casa. Pois eu dou provas do contrário. É que nós, os homens, somos mais finos do que elas e não nos deixamos enganar pelas suas palavras. E por isso eu digo, com o meu compadre, que devemos *bater nas nossas mulheres, com razão ou sem ela!...* —

E, metendo a mão no bolso da jaqueta, puxou o embrulho que lá tinha posto e bradou:

— Cá está a pele da lebre! —

Tudo desatou à gargalhada por ver as duas estrigas, em lugar de tal pele.

Então é que ele ficou envergonhado. Confessou que a mulher tinha juízo, e jurou, diante de toda a gente da freguesia, viver como tinha vivido antes do estúpido amigo lhe dizer — que devia *bater na mulher com razão ou sem ela.*

A fé é que nos salva

CONTA-SE que uma vez um saloio adoeceu. Vai daí chamou o médico.

O doutor entrou, com toda a gravidade e, depois de bem observar o doente, pediu pena e tinta e pôs-se a escrever a receita.

O homem não o perdia de vista, e tudo quanto o médico fazia julgava que era para o curar.

Este escreveu a receita, deitou-lhe areia para secar a tinta e depois, voltando-se para o doente, disse-lhe:

— Você não se esqueça do que lhe recomendo, nem faça como outros doentes que me incomodam. Querem receita que depressa os cure, mas não fazem nada do que lhes mando !

— Ora essa, senhor doutor (protestou logo o saloio), cá por mim hei-de fazer tudo quanto me mandar.

— Bom, pois então faça o que está aqui.
—

Foi-se embora, e, como a doença não era de muito cuidado, não voltou a casa do homenzinho.

Um dia, estava muito descansado, entrou-lhe pela porta dentro o lapónio.

— Então você já está bem de todo?

— Sim senhor! E venho agradecer ao senhor doutor o remédio tão bom que me deu, que não me custou dinheiro e há-de durar para enquanto eu for vivo.

— Que está para aí a dizer, homem?! Com certeza não fez o que eu lhe mandei.

— Ah isso fiz. Desculpe o senhor doutor, mas fiz. Todos os dias.

— Mas o quê, que foi que vocemecê fez, homem de Deus?! Então na botica não lhe levaram nada?

— Eu para que havia de ir à botica, se tinha o remédio em casa?!

— Não o entendo (exclamou o médico).

Explique-se melhor.

— Ó senhor doutor, então vossa Ex.ª não deitou areia no papel que escreveu e não me disse que fizesse o que ali estava? Foi o que fiz. Todos os dias deitava areia no papel e depois tornava a pô-la no tinteiro e o papelinho debaixo da chave. De modo que me curei e venho agradecer-lhe por me ter dado um remédio tão bom e tão barato, que cura a gente sem dar incómodo. —

O doutor riu-se muito e por fim mandou o homenzinho embora, ficando com a certeza de que a *fé é que nos salva,* muitas vezes…

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

Façanhas do sr. Manuel Valente

HOUVE, em tempos, um galego, desses de corda e chinguiço, que se chamava Manuel Valente. Passava entre os seus patrícios e colegas por ser homem avisado e de bom conselho, de modo que sempre o atendiam em seus negócios e resoluções.

Assim, depois de muito moirejar e ter granjeado bom *pé de meia,* combinou com outros da mesma terra voltarem às suas casas e descansarem, enfim, de trabalhos e fadigas.

Juntaram-se uns doze e puseram-se a caminho, a pé, já se deixa ver, para mais economia. Andaram todo o dia, e quando chegou a noite estavam cansados e cheios de fome. Nisto passaram por cima duma ponte, e um deles, olhando para baixo, vendo a lua-cheia reflectir-se na água, imaginou que era um enorme queijo que

estava no fundo do rio. Cheio de alegria chamou os companheiros, ficando todos de boca aberta debruçados nas guardas da ponte a olhar para baixo. E diz de lá o senhor Manuel Valente, que era comandante de toda aquela *tropa:*

— *Baia,* companheiros, que isto *non* tem que *bêr.* Eu agarro-me às guardas e outro segura-se aos meus pés e outro aos pés desse, até fazermos uma cadeia que chegue ao fundo do rio, para se ir buscar o queijo. —

Assim foi. Começaram a segurar-se nas pernas uns dos outros e, quando já estavam quase a chegar ao fundo, diz o senhor Manuel Valente muito aflito:

— Esperem aí, rapazes, deixem-me cá cuspir nas mãos, que já as não sinto. —

Se assim o disse melhor o fez. E, como largou as mãos, caiu todo aquele cacho de gente no meio do rio, que levava bastante água, tomando um banho forçado e que

não foi muito agradável. Enfim, com grande trabalho e não pouco risco, lá conseguiram salvar-se, e era já manhã quando se viram todos em terra exaustos. Como estavam encharcados deitaram-se no chão, muito juntos para secarem ao sol e sentirem menos frio.

Assim ficaram largo tempo. Por fim começaram a afligir-se, porque julgavam ter confundido as pernas de tal maneira que lhes seria impossível saber cada qual das suas. Lamentavam a sua triste sorte, quando passou um bufarinheiro, destes que andam de terra em terra a vender panos, e lhes perguntou o que estavam ali a fazer, todos em monte.

Contaram-lhe a desgraça acontecida quando iam quase a deitar a mão ao belo queijo que estava no fundo do rio, e disseram-lhe que tinham misturado as pernas e agora não podiam levantar-se porque, em tal confusão, não dava cada um

com as suas.

— Eu sei dum remédio bom (disse o homem), mas hão-de pagar um tanto por cabeça, para eu o aplicar. —

De boa vontade pagou cada qual a sua parte do preço que o homem pediu, e ele então pegou no metro e começou a dar pancadaria brava para um lado e para o outro. Os galegos do chinguiço puseram-se logo em pé, berrando com a dor, mas agradecidos por aquele remédio que lhes fizera conhecer as pernas.

Guiados pelo senhor Manuel Valente, continuaram o seu caminho. Mais adiante encontraram uma vaca morta no chão. Com muito medo do animal, por duvidarem se estava morto ou vivo, não queriam passar e punham-se de longe a chamá-lo:

— *Ó vaca, ó vaca!...*

Mas o bicho não se movia, pois estava morto e bem morto. O senhor Manuel Valente gritou:

— Viva que *non* viva, ó vaca hú!...

E partiram todos a correr, só parando muito longe, quase já sem fôlego.

Ainda mais adiante encontraram um soldado que voltava da guerra, pobre como Job. Vendo os *galegos,* pensou em tirar partido do encontro e, pondo a arma à cara, disse-lhes:

— Ah, vocês vão para a terrinha cheios de dinheiro, sem nunca terem arriscado a vida? Pois cada um há-de pagar-me um *pinto.* Senão fico sempre aqui de sentinela e não os deixo passar! —

Os doze viandantes, assustados com tal ameaça, resolveram pagar os direitos da sentinela improvisada. Assim o soldado recebeu doze *pintos* em boa moeda, que meteu ao bolso a rir. E deu-lhes passagem livre.

Quando estavam a bastante distância começaram todos eles a insultar o soldado. E o senhor Manuel Valente voltou-se para

os companheiros e disse, com grande arreganho:

— Ah rapazes, que se nós fôssemos outros tantos, o portuguesito do diabo levaria o *pinto ó non.* —

O conselho judicioso

ISTO passou-se na primeira quarta-feira de Maio de um ano que já lá vai, no tempo em que ainda se usavam os cruzados novos.

Dois compadres, que eram muito amigos, resolveram ir a uma feira comprar algumas coisas que precisavam para casa. Mas, logo na primeira taverna, pararam e entraram. E só depois de bem confortados com pão, azeitonas e vinho, tornaram a pôr-se a caminho.

Como iam quentes da bebida, que era boa e lhes subira à cabeça, não se cansavam de contar casos dos seus tempos de rapazes e de muito rir e cantar, pela estrada fora.

Até que, chegando a um pinhal, ouviram cantar o cuco e logo ambos se puseram a questionar. Dizia o mais velho:

— Olha como o cuco canta bem! Aquilo é para mim.

— Isso é que não! Estás redondamente enganado. Ele canta mas é para mim. —

E, dize tu, direi eu, nesta birra estiveram muito tempo, até quase chegarem às do cabo.

Já se preparavam para se esmurrarem um ao outro, quando o primeiro lembrou:

— Ó compadre, que vamos nós fazer? Nós não sabemos nada, e por isto nunca chegaremos à razão. O melhor é irmos à vila consultar o Letrado. Que eu tenho a certeza de não me enganar! Mas vamos lá ver!

— Pois vamos. Com muito gosto pagarei o conselho, pois tenho a certeza que me dará razão.

— Isto é o que veremos!...

— Não há dúvida... —

E assim foram questionando, e já se dispunham a nova guerreia, quando

chegaram a casa do Advogado. Entraram e cumprimentaram com muito respeito o senhor doutor, que sem dizer nada, os foi ouvindo.

Dadas por ambos as suas razões, o bom do advogado tirou a caixa do rapé, sorveu uma pitada com sossego, e disse:

— Meus amigos: um bom Letrado nada pode julgar sem ver a cara ao Rei. Ponham ali cada qual seu *pinto.* —

Os homens tiraram o dinheiro do bolso e apresentaram-no ao Letrado, que imediatamente o passou para a sua algibeira, dizendo, com toda a gravidade:

— Vão em paz, meus amigos, que o cuco nem cantou para um nem para o outro. Cucou e recucou mas foi para mim! —

Os dois palermas agradeceram ao Letrado, que tão bem sabia de leis, e saíram satisfeitos, com o seu *pinto* de menos, mas contentes por cada um ter a certeza de que o outro não vencera. Sempre é uma

consolaçãozinha, para um teimoso, saber que, se não tem razão nenhuma, também o seu adversário não a tem.

Os teimosos

DOIS casados, mulher e homem sem filhos e com boa casa de lavoura, tinham, para seu mal, o mesmo defeito de serem teimosos. E, o que era muito pior, teimavam por tudo e por nada, e até por uma simples palavra.

Uma vez, quando estavam a jantar, disse o marido:

— Este safio está muito bom.

— Não é safio, é safia (retorquiu a mulher)! —

E daqui se armou logo uma grande questão. E tão grande que, por fim, o marido enfureceu-se e deu pancada na mulher. Depois arrependeu-se do que tinha feito, só por serem ambos teimosos. E ficaram de bem um com o outro.

No ano seguinte, no mesmo dia, diz a mulher:

OS TEIMOSOS

— Lembras-te, homem? Faz hoje exactamente um ano que tivemos uma grande questão por causa de uma safia!

— Não era safia, era safio (emendou logo o teimoso, para não dar o braço a torcer)! —

E lá tornaram a questionar e, de tanto dize tu direi eu, perderam a cabeça e acabaram por bater um no outro.

Todos os anos era certo festejarem assim aquele bom aniversário. Arrependiam-se depois. Mas, sempre que vinham a falar no caso passado, a fúria da teimosia tomava conta deles.

Parecia uma praga rogada por algum inimigo a repetida guerreia por causa do nome, de safio ou safia, daquele peixe cozinhado e comido há tanto tempo. Bem diz o ditado antigo: «duro com duro não faz bom muro». E, se a dureza é de estúpida teimosia, desfaz todos os muros e defesas da vida em comum e abre campo à desgraça.

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

As três tatibitates

UMA viúva tinha três filhas já mulheres e desejava casá-las.

Como não eram muito feias e tinham alguma coisa de seu, fàcilmente achariam noivos — se não tivessem um grande defeito que afugentava todos os pretendentes.

Caladas, podiam ver-se por gosto, mas quando falavam — que desconsolação! Eram tatibitates. E ouvi-las era o bastante para começar toda a gente à gargalhada.

Depois, não conheciam o seu defeito e estavam sempre a parolar, sempre a meterem-se nas conversas, por mais que a mãe as advertisse de que mais ganhavam em só falar quando absolutamente fosse necessário. Não sabiam, as tagarelas, que *se a palavra é de prata, o silêncio é de oiro...* Assim, toda a gente da terra as conhecia, e causavam tanto riso que não havia rapaz

que se atrevesse a ir buscar para companheira uma criatura que caía no ridículo, mal abrisse a boca para falar.

Então a mãe, já desanimada porque via correr o tempo sem que lhe aparecesse sequer um noivo para alguma das filhas, resolveu-se a convidar um estrangeiro e levá-lo a casa para ver se ele se agradava de alguma das três raparigas.

Mas, logo por infelicidade, teve que sair para um negócio de muita urgência, deixando-as em casa para tratarem do jantar, olharem pelo arranjo da festa que queria dar ao estrangeiro, e receberem-no quando viesse. Recomendou-lhes muito que não falassem diante dele; que, vissem o que vissem, não dissessem palavra, pois mais valia que passassem por mudas do que darem a conhecer logo à primeira vista o seu tão desagradável defeito.

Na sua ausência veio o hóspede, que era um rapaz todo janota e bem apessoado. As

raparigas levaram-no para a sala, serviram-lhe bolos e vinho, e sentaram-se as três, muito caladas, respondendo apenas por gestos ao que ele lhes perguntava.

Nisto sentem a panela que estava no fogão começar a ferver e a chiar, entornando-se o caldo pelo lume. A mais velha das raparigas gritou:

— *Lá se entóna a tutalinha!* — queria dizer que se entornava a pucarinha.

— *Tira-le o teto e mete-le a tolé* — respondeu a segunda, muito atormentada, querendo dizer — tira-lhe o testo e mete-lhe a colher.

A terceira, vendo o hóspede a rir-se a bandeiras despregadas, e zangada por as irmãs não seguirem a recomendação da mãe, gritou-lhes:

— *A mãe não disse que não talássemos?! Bem fiz eu que não telei, pois assim me tasalei.*

O que significa: — a mãe não disse que

não falássemos? Bem fiz eu que não falei, pois assim me casarei.

Mas, assim, menos ainda se casou, pois foi falando mais do que as outras e portanto dizendo mais disparates.

O rapaz, em vista disto, fugiu pela porta fora à gargalhada e nunca mais quis saber de tais noivas — nem com dote, nem sem dote.

Imagine-se a desconsolação da mãe que as queria casar!

A fortuna do bruto

ERAM dois irmão muito diferentes. O mais velho, inteligente e empreendedor, foi trabalhar para longe. O outro que era muito bruto, ficou em casa.

Passados tempos, voltou aquele para a sua aldeia. Logo à entrada encontrou o mais novo, a quem abraçou e perguntou:

— Então que novidades há por cá? —

O brutinho, com muito sossego, respondeu:

— Pouca coisa há de novo. O nosso pai caiu nas favas, espetou um olho, e cegou, mas o pior é que as favas ficaram todas pisadas. O nosso cavalo branco (Deus lhe fale na alma!) morreu, coitadinho! Aquilo corria pelas ladeiras que parecia o caminho de ferro. Tenho pena! À casa caiu-lhe um raio, e ardeu toda. Na vinha caiu também tanta chuva de pedra que uns poucos de

anos não haverá vinho. Os bois comeram não sei o quê, e arrebentaram. E a nossa mãe, lá me esquecia esta, morreu! Também o pai não quis cá ficar sòzinho por muito tempo. Lá está com ela, no cemitério, bem descansado. São fortunas que nos chegam. —

Em vistas destas grandes *fortunas,* o irmão mais velho partiu outra vez para longe, e não quis mais saber do brutinho, a quem deixou a herança que tanto o contentava.

O tolo e as moscas

UM maluquinho, que trazia a cabeça rapada, não podia suportar as moscas que lhe poisavam em cima e lhe davam constante desassossego.

Lembrou-se — sabem de quê? — de ir a juízo apresentar uma queixa contra as moscas que tanto o incomodavam.

O Juiz, que bem o conhecia e estava para se rir um bocado, atendeu-o com toda a seriedade e no fim deu por sentença: — que onde quer que ele visse uma mosca podia usar do seu direito e dar-lhe uma paulada.

O maluquinho, que isto ouviu, olha para a cabeça do Juiz, vê uma mosca pousada, e zás! Ferra-lhe uma tão grande pancada que o deixou como morto.

Prenderam-no e queriam julgá-lo, mas ele defendeu-se com a sentença que lhe

mandava dar uma paulada nas moscas onde quer que as visse. Não tiveram remédio senão deixá-lo em liberdade.

Bem certo é que com tolos nem para o céu.

O criado Pedro

ISTO passou-se com um Padre, Abade rico de uma boa freguesia, e homem bondoso e simples, que tivera uns poucos de criados Pedros e com todos se dera muito mal.

Jurou pois que, por muito ano que vivesse, nunca mais tomaria ao seu serviço ninguém com este nome. Não porque ele fosse mau. Mas criara-lhe aversão, por muito mal se ter dado com o serviço de gente assim baptizada.

Ora a pessoa encarregada de lhe procurar um criado, por mais que procurasse, ou talvez para se não incomodar a procurar muito, encontrou um rapaz chamado Pedro, e disse-lhe que iria servir o Abade, mas que teria de mudar o nome, ficando a chamar-se José.

Por desgraça o pobre rapaz era

realmente um *Pedro das malas-artes,* e logo que entrou a servir principiou a fazer disparates que muito mal dispuseram o amo, já farto de tolos e tolices.

— José, sabes ajudar à missa (perguntou-lhe no sábado, à noite)?

— Sei, sim senhor.

— Bem, amanhã, na missa do dia, vê como te portas! Olha que hás-de andar sempre atrás de mim. —

No dia seguinte, à missa, o rapaz pôs-se atrás do patrão e para onde ele ia, ia também, de maneira que o Padre se não podia mexer. Não fazia senão atrapalhá-lo.

Desesperado, veio o Abade para casa e disse-lhe, com desconfiança:

— José, tu não és José. És por força Pedro, às tolices que fizeste hoje na missa. Tu não vias que me não deixavas mexer? Devias andar bastante afastado de mim. —

No dia seguinte vai o Padre para o altar e o bom do rapaz, com a campainha na

mão, foi-se para o fundo da Igreja, e não houve maneira de o fazer sair dali.

O Padre estava fulo, e não fazia senão gritar-lhe que por força era Pedro, pois todos os criados que tivera com esse nome eram assim muito parvos.

É claro, o rapaz negava. E dizia que o tinha mandado afastar-se, e ele assim fizera.

— Ó pateta, não é muito longe nem muito perto. E assim à distância daquela vara de tocar os bois. —

Que há-de fazer o moço, no dia seguinte? Pega na vara, espeta-a nas costas do Padre, e pôs-se a andar atrás dele, de modo que mais parecia a sua sombra. Estava o amo cada vez mais furioso, gritando para o rapaz que ele era Pedro, nem podia ser outra coisa!

Um dia, tinha o Abade alguns colegas para jantar, perguntou ao rapaz se sabia cozinhar.

O Pedro disse logo que sim, mas o amo, sempre desconfiado, foi dizendo:

— O melhor é matar-se uma galinha, que isso é coisa que por si mesma se faz. E não mexas naquela travessa, que tem veneno para os ratos!

Eram ovos moles, mas, como sabia que o rapaz era guloso, foi-lhe dizendo assim.

O moço foi à capoeira buscar uma galinha, meteu-a na cozinha onde acendera um grande lume, pôs-lhe um alguidar com água e uma faca ao pé e foi para a casa de jantar, onde viu os ovos moles muito amarelinhos e apetitosos. Não pôde resistir, apesar de imaginar que era veneno; provou um bocadinho, achou doce, e enfiou a travessa toda para o estômago.

Agora o vereis: começou a gritar que estava envenenado, fazendo tamanha berraria que alvoroçou a terra!

Chega o Abade com os amigos. Chama que chama o criado, mas resposta

nenhuma obteve. E só ouvia gritos e lamentos que mais o intrigavam.

Vai à cozinha, e vê a galinha viva, aos saltos, ao pé do lume, com o alguidar e a faca no meio do chão; procura o doce, encontra-lhe o sítio; corre à sala e vê tudo cheio de gente que vinha saber o que acontecera ao rapaz, que não se ouvia senão gritar que estava envenenado com o remédio dos ratos...

Não podendo mais, vai ao quarto do moço e encontra-o fingindo-se morto.

— Pedro, tu por força és Pedro! Salta cá para fora, que tudo o que comeste era veneno, mas que não mata os Pedros.

— Senhor Abade, então não estou morto, porque me chamo Pedro.

— Não estás, mas vais sair já para o meio da rua, porque não fazes senão tolices. Então o jantar já está pronto?

— Eu, antes de morrer, levei a galinha para o pé do lume, pus-lhe faca e alguidar,

água e panela, para se fazer por si mesma, como o senhor meu amo disse. Acho que deve estar contente comigo!

— Estou, estou, mas vai-te já embora, que não te quero mais em casa. —

O rapaz, muito desconsolado, lá foi para a sua casa, mas julgando que o patrão é que era maluco e mal agradecido.

Quantas pessoas, assim como este Pedro, embora mudem de nome e de posição, ficam sempre espertas como ele! Mas, como ele também, julgam sempre andar bem, e que os outros é que são tolos e não se sabem explicar.

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

Casa de meu pai

ERA uma vez um rapaz, muito pobre e humilde, que se apresentou à porta da quinta de abastado lavrador, pedindo trabalho.

Como faltasse, por acaso, um dos criados, foi contratado para o serviço. E depressa caiu na boa graça de todos, porque era ladino, serviçal e bem apessoado.

À noite, quando vinha, com os companheiros do trabalho, para a lareira, esperando a ceia, todos se admiravam de lhe ouvirem dizer:

— Casa de meu Pai, casa de meu Pai! Mesas de engonços, candeeiros de trinta luzes, garfos de cinco dentes!... Enquanto ele era vivo, tudo era para trás, para trás!... Depois da sua morte, era tudo para diante, para diante!... —

Ora o lavrador tinha uma filha, nova e bonita, a quem não passava desapercebido coisa alguma do que fazia e dizia o moço.

E sempre que lhe ouvia aquela prédica, ficava muito intrigada, sem saber o que pensar. Até que, um dia, se decidiu, e foi contar aos pais tudo quanto ouvira daqueles desabafos do novo criado.

Os pais não ficaram menos intrigados. E, cheios de curiosidade, foram com ela esconder-se perto da lareira, onde o rapaz chegara para se aquentar. E ouviram-lhe o mesmo desabafo:

— Casa de meu Pai, casa de meu Pai! Mesas de engonços, candeeiros de trinta luzes, garfos de cinco dentes!... Enquanto o meu Pai foi vivo, tudo era para trás, para trás!... Depois que ele morreu, tudo era para diante, para diante!... —

O lavrador e a mulher pensaram muito no que as palavras do moço queriam dizer. E convenceram-se de que ele era bastante

rico, e vivia numa grande herdade, com fartura crescente, pois ia tudo para diante, para diante!... Convencidos ambos disto, logo resolveram que seria assim um bom casamento para a filha. Como a rapariga não achasse má lembrança a dos pais e até se mostrasse agradada do rapaz, falaram a este que, da melhor vontade e com alegria, disse que sim.

Depois de casados, perguntou-lhe a noiva:

— Agora hás-de tu explicar-me o que queriam dizer aquelas palavras que estavas sempre a repetir: «Casa de meu Pai, casa de meu Pai! Mesas de engonços, candeeiros de trinta luzes, garfos de cinco dentes... Enquanto meu Pai foi vivo, tudo era para trás, para trás!... Depois que ele morreu, tudo para diante, para diante».

— Então ouviam os meus desabafos (exclamou o rapaz, a rir)? E não sabes o que querem dizer?! É bem simples. É que na

minha casa éramos pobrezinhos. E porque não tínhamos, sequer, mesa para comer, púnhamos o prato sobre os joelhos, que eram as mesas de engonços. Candeeiros de trinta luzes eram as pinhas, a arder na lareira. Garfos de cinco dentes eram os dedos, porque não tínhamos talheres. Era tudo para trás, para trás, quando o meu Pai era vivo, porque ele ia ao mato buscar lenha, e fazia grandes fogos na lareira. E todos nos arredávamos para trás, por não podermos aturar o calor. Depois que meu Pai morreu, já não tínhamos quem fosse ao mato buscar a lenha. E assim, engatinhadinhos com frio, todos nos chegávamos para diante, para diante, ao borralho do brasido. Quando encontrei o bem e a fartura desta família, lembrava-me da casa de meu Pai e da miséria que lá sofria e para meu bem me obrigou a vir procurar fortuna por estes mundos e a melhores terras. Eu sinto-me feliz por ter

encontrado esta casa e uma santa mulher, tão amável e desinteressada com tu, para aceitares por marido um pobre trabalhador, até aqui tão desamparado sempre da sorte!... —

A rapariga ficou um pouco desapontada. Mas, como gostava do noivo, não fez má cara e acabou por lhe dizer, a rir-se, que também para ela os desabafos, que ninguém entendia, lhe tinham dado a boa sorte que esperava.

Os pais da rapariga, quando ela, depois, lhes repetiu, a rir, a explicação pedida, é que deram por paus e por pedras, esconjurando o espertalhão. Mas, por honra da firma, nada quiseram dar a perceber. E, como viram a filha satisfeita e feliz, e o genro sempre dado ao trabalho, bom administrador, e para eles amigo e respeitoso, acabaram por lhe entregar a direcção da sua lavoura.

Assim o moço, pobre mas trabalhador,

tornou-se um dos grandes lavradores daquelas redondezas, bem visto e querido por todos, como se fora antigo morgado ou fidalgo de linhagem.

E quanto mais tempo ia passando e mais cresciam os seus haveres e a consideração do mundo, mais comovido e grato repetia o novo lavrador:

— Casa de meu Pai, casa de meu Pai! Mesas de engonços, candieiros de trinta luzes, garfos de cinco dentes!... Em vida de meu Pai, era tudo para trás, tudo para trás!... Depois que ele morreu, era tudo para diante, para diante!... —

ÍNDICE

Contos, Fábulas, Facécias e Exemplos da Tradição Popular Portuguesa

IV VOLUME

O Rei, o Ministro e o Carvoeiro e outra novela e seis contos exemplares

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

O Rei, o Ministro e o Carvoeiro

Era uma vez um bom Rei que, para descanso dos cuidados e trabalho de reger o seu Povo, saía a montear lobos e javalis.

Destemido e bom cavaleiro, ia sempre, depois de levantada a caça, na frente das correrias, sem aguardar qualquer ajuda na luta com as feras acossadas. Certo dia, depois de muito galopar, perdeu-se da sua gente, e encontrou-se de todo só, no meio de um grande bosque cerrado, que mal conhecia.

Meteu o cavalo a passo, e foi andando, a procurar caminho. Ouviu, então, ressoar, ao longe, golpes de machado em troncos de árvores, e, assim guiado, encaminhou o cavalo para o sítio de onde vinha sinal de gente conhecedora do bosque.

Já perto, viu que todo o trabalho, que supunha de muitos lenhadores, era feito

por um só carvoeiro que, preparados os fornos de terra, numa clareira do bosque, não descansava na faina de rachar e juntar lenha para fazer os montes.

Esteve o Rei, por algum tempo, a olhar e a admirar o trabalho sem descanso de um homem sòzinho e sem mais ordens e obrigação do que a sua vontade. Avançou, depois, para a clareira, deu-se a conhecer, e, antes mesmo de perguntar ao carvoeiro o melhor caminho para sair do bosque, disse-lhe:

— Com tão grande trabalho que tens, deves ganhar muito dinheiro.

— Saiba Vossa Majestade (respondeu o Carvoeiro) que ganho sòzinho para sustentar a família. É mais do que muito, porque é o bastante para o que eu preciso.

— E quanto ganhas e achas bastante para a tua vida?

— Eu, Real Senhor, ganho doze vinténs por dia. E para que Vossa Majestade

conheça que é para mim o bastante, sempre direi mais que destes doze vinténs empresto quatro; pago, com outros quatro, uma dívida; e os restantes quatro vinténs são para vivermos, a mulher e eu. —

O bom Rei, admirado com as palavras do Carvoeiro, quis saber como eram aquelas contas, e a razão porque pagava ele uma dívida e emprestava quantia igual.

O Carvoeiro explicou:

— O empréstimo que faço, é criar os filhos, que depois trabalharão para mim, quando eu já não tiver forças. A dívida que pago, é sustentar os meus Pais, que já são velhinhos, e nada podem ganhar. Os outros quatro vinténs são para os gastos de nós dois, marido e mulher. —

O Rei ficou muito satisfeito com a prontidão e viveza da resposta e com o bom governo familiar que revelava, e logo pensou experimentar os sábios Conselheiros da sua Corte. Ordenou, por

isto, ao Carvoeiro, que a ninguém desse a explicação dos seus gastos e despesas.

— Só o poderás fazer (esclareceu o Rei) por minha ordem, ou depois de teres visto a minha cara cem vezes. E agora ensina-me o caminho mais curto para sair deste bosque.

— Cumprirei as vossas ordens, Real Senhor. E praza a Deus dar-nos tanto ano de vida que seja possível a felicidade para mim de eu ver a cara de Vossa Majestade cem vezes.

Vinde, Senhor, que, por este caminho, oposto ao que trouxesteis, depressa estareis em campo aberto. Só lamento que, passando o caminho tão perto do meu *palácio*, eu não ouse oferecê-lo a Vossa Magestade [(*)] para descansar.

— De outra vez o farás, e eu aceitarei. Mas antes irás tu, a meu chamado, ver a *Choupana Real*. —

Foram assim conversando, e o Rei cada

[(*)] Deverá ler-se *Majestade*.

vez admirava mais a inteligência festiva e arguta do Carvoeiro. E, por ele guiado, em breve saiu do bosque, e foi ter com a sua comitiva.

Quando voltou ao Palácio, mandou o Rei convocar todos os seus Ministros e Conselheiros, e disse-lhes que, no prazo de uma semana, e diante de toda a Corte, viessem explicar-lhe, com verdade e clareza, como podia um homem, com a diária de apenas doze vinténs, pagar uma dívida, fazer um empréstimo igual, e sustentar-se ainda a si mesmo e à mulher, sem prejuízo do que emprestava ou restituia. E acrescentou que todos aqueles que dessem resposta justa ganhariam a sua confiança, e os outros a perderiam, pois que não devia pedir conselhos a quem, embora estudando e meditando, não fosse capaz de resolver o que ele sabia possível, e da maior importância para a felicidade e boa conduta do seu Povo.

Ficaram os sábios muito aflitos, e os que não eram sábios estudaram de noite e dia, mas, por mais que reflectissem, não atinaram com a importância do caso para o bem estar da gente do Reino. E acabaram por decidir que Sua Majestade, propondo aquele enigma, queria apenas avaliar, pelas respostas, o saber e a agudeza dos seus Conselheiros. E deram-se todos, alegremente, a compor os seus discursos, em prosa ou verso, para na próxima reunião da Corte os lerem.

Todos não. O Primeiro Ministro, que era um ancião inteligente e sábio e com grande experiência dos homens, ficou muito triste, logo que foi apresentado o problema, porque bem sabia o seu Rei contrário a divertir-se propondo a inútil resolução de enigmas, e compreendeu que, por isto, a resposta importava, de facto, ao bem público. E não percebera logo esse interesse e o seu justo esclarecimento. Custava-lhe

muito, depois de tanto ano de estudo, e após uma vida inteira gasta ao serviço da governação do Reino, mostrar-se ignorante e falto da luz do pensamento num caso, posto de modo tão particular, que ele adivinhava ter a maior e mais geral importância. Mas até o extremo cuidado com que meditava o problema, o tornava, para ele, cada vez mais difícil de resolver.

Passavam os dias, e cada vez mais se lhe apertava o coração. Despachado o seu trabalho, saía do Palácio, e procurava os lugares mais sós, para, durante horas e à vontade, meditar.

Um dia foi até ao bosque, longe da cidade, no qual o Rei encontrara o Carvoeiro. Mandou que no campo o aguardassem os seus criados com os cavalos, e sòzinho se embrenhou no arvoredo.

Foi andando, triste e cansado, até que chegou à clareira onde fumegavam fornos

de carvão. Sentou-se num tronco, a olhar aquele sossego, comparando-o com as suas aflições de Governante e de Conselheiro de um Rei. E, depois de uma vez mais encarar, por todos os seus aspectos, o problema proposto, descorçoou.

Resolvido a renunciar ao cargo de Primeiro Ministro e a abandonar a Corte, deu balanço a toda a sua vida, já longa, de pensamento e acção. E vendo que a terminava por uma derrota, e a pior de todas, por mostrar a sua incompreensão do bem público, entristeceu mais ainda, e, sem coragem para se vencer, pôs-se a chorar.

Estava de cabeça baixa, apertada entre as mãos, quando na clareira entrou o Carvoeiro. E nem por ele deu.

Ao contrário, costumado ao silêncio do bosque, entendeu o Carvoeiro, ouvindo soluçar, que alguém procurara aquela solidão para livre desabafo de grandes máguas. E, abarcando num olhar toda a

clareira, viu a curvada figura de um fidalgo ancião, tristemente alheio a toda a alegria da natureza em seu redor. Mas quedou-se a distância, com pejo de se tornar espectador, embora involuntário, do abatimento, porventura momentâneo, de um coração altivo.

Escondido atrás de um tronco de árvore, esteve por algum tempo hesitando se deveria afastar-se, para não ofender quem chorava, ou ceder ao bom desejo de por alguma forma o servir e, se possível, consolar. Resolveu, por fim, ocultar que tinha surpreendido o ancião no seu abandono à desgraça, e fazer-se chamar por ele. E fingiu que recomeçava o seu trabalho de lenhador, descarregando fortes golpes do machado num tronco de árvore.

Olhando cautelosa e disfarçadamente, viu o ancião erguer-se, logo que ressoaram as primeiras machadadas, e, por intenso esforço de vontade, impor serena aparência

à fisionomia, embora ainda pelas faces lhe deslizassem lágrimas. Ouviu-o, depois, chamá-lo com voz calma, e, deixando o machado, como quem interrompe a tarefa iniciada, aproximou-se do ancião, mostrando surpresa por o ver ali. Mas o Ministro, com a sua profunda inteligência, num relâmpago entendera tudo o que se passara, pois seria impossível um carvoeiro recomeçar o trabalho de lenhador, e logo na orla da clareira, sem ter vindo primeiro observar os fornos. E disse-lhe:

— Chamei-te para te agradecer a delicadeza que tiveste, disfarçando teres visto a minha dor. Isto me compensa do que sucederá na Corte, quando eu, amanhã, a abandonar.

Ao contrário do que tu fizeste, hão-de querer adivinhar, através da minha voz e aparência calmas, todas as máguas que eu sofra, e até as que não sinta. Espero recompensar-te, porque bem o merece o teu

procedimento.

— Senhor, não se trata agora de recompensas, que não esperei nem mereço. Visto que tivésteis a maior coragem, confessando a vossa dor para me agradecerdes, outorgando-me, assim, um prémio que eu nunca poderia esperar, na minha humildade, ousarei pedir-vos que me declareis o motivo de tanta amargura, pois talvez Deus queira que eu de algum modo vos possa ajudar.

— Já me ajudaste, mostrando-me a virtude que pode haver no coração de um rude trabalhador. Mas não quero ficar abaixo dessa nobreza, negando-me a confiar-te o motivo da minha mágua e da resolução, que nesta hora e lugar tomei, de renunciar ao cargo de Primeiro Ministro do Reino e de abandonar a Corte. —

E como faz quem a si mesmo precisa de se ouvir, pela derradeira vez, antes de tomar uma grande e custosa resolução, o

Ministro disse ao Carvoeiro o que se passara na Corte; o enigma que por Sua Majestade fora proposto aos Conselheiros, com o desejo de uma resposta certa e da explicação do seu interesse para o bem público; a impossibilidade em concluir sem base no conhecimento do que escondiam as palavras ditas ou repetidas por El-Rei; e, finalmente, o desespero por essa impossibilidade.

Ia o Ministro falando, e o Carvoeiro entristecendo, cada vez mais. Lutavam nele o remorso, por ter provocado, com o que dissera ao Rei, os tormentos daquele nobre ancião, a quem tanto devia todo o País; a obrigação, em que estava, de a ninguém revelar o enigma, só para ele simples, pois o criara para definir a sua vida; o espanto de que este pudesse ter qualquer grande significado.

O Ministro notou-lhe a angústia no olhar. E quase esteve para interromper a

sua narração, e talvez interrogá-lo. Mas viu de repente a alegria substituir-se nele ao negro desespero, não obstante lhe estar nesse momento referindo a amargura que vivera no próprio lugar em que falavam, para se decidir ao abandono do seu cargo, confessando-se incapaz.

Ainda bem o Ministro não findara, disse, com esperança, o Carvoeiro:

— Tem Vossa Senhoria a certeza de, conhecendo o enigma, lhe dar uma explicação geral, com interesse para o bem público?

— Tenho a certeza de a poder concluir com segurança. Mas de que me serve este orgulho da inteligência e do estudo, se não conheço o que permitiria a sua aplicação?

— Foi Deus quem quis dar esse conhecimento a Vossa Senhoria, trazendo-o a este bosque, para nos encontrarmos, e guiando-nos por forma que eu merecesse ouvir-vos. —

E ante a surpresa do Ministro, continuou o Carvoeiro:

— Sou, meu Senhor, o homem que, por graça, definiu a sua vida por essas palavras a que chamais enigma, e as disse e explicou a El-Rei.

É, pois, muito fácil o remédio. Mas toda a minha aflição era devida a ter-me Sua Majestade proibido que a ninguém revelasse o que lhe dissera.

— Manterás o segredo (atalhou o Ministro). É teu dever fazê-lo. E dever ainda maior para mim exigi-lo, exactamente por ser guardado em meu prejuízo.

— Não será guardado, Senhor (disse festivamente o Carvoeiro), porque posso respeitar a condição, que me foi imposta por Sua Majestade, para eu poder explicar-me. Entendi-o, de repente. E foi este o motivo da minha mudança, da tristeza, em que estava, para uma alegria que, por certo, haveis notado.

Sua Majestade permitiu-me que eu falasse livremente sobre este caso, depois de lhe ver cem vezes a cara. Mostre-me Vossa Senhoria cem moedas de ouro, dessas que têm a cara do nosso Rei. —

Não pôde o Ministro deixar de sorrir-se perante a subtileza com que a inteligência do Carvoeiro interpretava a condição que lhe era necessária para poder explicar o seu enigma, sem desrespeito do que lhe fora ordenado. Mas, porque era para si todo o benefício daquela habilidade, quis ainda chamar-lhe a atenção para o possível perigo de ofender o seu Rei:

— Parece-te que cumpres, por esse modo, a condição que te foi imposta, e equivale a dizer que não deves repetir a ninguém a explicação que deste a Sua Majestade, a não ser por sua ordem?

Não quero o remorso de te fazer cair em qualquer desrespeito para com a pessoa do nosso Rei.

— Não podeis ter esse remorso, meu Senhor. Sua Majestade não me disse que lhe deveria ver *pessoalmente* a cara cem vezes.

Cabe a Vossa Senhoria satisfazer por tal forma o nosso Rei, com a explicação do interesse geral do meu enigma, que eu, não só seja por ele perdoado, mas ainda premiado, por a ter permitido.

— Pois bem, aceito como graça de Deus o nosso encontro e a explicação que me darás. —

Desprendeu do cinto uma bolsa, que nele trazia dependurada, e, entregando-a ao Carvoeiro, acrescentou:

— É tua esta bolsa de ouro. Vê bem e conta exactamente as cem moedas com a cara do nosso Rei. E guarda-as, depois, juntamente com as restantes.

Não o recuses nem me agradeças. Esse era o dinheiro para os gastos da jornada que não farei. Bem vês que não gasto mais

do que supunha. E muito mais ficarei a ganhar. —

O Carvoeiro venceu a surpresa que tivera ao ver tão próxima a fortuna; abriu a bolsa; contou as cem moedas; olhou a cara do Rei, em cada uma delas; e depois, disse, alegremente:

— Nunca eu imaginei merecer tal prémio por vos ter apoquentado, Senhor. Bastava-me a alegria de vos servir e ser justo. Mas aceito a dádiva generosa, porque assim pagarei melhor a minha dívida e farei maior empréstimo, e viveremos com maior largueza, a mulher e eu. —

E o Carvoeiro explicou o que era a dívida que pagava, sustentando os seus Pais, já velhinhos, e o empréstimo que fazia, criando os seus filhos, que depois sustentariam, por seu turno, os pais, quando ele já não pudesse trabalhar.

O Ministro ia ouvindo, com crescente alegria, e ao mesmo tempo trabalhando

sobre aquelas palavras, tão simples, com a luz da sua poderosa inteligência, e visionando as grandes leis da vida social que elas resumiam claramente. E não pôde conter-se que não dissesse:

— Nem tu calculas quantas grandes e perenes verdades conseguiste definir com tanta simplicidade!

Mereces maior prémio do que esse que te dei. Conto satisfazer Sua Majestade, para além do que possa esperar. Não lhe direi como cumpriste a obrigação que te impôs. Mas deixarei perceber que não sou decifrador de enigmas. Quando te interrogar, confessa toda a verdade e a subtileza de que soubeste usar. Não só te perdoará, mas também te quererá ele mesmo premiar. Lembra-te, nesse momento, de pedires a Sua Majestade que só te seja dado qualquer prémio depois de ouvido o meu conselho.

Julgo ficar a conhecer-te bem, e tenho

receio que, não me ouvindo, te prejudiques.

Mas, de qualquer modo, terás sempre um amigo em mim. —

E, com amizade verdadeira, seguiram os dois homens, conversando, até ao sítio onde os criados, com os cavalos, aguardavam o Ministro. Readquirira, este, perfeita serenidade, vencendo agora a alegria, da mesma forma que, na vinda, subjugara a tristeza e a amargura, para a ninguém as descobrir.

Despediu-se do Carvoeiro, dando-lhe um abraço, montou a cavalo, e galopou para a cidade. Mas, durante o caminho, ia pensando, sem que a fisionomia nada mostrasse:

— O dia de amanhã, que eu julgava de inteira desgraça, vai ser de vitória da minha inteligência. E esta mudança dependeu apenas do acaso, e de um momento de abandono do meu orgulho, e da súbita confiança de dois corações?

Não posso entendê-lo assim. Foi Deus que quis descobrir grandes verdades, aos homens, consentindo a completa explicação de um simples enigma, que, para tantos, e até para quem o criou, seria apenas gracioso. —

*

*   *

Estava toda a Corte reunida do (*) salão magno do Palácio. O Rei e a Rainha sentados nos Tronos; os Infantes, mais abaixo, em seus bancos; os Ministros, os Conselheiros e outros dignitários e representantes das ordens e das cidades e vilas, em cadeirais. Donas e donzelas, gentil-homens e Cavaleiros e demais Cortesãos aguardavam ansiosos aquele torneio da inteligência, de que poderia advir mudança nos cargos do Conselho e

---

(*) Deverá ler-se *no*.

governação do País.

O carácter de grande solenidade, que, por ordem real, a reunião tomara, desanimou, porém, os que esperavam brilhar, com os seus discursos, num simples serão literário. Pior ainda foi quando o Rei disse:

— Desejo, Senhores, uma resposta exacta e clara ao que vos apresentei para resolver. Todos os que tenham plena consciência de terem acertado, e só esses, devem declará-lo, seja qual for o seu cargo e categoria.

Isto, porém, será o menos. O que eu quero é uma explicação completa do interesse, para a república e a nobreza dos homens, que tem a realidade expressa no aparente enigma que propus à solução da vossa inteligência e saber.

Ao contrário do costume, falarão primeiro os mais novos e de menos altos cargos. Espero, Senhores, ouvir de muitos a

explicação devida. —

Um pesado silêncio foi a resposta às palavras do Rei.

Passados momentos, ergueu-se o Primeiro Ministro, e olhou, em redor, toda a sala, demoradamente, para verificar se alguém pretendia tomar a palavra. E porque ninguém mostrasse querer, ao menos, apresentar uma resposta ao enigma, disse, dirigindo-se ao Rei, que não ocultara a satisfação por ver confirmada, com o interesse do seu Primeiro Ministro, a importância para o bem público entendida por ele no que lhe explicara o Carvoeiro:

— Real Senhor, aguardei uns momentos para deixar que se pronunciassem outros, mais novos, sobre o problema que nos foi proposto por Vossa Majestade.

Não parece quererem fazê-lo. E não é censura, mas grande louvor, que merecem os que venceram a natural confiança da juventude, propensa a afirmar soluções,

sem ponderar, antes, os seus fundamentos e verdade, e a defendê-las, apesar disto, com teimosia e paixão.

Louvor igual merecem os que, mais experientes e sabedores, mediram a dificuldade, quase invencível, de fundamentarem a explicação justa do interesse, para o bem público, do procedimento particular sintetizado num enigma, sem terem a certeza da solução exacta deste.

Não vos admireis, meu Senhor, do silêncio que respondeu à interrogação. Nem diminua por isto a confiança merecida por todos aqueles que bem serviram e servem o País, a república e a pessoa de Vossa Majestade.

Também eu pensei, quase até ao fim, guardar silêncio, ou, porque maiores são os meus deveres, declarar-me pùblicamente incapaz de continuar a exercer o cargo de vosso principal servidor.

O REI, O MINISTRO E O CARVOEIRO

Quis Deus que eu ouvisse também a voz do Povo, que Vossa Majestade, com interesse e grandeza de verdadeiro Rei, interrogou, e de que soube entender o geral e valioso significado com superior inteligência.

Dizem antigos Sábios que a voz do Povo é a voz de Deus. Dizem-no com razão e verdade, se por estas palavras definem o bom senso que Deus nos deu a todos, e que, desgraçadamente, muitos e muita vez traímos, e o sentimento natural e a longa experiência de homens que se elevaram à nobreza da vida em família, e aceitaram as suas virtudes, benefícios e obrigações.

O caso, por Vossa Majestade apresentado à nossa inteligência, deixa imediatamente de ser um enigma, se considerarmos que ele é o de um chefe de família. Então compreendemos que, embora pequeno, o rendimento do seu trabalho deva e possa aproveitar a todos que dele

dependem; que por este modo pague a dívida que tem para com os seus pais, que lhe deram o ser, a criação e os meios de ganhar a vida; e que, seguindo o seu exemplo, empreste aos filhos, da mesma forma os criando e educando para serem homens honestos e trabalhadores, e neles ter, se lhe for preciso, o amparo na velhice cansada. Então percebemos que empreste quantia equivalente à que restitui, por duas obrigações igualmente sagradas, e que nem aquela nem esta prejudiquem o todo que é a vida e economia familiares.

Espero, Real Senhor, ter achado, por este modo, a solução do enigma. —

O Rei ouvira satisfeito e surpreso as palavras do seu Primeiro Ministro. Umas vezes lhe parecia entender que só pela dedução e o estudo ele conseguira acertar. Outras vezes, concluia, das suas palavras, que lhe fora descoberto o segredo que ele impuzera ao Carvoeiro. Mas a alegria de ver

confirmado, por modo claro e brilhante, o interesse geral que soubera ver na simples explicação graciosa de uma vida familiar honesta e cumpridora, pôde muito mais do que todas as outras considerações. E quando o Ministro fez uma pausa, parecendo aguardar a confirmação do seu acerto na solução do enigma, o Rei declarou, com aplauso e alegria de toda a Corte:

— Essa é a solução do enigma que vos propus. Reconheço que era quase impossível acertar, não aplicando as palavras que vos disse, a um chefe de família. E, porque sinceramente o reconheço, não será diminuída a minha confiança em nenhum dos meus Conselheiros. Mas todos concordarão que devemos grande e muito justo louvor ao nosso Primeiro Ministro.

E não só por ter achado a solução do enigma proposto, alegando embora ter

ouvido a voz do Povo, mas também por o ter esclarecido com a sua profunda inteligência e saber.

O esclarecimento foi tal que dispensaria explicação mais demorada, se não fosse de proveito, para todos nós, ouvirmos os comentários de tão sábio, prudente e dedicado Conselheiro.

Prossegui, pois, Senhor e verdadeiro Amigo. —

O Ministro fez uma profunda vénia, em que não havia apenas respeitosa cerimónia, mas também e principalmente sincera gratidão, e começou, com voz pausada, o seu novo discurso:

— Real Senhor, merece Vossa Majestade, mais uma vez, os aplausos da muito sincera dedicação de nós todos, por saber e querer antepor a caprichos e curiosidade o interesse da república e o desejo de investigar o que pode mantê-la e melhorá-la.

O REI, O MINISTRO E O CARVOEIRO

Digno de louvor é o Rei que sabe escutar a voz do povo e compreender o interesse geral que podem ter palavras que parecem de ocasião. Direi, no entanto, que ainda maior louvor merece o Rei que não se contenta com ouvir a voz do povo, mas quer interpretá-la para o bem geral e permanente, e não apenas com o fácil intuito de satisfazer aspirações de momento, que se limitam, por vezes, a traduzir. E mais ainda o Rei que não confia sòmente na sua inteligência e conhecimentos pessoais, e quer também ouvir os Conselheiros que lhe merecem confiança, e comparar os seus pareceres com os dos Sábios de ontem e de hoje.

É lembrando as verdades que estes foram entendendo e consignaram, e menosprezando os falsos ou transviados Sábios que as traíram; é em nome de todos os vossos Conselheiros que hoje aqui estão presentes, e os que já passaram a melhor

vida, e foram do Conselho de vosso Pai e Avós; é em nome de todos, e só por isto, que eu ousarei deter-me na explicação de palavras que traduzem, afinal, na sua aparência de facécia e dito de ocasião, a sabedoria das Nações.

O que Vossa Majestade ouviu da voz do povo, e por esta me foi também revelado, não define apenas um caso particular, muito embora digno de louvor. É exemplo e retrato de um dever geral.

Assim o entendeu logo Vossa Majestade. E seguindo a mesma luz afirmei que tão grande e pura verdade só podia tê-la entrevisto a experiência dos que se elevam à nobreza da vida em família e do trabalho e alegria de a sustentar.

Dessa vida nasceu um dever moral de união com o passado e o futuro. E posso dizer, por isto mesmo, e com os melhores Sábios, que não foram os indivíduos, por força ou concordância, que criaram as

sociedades. Foram as famílias, e por este profundo sentimento de continuidade e todas as obrigações, para com o passado e o futuro, que ele impõe.

Mas o que criou as sociedades é também garantia de boa ordem, prosperidade e justiça da sua vida em qualquer época, sejam quais forem os outros problemas que tenha de resolver.

Um há, Real Senhor, que todas as épocas, melhor ou pior, enfrentam. É o que resulta do alto dever de protegermos a [(*)] assistirmos os que já não podem e os que ainda não podem manter-se com o seu trabalho.

Se todas as famílias cumprirem esse dever, de acordo com as posses de quem trabalha e a justa paga que por isto lhe é também devida, os encargos serão distribuídos por todos os homens válidos, segundo as condições da vida e trabalho de

---

[(*)] Deverá ler-se *e*.

cada um, e portanto com a melhor equidade.

Para os Pais que não conseguiram garantir por outra forma o seu futuro, não pode haver mais justa e honrosa protecção que a dos filhos que criaram e ajudaram a trabalhar. Deste dever cumprido nasceu um direito correspondente. Feliz de quem, na riqueza ou na pobreza, o mereceu e com ele pode contar.

Só faltando aos pobres este amparo, seriam necessários outros, os da Igreja e os do Estado. Assim, darmos à grande maioria das famílias a educação e os meios para cumprirem este dever, cada uma segundo o seu esforço e posses, também tornaria possível que nenhum amparo viesse a faltar aos que dele precisassem.

Se, muito ao contrário, o egoísmo, desregrada vida e organização das famílias, exigir a protecção para um sem número de pobres desamparados, velhos e novos, a

protecção da Igreja e do Estado não poderá chegar a tanto. E, em momentos de geral pobreza e aflição, a Santa Igreja será acusada, injustamente, de falta de caridade, e o Estado será perigosa e não menos injustamente abalado por levantamentos, os Ministros e Conselheiros e todos os poderosos, em geral, difamados, e o Rei mal querido.

De tudo isto e do muito mais que todos sabeis, podemos concluir a primeira lei que nos revela o exemplo do homem que paga do seu trabalho a dívida que tem para com os seus Pais, e empresta outro tanto aos seus filhos.

E não diga ninguém que é melhor não ter estas obrigações e os trabalhos que nascem delas, porque são, afinal, para pobres e ricos, a maior felicidade. E, bem compreendido e respeitado, o alto dever, que é de todos, cabe também, ou mais ainda, embora diferentemente, aos que por

fortuna pessoal ou por desgraça de já não terem Pais a proteger ou não lhes ter Deus concedido filhos, parecem libertos destas obrigações. Também eles devem pagar a sua dívida ao passado e emprestar ao futuro, por esta forma regulando os deveres da Caridade, ou por todos trabalhando com os olhos sempre fitos na grande lei da continuidade humana, que as obrigações da vida em família nos deram a conhecer.

Falo, Real Senhor, com a dorida autoridade que me deu a amargura de não ter filhos a quem directamente empreste, compensando o muito que recebi, nem ter já Pais para lhes continuar pagando a minha enorme dívida. Considero esta maior ainda, para com todo o passado, e procuro servir no presente as gerações que terão de continuá-lo.

Resignado ao que Deus quis, não sinto diminuídas, mas imensamente aumentadas as minhas obrigações para com o passado e

o futuro. E neste vejo surgir, sucessivamente, os filhos que aproveitem do que possa dar-lhes o meu trabalho, que só todo o passado tornou possível.

É a lei da continuidade para todos. É, para Vossa Majestade e para toda a Nação, a própria lei, benefício e grandeza das Dinastias. E é também a lei de todas as sociedades que querem viver e prosperar.

Em cada vida, em cada época, devemos conservar a boa herança do passado, não o esquecer e pagar a dívida que para com ele temos, e emprestar ao futuro, para que corresponda, ao menos, àquele e, querendo Deus, seja sempre melhor.

Erro grave, para não dizer crime, será o daqueles que só contam com o presente, que é afinal um momento entre o passado e o futuro, e os deve ligar e mùtuamente servir e engrandecer. Erro dos que só vivem do passado, sem lhe verem as obrigações no presente e sem considerarem que chegou

a hora do seu trabalho, para pagarem o que lhes foi transmitido. Erro dos que trabalhando, só pensam em preparar o futuro, menosprezando o passado e chegando até a condená-lo ou a traí-lo.

O acerto é a ligação perfeita e compreendida entre o passado, o presente e o futuro. A lei é a continuidade que a nobreza da vida em família nos ensinou.

Todo o passado, no que teve de bom, e todo o futuro desejável devem ser considerados no trabalho do presente, com a dupla obrigação que este exemplo nos deixou esclarecer. Entendemo-lo, em geral, tarde e quando, já avançados na vida, a nossa inteligência atinge a serena maturidade e o pleno poder que são frutos de muita experiência e não menor estudo.

Lembro-me, Real Senhor, de ter lido, no Poeta da Grécia, versos que declaram, com muito mais belas palavras, a seguinte

verdade: nos seus actos o ancião olha, ao mesmo tempo, o futuro e o passado, e procede, por isto, com maior equidade.

Melhor elogio não desejo para a minha forma de proceder e aconselhar. Pago a todo o passado a minha dívida, e empresto, ou, por desdita pessoal, apenas dou, a todo o futuro o que sei e posso. —

Apenas o Ministro, com um gesto de resignação, tristeza e altivez, findou o discurso, ergueu-se o Rei, avançou para ele e abraçou-o, dizendo:

— Emprestais a um filho, e a estes netos que são os meus filhos e a quantos deles provierem.

Elegeu-vos Deus, até no vosso isolamento, para que tudo pudesseis dedicar a esta Nação. Mereça eu, por vossos conselhos, ser um bom elo na Dinastia.

Vinde, meus filhos, saudar a quem deveis amor e respeito da mesma forma que a vosso Pai. —

Rolavam lágrimas pelas faces do velho Ministro. E toda a Corte com entusiasmo o aclamou, juntando o seu nome ao do Rei justiceiro que tão nobremente pagava ao Ministro e Conselheiro o que era devido a muito valor e trabalho, garantindo-lhe a continuidade no futuro.

*
*   *

Ficou o Rei com grandes alegrias no seu coração. Tinha orgulho de logo ter entendido, ele, ainda novo e sem grande experiência dos homens, o interesse, para a república, das verdades contidas nas palavras do Carvoeiro, verdades que tão bem esclarecera e tanto aprofundara o seu grande Ministro. Maior orgulho de merecer a dedicação e os sinceros conselhos deste sábio ancião, experiente e douto, por quem aumentara a sua admiração e confiança.

Magoava-o, porém, tê-lo afligido, a ponto de ele ter pensado em renunciar ao seu cargo no Conselho. E chegava a agradecer ao Carvoeiro ter-lhe dito o enigma das suas palavras, o que decerto fizera, pois isto mais de uma vez o percebera no discurso do Ministro.

Por outro lado, também se magoava de saber-se desobedecido, e para mais por um homem que lhe merecera simpatia, e de quem não esperava nem o desrespeito nem a quebra da palavra dada.

Supor o acto vil da compra de uma consciência, não lho admitia o que pensava do seu primeiro Ministro. Mas como conseguira a confissão e verdadeira desobediência do Carvoeiro, ou como as admitira, sequer? E como deveriam elas ser castigadas, sem ferir o seu Ministro e sem esquecimento do benefício que resultara desse mau acto?

Não podia o rei descansar sem tudo isto

saber e resolver. E, assim, mandou que, bem antes da madrugada, lhe aprontassem um cavalo, pois queria sair, sòzinho, para o campo.

Ainda era noite quando partiu a galope, no seu cavalo, para a floresta onde encontrara o Carvoeiro. E ao romper de alva chegou à choupana onde ele vivia, e logo o viu, entre portas, pronto a largar para a faina do dia.

O Carvoeiro saudou o seu Rei, tirando o barrete e dizendo com voz calma e respeitosa:

— Deus guarde Vossa Majestade, e lhe dê o que deseja neste dia que começa.

— Deus te salve! (Tornou o Rei, e continuou em voz severa): Venho visitar o teu *Palácio*, conforme o convite que me fizeste, e saber se para o campo se mudaram a deslealdade e o fingimento, que dizem morar nas Cortes e nas Cidades.

— O bem e o mal andam por toda a

parte, Real Senhor, umas vezes mais e outras vezes menos. Mas não me pesa na consciência qualquer falta para com Vossa Majestade, e meu Amo, de quem quero continuar sempre a ser um leal vassalo. (E, segurando o cavalo pelas rédeas, acrescentou): Peço a Vossa Majestade para se apear e entrar na minha choupana, onde estará ao abrigo da friagem do alvor. —

Apeou-se o Rei, admirado com a quietação do Carvoeiro, e entrou na modesta casa. Ardiam tóros na lareira, e a sala, caiada e acolhedora na sua nudez, pareceu-lhe enfeitada para o receber. Só um lugar estava posto na mesa, com seus pratos e copos de estanho. E tinha diante um cadeirão tosco e forte, enriquecido com muitas peles de lobo.

— Foi o melhor que pôde arranjar-se, meu Senhor. E agora, se Vossa Majestade quiser dar-me, por bondade, uma honra sem igual, a minha mulher virá beijar-lhe a

mão, e depois irá aprontar o almoço, que espero aceitará da minha pobreza. —

Fez o Rei um gesto de assentimento, e o Carvoeiro foi buscar a mulher, que veio com timidez beijar-lhe a mão, e logo saiu para a cozinha.

Sentou-se o Rei, cada vez mais intrigado com a atitude serena do Carvoeiro e disse-lhe:

— Venho também perguntar-te porque desobedeceste às minhas ordens e quebraste a palavra dada?

— Se Vossa Majestade me dá licença (tornou o Carvoeiro) perguntarei, antes, se está satisfeito com o que se passou na reunião da Corte, em que foram explicadas as minhas palavras.

— Visto isso, confessas ter dito ao meu primeiro Ministro o que lhe permitiu dar-nos a todos uma grande lição de sabedoria. Não escondo que por isto devo agradecer-te. Mas nenhum benefício traz consigo o

perdão para a desobediência e para a quebra da palavra.

Não seria capaz de o crer de um homem dado como exemplo. E muito diminui isso a minha confiança nesse exemplo, e até, Deus me perdoe, em quem mo explicou com tão alta sabedoria.

Como te poderás desculpar de teres desobedecido às minhas ordens? E como o pôde aceitar o Conselheiro em que ponho maior confiança?

— Real Senhor, peço-lhe para me dizer se Sua Senhoria o Ministro confessou a Vossa Majestade o que entre nós se passou.

— Nada me disse. E eu não seria capaz de o ofender, perguntando-lhe fosse o que fosse a tal respeito. De ti quero, agora, a verdade inteira.

— É um homem, um grande homem, o Ministro de Vossa Majestade. Quando diz cumpre. E parece prever os acontecimentos. Por o pensar esperava eu, hoje mesmo, ver

aqui o meu Senhor.

E sem medo, porque julgo também conhecer o grande coração de Vossa Majestade. E calculei que bastava a alegria que teve, para me perdoar qualquer falta praticada por bem.

— Tudo isso não desculpa a desobediência e quebra da palavra.

— Eu não desobedeci, Real Senhor. Mas antes de apresentar as provas do que digo, deixe-me Vossa Majestade contar o que se passou e o que me decidiu a falar. —

A um gesto de assentimento do Rei, narrou o Carvoeiro toda a cena passada na clareira da floresta, e a dor que tivera por ter sido causa de uma tão grande amargura como a que vira sofrer ao nobre ancião.

O Rei, comovido, atalhou:

— Isto me basta para te desculpar.

— Real Senhor, não bastaria, no entanto, para me desculpar eu próprio. E tanto assim que, mesmo vendo tão grande

tristeza, não me decidi a abrir mão do segredo que Vossa Majestade me mandara guardar. E para mais Sua Senhoria também me proibiu que eu o fizesse, quando lhe disse que poderia falar. E acrescentou que não o consentia, exactamente por ser do seu interesse conhecer o que chamou enigma das minhas palavras.

— É um homem, um grande homem, disseste bem. E eu te perdôo a desobediência a mim e a ele por toda a alegria que me deu agora ver confirmada a sua grande lealdade. Assim eu pudesse também ter-te na conta de inteiramente leal e obediente às minhas ordens.

— Mas, Real Senhor, eu não desobedeci, de modo algum, às ordens recebidas. Se falei, foi por entender que podia fazê-lo sem quebra do meu dever. Lembra-se Vossa Majestade que me ordenou que a ninguém desse a explicação das minhas palavras

sobre o meu governo familiar sem vossa ordem ou sem ver a cara de Vossa Majestade cem vezes?

— Assim o disse.

— Pois inspirou-me, decerto, o meu Anjo da Guarda, a maneira de não desobedecer às ordens expressas de Vossa Majestade, e poder, no entanto, revelar o meu segredo, e evitar assim a dor e o desespero de quem vale muito mais do que eu, e tem, por sua actividade na Governação, muito maior importância do que a minha vida.

Mas confesso que também o fiz sem receio. Perdoe Vossa Majestade se errei.

— Não te entendo. Ou não entendes tu, ou finges não entender o que seja desobediência.

— Real Senhor, Vossa Majestade não me disse que deveria ver-lhe *pessoalmente* a cara cem vezes, antes de ter o direito de abrir mão do segredo imposto. E, antes de falar, pude ver a cara de Vossa Majestade,

cem vezes, nestas moedas. Ei-las, com permissão de Vossa Majestade. —

O Carvoeiro puxou da bolsa que lhe dera o Ministro e despejou-a na mesa, com ar já prazenteiro e de quem goza com a surpresa que a outro causa.

O Rei não pôde conter o riso, vendo a esperteza do Carvoeiro, e disse:

— És na verdade, o mais esperto dos homens que eu tenho conhecido. Assim sempre Deus te inspire para bem. Mas onde foste buscar tanto ouro? (Perguntou, fingindo-se desentendido).

— Pedi a Vossa Senhoria o Ministro que me deixasse ver a cara de Vossa Majestade num cento de moedas. E assim fez. E depois quis que eu as guardasse, junto com as demais contidas nesta bolsa, como prémio do serviço que lhe prestara já.

Mas eu só lhes chamarei minhas se Vossa Majestade o consentir.

— Dás-me agora maior alegria por tudo

ver explicado sem nenhuma quebra da honra. Podes guardar todas essas moedas. E quero também dar-te um prémio por teres conseguido resolver tão felizmente um caso intrincado. E para bem de todos e minha satisfação.

Diz o que queres.

— Eu nada quero, Real Senhor, além do perdão que Vossa Majestade já me concedeu. Com este ouro e o meu trabalho estou rico. Vou comprar o desbaste de uma parte da floresta, meter ajudantes e continuar, em grande, no meu ofício. Que mais posso querer, além da salvação e da saúde para os meus e para mim?

— Seria injusto que eu não te desse um prémio, por me ser dada uma grande alegria a viver. É uma nova ordem minha, que tens de cumprir. Diz-me qual é o prémio que desejas. —

O Carvoeiro recolheu as moedas na bolsa, guardou-a e começou a sorrir-se. O

seu feitio festivo e brincalhão dominara-lhe novamente a inteligência. E a sorrir disse:

— Pois eu só aceito de Vossa Majestade uma coisa.

— Diz lá, homem. Se for justo desde já ta concedo.

— Só quero que Vossa Majestade me dê o direito de receber um tostão de cada marido que tenha medo da mulher.

— Isso é um disparate, ou mais uma brincadeira tua, de que não entendo o fim. Pois é possível que muitos maridos tenham medo à mulher?!

Não, cá no meu Reino pouco terias a ganhar. E não sei como o ganharias. Pede outra coisa, que eu quero dar-te um bom prémio.

— Se Vossa Majestade não me dá isto, que peço, outra coisa não aceito. (Insistiu o Carvoeiro, já aferrado à ideia que lhe viera de repente.) —

O Rei pensou um momento e disse:

— O mesmo é que recusares o prémio dado por mim. Quererás mostrar-te mais generoso do que eu?

Não será, porém, assim. Concedo-te o direito que me pedes. Creio que não procedo bem, mas não poderá ninguém dizer que não fui eu o mais generoso.

Quando te julgares bastante rico, ou quando vires que não ganhas nada com a arrecadação desse imposto sobre o medo que dizes terem os maridos às suas mulheres, irás ver-me ao Palácio Real. Então decidirei se mereces melhor prémio.

E agora vamos ao almoço. A não ser que a tua mulher não queira, e tu lhe tenhas medo.

— Ela o quer, para servir Vossa Majestade.

E não há que ter-lhe eu medo, porque vivemos sós, com os nossos filhos, neste bosque, longe de toda a gente.

— Nesse caso comereis comigo. E verei

os teus filhos, que não ficam já melhorados, por tua culpa.

— Já almoçámos, Senhor, e, para prémio de nós todos, basta-nos a honra que Vossa Majestade nos deu, sentado-se a esta mesa. —

Almoçou o Rei, alegremente falando com o Carvoeiro e a mulher, depois de abençoados os filhos do casal.

Montou, depois, a cavalo, e voltou para o Palácio, com muita alegria, por ver desfeitas quaisquer dúvidas quanto ao bom procedimento de dois homens que estimava muito, a cada um na esfera de actividade que Deus lhes destinara, da mesma forma que para o grave encargo de reinar o fizera nascer.

*

* *

Passou-se tempo...

Um dia, quando o Rei estava na varanda principal do seu Palácio, viu aproximar-se uma carruagem sumptuosa, puxada por duas parelhas, e com o cocheiro e lacaios bem vestidos, mas sem qualquer sinal de Casa Nobre a que pertencessem.

O coche parou no páteo do Palácio, e o Rei, surpreso e divertido, viu sair, e depois curvar-se a cumprimentar, feito um figurão, o nosso amigo Carvoeiro.

Mandou que logo o trouxessem à sua presença e, depois de o saudar com alegria, perguntou-lhe:

— Prosperou o teu negócio tanto que te permita este luxo, ou como foi que a Fortuna te ajudou, para tanta riqueza? —

Respondeu o Carvoeiro:

— A Fortuna foi o direito que Vossa Majestade me deu. Já conto como tenho exercido esse direito e o muito que me tem rendido. Mas, antes, permita Vossa Majestade que eu lhe fale de uma linda

mulher que vi, quando a caminho do Palácio.

Real Senhor, ela tem nas faces a suave cor das mais belas rosas. Os seus loiros cabelos só posso compará-los aos trigais maduros, ondeando ao vento. De perfumados morangos devem ter sido feitos os seus lábios. E as mãos, esguias, têm a beleza dos alvos lírios. Pisa o chão com tanta leveza que parece desceu a andar entre nós a Rainha das Fadas. Mas os seus olhos, Senhor, esses, não há nada no Mundo a que possa compará-los. —

Estava o Rei entusiasmado a ouvir o Carvoeiro feito Cortesão, quando este viu a Rainha entrar na sala onde estavam. E continuou, em voz mais alta:

— Enfim, Real Senhor, essa mulher é tão linda que só deveria pertencer a Vossa Majestade. —

E logo o Rei atalhou, aflito:

— Fala baixo, que vem aí a Rainha. —

Então o Carvoeiro desatou a rir, e disse:

— Ah, também!... Passe para cá um tostão, Real Senhor. —

O Rei teve um sobressalto de surpresa, e depois outro, de cólera, que dominou. E com voz dura e serena, que tornava terríveis as menores das suas palavras, falou:

— Queres tu dizer que eu tive medo! E para que viesses brincar comigo, metendo-me um susto, ousaste escolher tão mal o prémio que te ofereci! —

Gelara imediatamente o riso do Carvoeiro. E agora, caindo em si, debatia-se o infeliz entre o medo e a vergonha. E queria ajoelhar-se diante do Rei, que lhe não consentiu, dizendo:

— Um homem tão sábio e audaz que põe medo ao seu Rei, não deve ajoelhar-se nem pedir perdão. Tem de aceitar o castigo dos seus actos.

Medo! O que entendes por esta palavra,

para assim qualificares o que senti?

Seja nosso juiz a própria Rainha, de quem quiseste que eu tivesse medo. —

E vendo aproximar-se a Rainha, dirigiu-se para ela, e disse-lhe:

— Senhora, quero contar-vos o que me esteve dizendo este homem, e o erro de que sou culpado perante vós, e como o atalhei, para que sejais quem diga o seu nome.

— Tudo ouvi, Senhor (disse logo, sorrindo, a Rainha). Desde o elogio da mais linda mulher do Mundo, verdadeira ou fingida.

Qual o homem capaz de não se comover com tanta formosura?

Se foi esta a vossa culpa, pequena foi e nem carece de perdão.

— Foi essa a minha primeira culpa, e vos peço perdão. E foi outra, depois. A de ter querido evitar que ouvisseis palavras que podiam magoar-vos.

Como se chama o que senti, Senhora?

— Se tivesse havido culpa, seria remorso ou arrependimento. E bastaria para merecer o perdão. Como não houve culpa, chama-se delicadeza de sentimento.

— Pois este homem, a quem estimei, e desejaria estimar ainda, chama-lhe medo. E voluntàriamente quis pôr medo convosco, Senhora, ao seu Rei.

— Senhor (tornou a Rainha), perdoai-lhe, que não o terá feito por mal, nem por menos respeito, mas por não medir o valor das palavras.

— Perdôo-lhe por vós, Senhora, e em desconto da minha culpa de lhe dar ouvidos no louvor de outra mulher, a pena de morte que merece quem voluntàriamente quer pôr medo ao seu Rei, e rebaixá-lo, assim, a pior de que um servo.

Mas não devo perdoar-lhe outro castigo nem negar-lhe o prémio por seus merecimentos anteriores, que tudo fez para destruir.

— Mereço a forca, na verdade mereço a força [(*)]. E se agradeço a vida a Vossas Majestades, é porque deixaria viúva e dois órfãos.

— Ao que sentis, bom homem (disse a Rainha), outros, com erro, chamariam medo. E é muito diversa coisa, porque é amor de marido e pai.

— E também arrependimento e remorso, Real Senhora. Sou eu agora quem pede para ser duramente castigado. —

A Rainha sorriu-se, por ver tão bem aplicadas as suas palavras, e, voltando-se para o Rei, seu esposo, disse:

— Retiro-me, Senhor. E vou sossegada, porque sabereis ser justo. —

Curvou-se o Rei, numa vénia de assentimento, e o Carvoeiro cobriu de lágrimas a mão que a Rainha lhe deu a beijar.

E depois que ficaram outra vez sós,

[(*)] Deverá ler-se *forca*.

voltou o Carvoeiro:

— Não mereço perdão. E o que mais me pesa é ter magoado um Rei por quem eu daria a vida. Maldito seja este meu gosto folgazão, que me fez pedir um prémio para com ele cair em tão mau procedimento!

Bem me disse logo Sua Senhoria o Ministro que Vossa Majestade me ofereceria um prémio, e que não aceitasse nada sem o consultar...

Mal me veio de me fiar na minha cabeça.

— Pois será ele quem vai julgar-te. Porque eu fui o ofendido, e não devo punir. (Concluiu o Rei.) —

Fez sinal a um pagem, ordenou-lhe que chamasse o Primeiro Ministro, e depois, voltando-se para o Carvoeiro, continuou:

— Levanta-te. Como homem já te perdoei. E não te quero ver humilhado perante ninguém.

— Essas palavras e esse perdão, Real Senhor, são mais do que eu poderia

desejar. E nem já o castigo me poderá ser muito pesado. Creia Vossa Majestade que mais me doi o remorso do que aviltantes vergastadas.

— Sim, perdôo-te. E lamento o que sucedeu. Mas o castigo, esse, já, por minhas palavras de Rei, não está nas minhas mãos. —

Entrava, nesse momento, o Ministro na sala, e, compreendendo logo o que se passara, disse:

— E assim me arvorais, Real Senhor, em juiz do homem a quem devo tão grande benefício?

— Confio mais na justiça do reconhecimento do que na do ressentimento, mesmo depois de abandado [(*)], ou até desaparecido.

E pelas palavras deste homem compreendi que muito melhor do que eu o soubésteis conhecer. Nisto fui também

---

[(*)] Deverá ler-se *abandonado*.

culpado.

Sereis, pois, vós quem o julgará, para lhe conceder o prémio prometido por mim e o castigar pela sua falta grave.

Que ele mesmo vos diga quanto se passou.

— Tudo sei ou adivinho, Real Senhor. E sei mais, e não o devo esconder. Sei o mal que ele tem feito em muitas famílias do Reino, usando impensadamente do direito que Vossa Majestade lhe concedeu. E menos por ganância, creio, do que para se divertir com fraquezas humanas.

— Desse mal (atalhou o Rei) sou eu o principal culpado.

— Assim seria, Real Senhor, se Vossa Majestade suspeitasse o que este homem entendia por medo ou receio de um marido à sua mulher.

Não tem, pois, Vossa Majestade, neste mal, qualquer culpa de que se acusar perante Deus, ou que entre os homens

reparar.

Mais depressa eu deveria confessar-me culpado por me não ter aberto com Vossa Majestade, logo declarando como e por quem me fora explicado o enigma que significava o bom governo de um chefe de família, nem o juízo que logo fiz de quem assim me valeu. Deste erro peço perdão ao meu Rei.

— Nenhum perdão tendes que pedir-me, Senhor, pois bem sabeis a alegria que tive com os vossos conselhos de sabedoria, a qual só foi possível por este homem ter aberto mão do segredo que eu lhe ordenara, e sem cometer falta contra essas ordens e palavra dada.

— Nesse caso continua ainda este homem a merecer um justo prémio, por Vossa Majestade prometido.

— Nem eu quero que lhe seja negado.

— Mas na verdade, Real Senhor, ele também merece um castigo. No entanto, do

mais grave, da impensada falta de respeito por Vossa Majestade, o podereis talvez absolver.

Eu me explico, Real Senhor. Tem este homem uma grande inteligência, mas com o defeito, que a muitas acompanha, do gosto de com ela brincar, sem respeito por essa nobreza concedida por Deus.

Isto faz dos inteligentes mal intencionados uma das piores pragas da sociedade. Entram na zombaria sem motivo nem desculpa, sequer, de qualquer justa revolta. E mais depressa perdem um amigo, ou ferem a verdade e a própria justiça, do que recusam o prazer doentio de uma chalaça. Livre-nos Deus de homens dessa condição e mau carácter com autoridade entre o povo ou qualquer lugar na governação.

Mas o carácter deste homem é bom. A sentença com que ele resumiu a sua vida, sabe-a Vossa Majestade expressão

verdadeira do seu procedimento familiar.

O que eu lamento é que precisamente o homem que nos lembrou, mesmo sem o querer, um bom caminho da governação, baseado no incentivo dos deveres, amor e disciplina das famílias, tenho sido, também sem o querer, culpado na desunião de muitas delas.

Por este malefício, embora involuntário, deverá ser castigado. E porque Vossa Majestade quer e manda que eu julgue e dite a pena, digo que será justo que tudo quanto ganhou com o mau uso que fez do direito que Vossa Majestade lhe concedeu, seja perdido por ele e entregue à Santa Casa da Misericórdia, para ajudar viúvas e mal casadas.

— É justo. E assim se fará (disse o Rei).

— É muito justo! (exclamou o Carvoeiro). E só vos agradeço ver-me livre de tão mal fadado e triste dinheiro. Mas, senhor, eu mais ganhei (e me arrependo) em

divertimento (maldito seja ele) do que em dinheiro. Deixai-me, pois, acrescentar a esse o que recebi de Vossa Senhoria.

— Não. Esse prémio te consentiu Sua Majestade que por teu o tivesses. E ainda bem que soubeste guardá-lo para a tua família, e, qual o outro, o não foste desbaratando em luxo.

— Falta o meu prémio. (Atalhou o Rei.)

— Se Vossa Majestade manda que eu julgue, direi que ele deve ser apropriado à vida que deu a este homem as suas grandes qualidades, e jamais a qualquer mudança de condição, para que não está preparado.

Real Senhor, a floresta onde este homem trabalhava quando Carvoeiro, simples, inteligente e bom, é de Vossa Majestade, e em parte minha, por vossa dádiva.

Se mo permitis, juntar-nos-emos no pagamento do prémio justo a dar ao nosso amigo Carvoeiro. Que toda essa floresta lhe seja dada em propriedade plena. Que a

explore por seu ofício, com o ouro que lhe dei.

Confirma Vossa Majestade a minha sentença?

— Confirmo, e com alegria. E agradeço a nova lição de alta sabedoria que de vós agora aprendi.

— Com vossa licença tenho ainda uma condição a impor. E é que ele vá também renovando a floresta para benefício de todos, e mais em particular dos seus filhos e futuros descendentes. Naqueles ou nestes haverá quem venha a merecer o prémio de elevação de classe, caso tenha a sua inteligência, mas a respeite, e para esta subida tenha sido também educado.

Sei que tens dois filhos, mas não lhes conheço a inteligência e o carácter. Desejo dar-lhes educação, e se tiverem o teu feitio serão os continuadores da tua riqueza. Se, porém, um deles fôr mais reflectido e amigo do estudo, eu lhe ensinarei os cuidados e

trabalho da governação. E será sucessor dos meus bens. Uma e outra coisa com autorização de Vossa Majestade.

— Tendes a minha autorização, e com o respeito devido a tão grande e nobre ânimo. —

Chorava o Carvoeiro lágrimas de alegria. E, com palavras de profunda gratidão, beijou as mãos do Rei e do Ministro. Mas depois o seu génio festivo tomou de novo conta dele, e não lhe consentiu que deixasse de acrescentar:

— Mas, afinal, Vossa Majestade e Vossa Senhoria elevam-me de classe, e muito!...

Fazem-me Carvoeiro-Mor do Reino!

O rei, o vaqueiro e o touro barroso

HAVIA um Rei que possuía muitos rebanhos e manadas, pois toda a sua paixão eram os animais. Mas entre todos preferia um toiro barroso muito bonito.

Para os guardar e tratar tinha ao seu serviço um vaqueiro, que apreciava por ser homem de poucas falas, e tão honrado que nem que o matassem era capaz de dizer qualquer mentira.

Todas as manhãs ia cumprimentar o Rei, e tinham esta conversa:

— Deus te salve.

— Salve Deus a Vossa Alteza.

— Então como está o nosso gado?

— Ele bom, ele mau; ele de pé, ele deitado; ele a dormir, ele acordado.

— E o nosso toiro barroso?

— Saberá Vossa Alteza que está bom. —

O Rei ficava satisfeito com estas respostas e dizia aos Fidalgos da sua Corte que em ninguém confiava como no seu vaqueiro, pois que era incapaz de lhe dizer uma só mentira.

Desrespeitados, os Fidalgos, disseram um dia ao Rei que, se ele quisesse apostar, apostariam em como o vaqueiro era tão capaz de mentir como outra qualquer pessoa.

O Rei apostou, pois tinha no seu serviçal a mais completa e cega confiança, e ria-se já com a cara que fariam os seus Cortezãos quando vissem que perdiam.

Os Fidalgos que imaginaram fazer?

Vestiram-se de caçadores e foram ter com o vaqueiro, acompanhados por suas Senhoras, já industriadas para dizerem o que lhes tinham ensinado.

Quando chegaram aos montes onde o vaqueiro andava com as manadas, a mais formosa Dama começou a gemer e a chorar,

dizendo que estava muito doente e que só aquele vaqueiro a podia curar, pois a sua saúde dependia da morte do toiro barroso.

O vaqueiro não queria fazer tal, mas os Fidalgos e as outras Senhoras rodearam-no e apertaram-no tanto, com pedidos e lamúrias, que ele pegou em si e matou o toiro barroso.

Satisfeitos, foram-se embora os Fidalgos e mais as suas Damas, dizendo, uns para os outros que era impossível não ganharem a aposta, pois o vaqueiro não se atreveria a dizer ao Rei que matara o toiro barroso, sabendo a estima que lhe tinha.

O vaqueiro por seu lado pôs-se a pensar no que havia de dizer ao Rei, pois só tarde e a más horas entendeu o mal que fizera.

Enterrou o cajado no chão, pôs-lhe o chapéu por cima, e começou a falar-lhe como se fosse para o Rei. E dizia, imitando o Rei e respondendo por conta própria:

— Deus te salve.

— Salve Deus a Vossa Alteza.

— Então como vai o nosso gado?

— Ele bom, ele mau; ele de pé, ele deitado; ele a dormir, ele acordado.

— E o nosso toiro barroso?

— O nosso toiro barroso fugiu esta noite... Não, isto não digo eu, porque é mentira, e eu nunca fui mentiroso. —

E tornou a principiar a conversa, dirigindo-se ao cajado com o chapéu como se estivesse falando ao seu Rei e Senhor:

— Deus te salve.

— Salve Deus a Vossa Alteza.

— Então como está o nosso gado?

— Ele bom, ele mau; ele de pé, ele deitado; ele a dormir, ele acordado.

— E o nosso toiro barroso?

— Saberá Vossa Alteza que morreu esta noite... Nada! Isto também eu não digo, porque é mentira. Digo que fui eu quem o matou, e está acabado. Se o Rei me mandar castigar, que não seja por mentiroso. —

Foi ao Paço, e quando o Rei, que já sabia do caso, lhe perguntou pelo toiro barroso, respondeu:

— Por corpo alvo e rosto formoso, saiba Vossa Alteza que matei o nosso toiro barroso. —

O Rei, em vista dele ser um homem de tanta lealdade, abraçou-o com muita honra, o que envergonhou os Fidalgos que se deram por vencidos e ficaram vexados por não serem capazes de fazer mentir um pobre vaqueiro.

— Ah, meus amigos (disse-lhes o Rei, que era esperto), não vos espanteis nem desconsoleis, que a Verdade é uma rude criatura que mal sabe apresentar-se em palácios e salões. Dá-se melhor com a simplicidade do meu amigo vaqueiro, em quem mais do que nunca deposito a minha confiança.

Vós servis-me para vos servir, e ele serve-me como quem nada espera da minha

generosidade. —

O vaqueiro voltou para o seu campo, muito satisfeito. E o bom Rei, quando estava cansado de ouvir as mentiras e lisonjas da Corte, ia fazer-lhe uma visita e falar, sobre o gado e as pastagens, com um homem sempre verdadeiro.

João Ganchinho

HAVIA um bom homem, trabalhador e sossegado, a quem tinham posto a alcunha de João Ganchinho, com que ele dava sério cavaco.

Não era insulto nenhum. Nem alcunha vincando qualquer defeito. Coisa de *camaradas*, que invejavam o seu bom governo, e aproveitavam os termos como ele referia o que ganhara fazendo um *ganchinho* de trabalho para grandes lavradores, quando não tinha de amanhar a sua fazenda. Mas ninguém gosta de perder o nome de família. E menos ainda que lho esqueçam por qualquer alcunha parva. Chamava-se João Machado e com esse nome queria viver e morrer.

A mulher que Deus lhe dera tinha boas qualidades, esperta, bonita e desenxovalhada, trabalhadeira e muito

amiga dele e dos filhos. Mas era teimosa, e, o que é muito pior, quando, no fim de muito dizer e teimar, reconhecia, lá para consigo, não ter nenhuma razão, embezerrava, e ficava-se resmungando palavras que vingassem a vencida teimosia.

Não queria mal a ninguém, mas era capaz de magoar quem mais estimasse, para não dar o braço a torcer.

Se teimava com o marido, e ele, com razões e boas palavras, a convencia, em vez de o dizer, ficava horas repetindo o que mais sabia arreliar o pobre homem:

— Tem razão, sr. João Ganchinho... Pois não havia de acertar o sr. João Ganchinho?! Homem de Deus, por alguma coisa te puzeram a alcunha de João Ganchinho. É que tudo sabe, e tudo vê e tudo pode o sr. João Ganchinho!... —

Um dia, muito angustiada por não ter levado a melhor com a razão, depois de larga teimosia, tanto arreliou o marido com

a alcunha de Ganchinho, tantas vezes o tratou por sr. João Ganchinho, que ele perdeu toda a paciência. Agarrou a mulher, atou-lhe à cintura a corda que segurava o balde na roldana do poço, e começou a deixar cair a arreliadora, para com o susto perder aquela mania.

Mas o remédio foi pior do que a maleita. Fula por ser assim castigada, e talvez por o ser com muita razão, a mulher, já com os pés na água, pôs-se a gritar:

— João Ganchinho! João Ganchinho! João Ganchinho! —

O pobre do João Machado ficou furioso com aquelas palavras, que para ele eram insultos, e fez descer a mulher até lhe dar a água pela cintura, dizendo:

— Que sou eu?! —

A teimosa respondeu, lá de baixo:

— João Ganchinho! João Ganchinho! —

Deixou-a cair mais, e os gritos continuaram. E tendo apenas a cabeça fora

de água, ainda a mulher bradava:

— João Ganchinho! João Ganchinho! —

Zangadíssimo, deixou-a descer mais ainda, até ficar com a boca tapada. E vai ela, como não podia falar sem engulir [*] muita água, levantou uma das mãos com um dedo dobrado em forma de gancho...

O pobre do João Ganchinho teve, então, ao mesmo tempo vontade de rir e de chorar. Mas caiu em si, pensando que muito pior seria perder a mulher, a quem, apesar de teimosa, estimava deveras, e tornar-se um criminoso, do que sofrer toda a vida a feia alcunha que tanto o arreliava.

— Antes João Ganchinho do que João Malvado (pensou ele, enquanto ia içando a mulher para fora do poço). Se com o susto não a calei, Deus me dê paciência para lhe aturar a mania, porque tem por onde lhe perdoe. —

---

[*] Deverá ler-se *engolir*.

Quando a mulher se viu fora do poço é que se arrepiou com o perigo que correra, pois o marido, num repente de fúria, podia ter largado a corda que a segurava. Mas o seu feitio não a deixava quebrar a teimosia arreliadora, e disse para o marido:

— Fê-la bonita, sr. João Ganchinho! —

— Tens razão agora, mulher (respondeu ele). E para meu castigo ficarei sempre com o nome de João Ganchinho. Vou dizê-lo a toda a gente da Freguesia, no Domingo, depois da missa.

E tu também ficarás sendo a Isabel Ganchinha. E a nossa pequena será para todos a Rita Ganchinha, e o nosso rapaz o Zé Ganchinho. Vai ser bonito, quando forem à escola e as companheiras disserem: «Rita Ganchinha, quantos ganchos trazes nos cabelos?» E o sr. mestre régio dirá também, para se desenfastiar dos seus livros: «Aluno Zé Ganchinho, dois ganchos mais dois ganchos, quantos ganchos são?»

O nome do meu pai, coitado, ninguém mais o lembrará, neste mundo. Mas não faz mal. Os pequenos terão o nome do seu pai, João Ganchinho. —

A mulher que era teimosa, mas tinha muito bom coração, caiu em si, vendo quanto fizera padecer o marido, e quanto mal podia causar aos filhos. Ajoelhou-se aos pés dele, a chorar, bradando:

— Ai marido, agora é que tu me castigaste bem castigada! Perdoa-me, por Deus Nosso Senhor. —

O homem levantou-a logo, e abraçou-a, dizendo:

— Eu também te peço perdão, por ter sido muito bruto no castigo que te dei.

Não se fala mais nisso. E serei João Ganchinho toda a vida.

— Isso não! Juro-te que jamais te darei esse feio nome. Juro que não volto mais a teimar.

— A primeira jura aceito-a, e agradeço-te

que a respeites (tornou ele). A segunda não a aceito, nem quero que a faças. É bom ser teimoso, quando estamos certos das nossas razões, ou as julgamos ter. Mau é só teimar contra a razão. E pior ainda ficarmos com zanga e quesília, ainda que seja por um só momento, a quem nos convenceu.

— Isso te juro, pela salvação, que nunca mais eu farei.

— Se for assim (disse o bom homem, com muita alegria), abençoada seja a hora em que me chamaste João Ganchinho. —

E o certo é que foi assim mesmo. Teimavam, quando vinha a ocasião. Mas nunca mais questionaram, porque, lembrando-se do que passara e de quanto ferira o marido, a boa mulher não mais se arreliou quando teve de confessar-se convencida.

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

O carneiro do pobre

NAQUELA aldeia não havia homem nenhum mais pobre e desgraçado. A mulher morrera, deixando-o com uma ranchada de filhos a cuidar, vestir e sustentar. O trabalho era pouco rendoso, e muitas as pessoas que dele viviam.

Os vizinhos tinham muita pena do pobre, e todos, mais ou menos, o ajudavam. Mas o dar não é certo, e quantas vezes não recolhia a casa com as mãos a abanar, sem nada ter para as crianças, que por ele esperavam, cheias de fome?!

Então assentava-se à lareira, e ficava triste e calado a pensar na sua desgraça.

Os pequenos em volta dele começavam a chorar e a dizer-lhe:

— Pai, temos fome! Dê-nos pão.

— Esperem, filhos, tenham paciência (respondia ele). Hoje não trouxe pão, mas

amanhã hei-de comprar um carneiro para o jantar. Faremos as pernas assadas...

— Ó pai (dizia um), dá-me um bocadinho do assado?

— Sim, filho, dou-te um bocado grande, com batatas.

— E a mim, pai, e a mim (bradava outro)?

— E a ti também, deixa estar. Do corpo faremos um ensopado muito bom, com bastante molho...

— Ó pai, deixa-me molhar o meu pão (berrava um dos pequenos)?

— Sim, filho, hás-de molhar o teu pão.

— E eu, pai? A mim deixa-me molhar também a minha sopa (gritava o mais pequenino)?

— Olhe, pai, este diz que eu não hei-de molhar o meu pão, porque comi mais assado (choramingava um deles).

— E a mim, pai, eu gosto tanto do molho!...

— Tira-te lá, guloso (gritava outro)! Ele tudo quer comer!...

— Sosseguem, filhos, há-de chegar para todos.

— E dá-me muitas batatas a mim?

— Sim, dou. E arroz, porque também se há-de fazer arroz com fressura.

— Ah, isso, é que eu gosto!

— Ó pai, dá-me muito arroz, um prato cheio?!...

— Sim, filhos, um prato bem grande de arroz para cada um. Mas agora descansem, vão deitar-se e dormir. —

Os pequenos, coitados, pensando nos bons manjares que esperavam comer no dia seguinte, adormeciam com os estômagos vazios, cheios de fome, sim, mas consolados com o sonho de tanta fartura.

Ao princípio, os vizinhos ouviam aquela berraria das crianças e diziam:

— Que tal, hein? O vizinho diz que é tão pobre, tão pobre, e afinal tem carneiro para

ensopado, para assar com batatas e para cozinhar com arroz!... É por estas e por outras que não se pode dar esmolas! —

Mas um vizinho, mais atrevido e bisbilhoteiro, resolveu espreitar, pelas frinchas da porta, a casa do pobre viúvo, em dia de *grande ceia*. E viu que não havia nada para comer, e que eram palavras no ar as que diziam.

Foi logo contar o que verificara com os seus próprios olhos. E todos compreenderam de que se valia o desgraçado para iludir a fome das crianças.

Quando dali em diante ouviam os pequenos gritar por *ensopado* ou discutir as batatas e pedir o arroz, sorriam-se e, com pena, diziam:

— Lá está o viúvo a dar carneiro aos pequenos... —

E sempre havia entre as vizinhas quem, olhando para os seus filhos fartos e limpos, se condoesse dos órfãos e, tirando um pão

da arca, o levasse ao casebre do pobre.

O Pedro das malas-artes

HAVIA uma viúva que tinha um filho chamado Pedro. Era tão estupidozinho e atarantado que tudo fazia às avessas, e por isso o chamavam *das Malas-Artes*, que é como quem diz: más artes e manhas.

Deste Pedro se contavam tantas proezas que encheriam cadernos de papel. O que não admira, porque a sua cabeça era tão fértil em asneiras como a dos Sábios em acertos.

Um dia, por exemplo, lembrou-se o Pedro das Malas-Artes que devia casar-se. Deitou as suas vistas por todas as raparigas do seu conhecimento, e (nisso não foi ele tolo!) escolheu a mais bonita e alegre de quantas havia na vizinhança.

Pensar nisto e ir ter com a mãe, para que se dirigisse ao pai da pequena e a pedisse em casamento, foi obra dum

instante.

Mas, a mulherzinha, que não era tola como o filho, respondeu:

— Tal não farei, sem que primeiro saibas se a moça gosta de ti. Mau é quando um homem pede casamento sem conhecer a vontade e crença da noiva. Vai tu a casa do pai da rapariga, e diz-lhe que a queres para mulher, e que serás feliz se te quiser por marido. —

Bom, lá foi o pobre rapaz a casa do lavrador, e, sem mais cerimónias, disse ao que ia.

A rapariga começou a rir, fazendo-lhe uma grande troça, e por sua vontade o teria despedido, mas o pai não consentiu em tal, porque o Pedro era senhor de algumas terras, que pegavam com as suas, e tinha boas casas e rebanhos.

Convidou-o para no dia seguinte cear com eles, para assim começarem a entender-se. Isto muito confundiu o pobre

Pedro, que não sabia comer diante de gente. Foi a correr pedir à mãe que lhe ensinasse como havia de comer.

— Come com a colher ou com o garfo, pegando-lhe com a mão. —

À noite preparou-se o Pedro com o fatinho de ver a Deus, e todo sécio e satisfeito deu entrada em casa do lavrador.

A rapariga fartou-se de rir, durante o serão, com os disparates sem conto que ele fazia e dizia.

Quando veio a ceia, que constava dum prato de grãos, tentou comer com o garfo e a colher, mas, como não estava habituado a tanto luxo, juntou-os numa das mãos, e com a outra começou a comer, grão a grão.

A rapariga perdia-se de riso, e o Pedro, que apesar de tolo não o era tanto que não percebesse que se ria dele, foi para casa, muito desconsolado, contar à mãe o que lhe sucedera.

— Volta lá (respondeu esta) e vê se te

tornas agradável. —

O Pedro assim quis fazer, e no outro dia lá foi, encontrando o lavrador a chamuscar um porco. Ora como tivesse acompanhado a mãe uma vez que fora dar pêsames a uns vizinhos, tirou o crapéu (*) respeitosamente, e disse:

— Senhor meu ante-sogro, sinto o seu desgosto, mas, se este é o fim que todos havemos de levar, Deus lhe dê bom lugar! —

O homem não pôde conter uma gargalhada, e o Pedro foi contar à mãe o que dissera.

— Que tolice foste dizer, meu filho! Tu devias chegar, cumprimentar com uma cara muito alegre, e dizer: ao pé desse, um cento!

— Pois sim, amanhã andarei melhor. —

Ao outro dia voltou a casa do lavrador, e

(*) Deverá ler-se *chapéu*.

encontrou-o a curar uma chaga que tinha numa perna. Descobriu-se logo, e, com ar muito risonho, disse:

— Ao pé dessa um cento, senhor meu ante-sogro! —

O homem ficou zangado, e o Pedro foi para casa contar à mãe o sucedido.

— Ih Jesus, rapaz, que tolo és! O que devias dizer era: Deus lha seque e não mais produza outra! —

O rapaz animou-se um bocado, e, passados dias, voltou a casa do lavrador, que estava a plantar uma cepa no quintal. Foi direito a ele, todo cumprimentadeiro e amável, dizendo:

— Ora viva, senhor meu ante-sogro! Deus permita que essa lhe seque, e não produza mais nenhuma. —

O outro, por um triz não saiu do seu sério para lhe dar uns sopapos, mas conteve-se, pensando consigo que o rapaz não fazia aquilo por mal.

O Pedro, muito desconsolado, foi para casa contar à mãe o sucedido.

— Ai filho, cada vez fazes pior! Já não tenho esperança de te ver casado. Só se tu prenderes a rapariga pelo rabo do olho, mas é coisa tão impossível que é melhor deixares-te disso. —

O rapaz calou-se muito bem calado, e foi dali a uma fazenda que tinham, onde estava o redil das cabras. Chegando lá, mandou embora o pastor, e, puxando duma navalha, começou a cortar os rabos aos pobres animaizinhos, que gritavam que era uma dor de alma!

Meteu tudo num saco e foi até casa da noiva. Entrou pela porta dentro, e, sem mais tirte nem guarte, atirou-lhe para o regaço com os rabos ainda ensanguentados.

Como a rapariga ficou, pode bem imaginar-se. Mas o Pedro das Malas-Artes, imaginando ter feito uma grande áfrica, foi

dizer à mãe que podia contar com o casamento, porque já tinha vencido a moça, com rabos e olhos.

— Então o que fizeste (perguntou a mulher, já receosa)? —

Quando compreendeu o que ele fizera, atou as mãos à cabeça. E não teve remédio senão matar todas as cabras, aproveitando a carne e as peles, que vendeu por ínfimo preço.

Depois deste caso não tornou o Pedro a querer escolher mulher. Mas os disparates continuaram a fervilhar.

Um dia, por exemplo, foi a mãe à feira e comprou umas boas teias de linho. Quando veio para casa, disse para o filho:

— Olha, Pedro, comprei este pano que é para nós taparmos os buraquinhos. Bem precisava dele agora! —

A mulher a sair para a missa, e ele, com a tesoura, zás, zás, zás, fazendo a teia em fanicos! Depois, com toda a sua paciência,

o idiota foi tapando todos os buracos e frestas que tinha a casa. Quando a mãe voltou gritou-lhe todo satisfeito:

— Venha ver o que eu trabalhei! Estão os buraquinhos todos tapados. —

A mulher afligiu-se imenso, mas, como não podia remediar nada, fez-lhe prometer que teria mais juízo para outra vez.

Com receio de o deixar em casa, disse-lhe, daí a dias, que fosse à feira comprar um porco cevado para a fartura do ano.

O rapaz foi. Já era quase noite e, como não aparecia em casa, a pobre mãe, saiu, cheia de cuidado, em sua busca.

Encontrou-o caído no meio do caminho e com o porco em cima, pois quizera trazer o animal às costas, qual se fosse um leitão.

— Ó rapaz (disse-lhe toda apoquentada), eu não sei o que hei-de fazer de ti! Então isto é maneira de trazer um animal deste tamanho!?

— Então como havia de trazê-lo?

— Amarravas-lhe uma cordinha ao pescoço, e com uma vara tocáva-lo para diante. —

— Está bom, mãe, não se zangue, que eu para a outra vez hei-de fazer melhor. —

Na feira seguinte mando-o (*) comprar uma bilha de barro, mas quando ele chegou a casa trazia apenas a asa a arrastar pelo chão.

— Ó Pedro, que fizeste tu, onde está a bilha?!

— Onde está não sei! Eu cá fiz como vocemecê ensinou. Atei-lhe uma cordinha na asa e toquei-a com uma vara. —

— Ó rapaz, tu és a minha desgraça! Se tivesses juízo o que farias seria pedir a algum carroceiro, nosso conhecido, que te trouxesse a bilha num carro de palha ou feno. —

Nisto mandou-o a uma loja comprar

(*) Deverá ler-se *mandou-o*.

agulhas, e, vendo-o entrar com as mãos a abanar, perguntou-lhe:

— Então as agulhas?

— Vêm ali no carro de palha que o vizinho traz para o celeiro.

— O que me dizes, rapaz! Tu não estás bom da cabeça...

— Ora essa, então não foi o que vocemecê disse?

— Tu és doido varrido, homem. O que eu te disse foi a respeito das bilhas; as agulhas devias trazê-las espetadas na jaqueta, para se não perderem.

— Bom, bom, para a outra vez já sei como hei-de fazer, esteja descançada. —

Passado tempo precisaram dumas agulhas de ferro, para as aguilhadas dos bois, e lá foi o Pedro comprá-las à feira. Mas, como sempre, fez asneira. Pois o que havia ele de fazer? Pegou nas agulhas de ferro e espetou-as na jaqueta, que, já se deixa ver, ficou toda rota.

A mãe, quando o viu assim, gritou, já farta de tanta parvoeira:

— Tu arruinas-me com as tuas tolices! Deixa estar que nunca mais te mando comprar nada. —

Mas, como era só e tinha muito que fazer, no dia que matou o porco mandou-o ao rio lavar as tripas.

— Mas como hei-de eu saber que estão lavadas (perguntou ele)?

— Pede a alguém que te diga. No rio há-de passar gente. —

Foi o Pedro das Malas-Artes para o rio, e lavou, lavou, e tornou a lavar, sem passar viv'alma a quem perguntasse. Até que, já muito aborrecido, viu um barco que subia o rio com dificuldade, pois a corrente era muito forte. E principiou a chamar.

Os homens, julgando que era algum passageiro, remaram para terra, cortando a corrente com grande trabalho. Vai o Pedro perguntou-lhes, com a sua grande cara de

parvo:

— Os senhores não me dizem se estas tripas estão bem lavadas?

— Ó demónio, pois foi para isso que nos chamaste?! Espera que já te arranjamos!

Desembarcaram, deram-lhe uma grande sova, e no fim disseram-lhe:

— Se tu pedisses que soprasse muito vento ainda mostravas que tinhas juízo; agora assim só dás a conhecer que és um completo parvo. —

O Pedro das Malas-Artes, meio derreado, pôs-se a caminho para casa, e passou por um campo onde estavam ceifando o trigo e arrumando as paveias. Como tinha a mania de quase todos os parvos, que é falar a propósito e a despropósito de tudo, gritou:

— Oxalá sopre muito vento! —

Ai, Pai do Céu, o que ele foi dizer! Saltaram os homens ao caminho e deram-lhe pancada de moio; e depois sempre o foram advertindo:

— Pois tu não vês, maroto, que o vento nos espalharia o trigo? O que devias ter dito era: Oxalá não caia nenhum! —

O rapaz, cada vez mais atarantado, continuou a caminhar e passou por uns homens que armavam redes aos pássaros.

Como a parvoeira é doença que não se cura nem emenda, mal os viu gritou:

— Deus permita que não caia nenhum! —

Ora, os outros, já se vê, ficaram desesperados, e, depois de lhe darem bordoada de criar bicho, ensinaram-no a que devia ter dito:

— Assim haja muito sangue! —

O desgraçado Pedro caminhou ainda e encontrou dois homens empenhados numa grande luta, e outros muitos que tentavam apartá-los.

Com a sua mania de se meter a falar sem ninguém lhe perguntar opiniões, sentenciou, cuidando dizer um grande

acerto:

— Assim haja muito sangue. Assim haja muito sangue! —

Toda aquela gente se voltou contra ele. Deram-lhe sopapos e encontrões, gritando:

— Ó brutinho, isso não se diz! Assim Deus os aparte, é que devias ter dito. —

Lá continuou ele, mais morto do que vivo, até que viu um grande e faustoso acompanhamento que seguia uns noivos acabados de casar.

Cumprimentou o rancho, dizendo, com o melhor dos sorrisos:

— Assim Deus os aparte. Assim Deus os aparte! —

Os convidados, mal ouviram isto, encheram-no de pancadas, ensinando-lhe, por fim:

— Não sejas bruto, homem! O que se diz quando se vê um cortejo é: Destes cada dia um. —

O infeliz, deparando mais adiante com o

enterro dum homem muito bom e considerado na terra, bradou:

— Destes cada dia um. Destes cada dia um! —

Aquela gente que seguia o morto, ao ouvir tal estupidez, não teve mão em si que não pusesse o corpo em terra, e, servindo-se dos tocheiros como se fossem cacetes, não lhe dessem uma escovadela mestra. Por fim, um mais compassivo sempre lhe disse:

— Você andou mal, pois o que devia ter dito era: Nosso Senhor o leve direitinho para o céu! —

Foi o Pedro mais para diante, já feito um lázaro, quando viu um baptisado. Apesar de tantas desgraças, não estando ainda escarmentado, gritou logo:

— Nosso Senhor o leve direitinho para o céu. Nosso Senhor o leve direitinho para o céu! —

O pai e os padrinhos, aborrecidos com tal agoiro, correram para ele para o

desancar. Mas o Pedro das Malas-Artes, que já sabia como o tinham desancado, desatou a correr e só parou em casa.

Se não fosse isso, de certo o tinham matado no caminho.

Mas a lição aproveitou, pois o Pedro se convenceu, finalmente, que *se a palavra é de prata o silêncio é de oiro*, e ninguém se deve meter a falar em coisas que não conhece, nem o devem interessar, visto não serem da sua conta.

Esta infeliz história do Pedro das Malas-Artes deve ficar para ensinamento e conselho daqueles que, sem tom nem som, se intrometem a falar do que não sabem nem entendem, implicando com os outros, que não estão para os aturar.

Os dez anõezinhos da tia verde-água

UMA mulher casada vivia muito mal com o marido, porque era preguiçosa, desmazelada, e não tinha verdadeiro cuidado no amanho da casa.

O marido saía sem almoço, voltava e não o encontrava feito, e tudo continuava por limpar e arrumar, sem ordem nem governo. Se aprontava o jantar não tinha a loiça lavada, enfim alinhavava todos os serviços, mas mal — que também a preguiça e a falta de ordem e sistema de trabalho não a deixavam terminar coisa alguma.

O marido começou a aborrecer-se daquela vida e a tratá-la muito mal, ralhando e ameaçando-a a todo o momento, se não se emendasse.

Muito triste da sua vida, foi a mulher ter com uma velhinha que vivia nos arredores e

que passava por saber de feitiçarias, e disse-lhe:

— Tia Verde-Água, se vocemecê não me vale nesta ocasião sou a mulher mais desgraçada que Deus deitou ao mundo!

— Diga o que a apoquenta, vizinha, que eu farei o possível por a auxiliar. —

Entraram ambas na pobre moradia da velha, e a mulher casada não se cansava de admirar o asseio, a ordem e o arranjo em que a velhinha conservava todas as suas coisas: a panela fervendo ao lume, a loiça na cantareira brilhando de limpa, o pote cheio de água, a cama feita, a roupa nas suas arcas, cheirando a alfazema. Enfim, tudo respirava asseio e arranjo e fazia gosto ver.

— Ah, tia Verde-Água, se eu tivesse a minha casa como está a sua, já meu marido não estaria tão zangado e eu não seria tão infeliz como sou! Mas também eu sou sòzinha para fazer todo o serviço, quero

fazer tudo a um tempo, e não posso... que a gente não tem quatro mãos, não é verdade? Mas o meu homem não dá desculpa a nada, e agora pegou em ralhar e até chega a querer bater-me!... —

E dizendo isto desatou a chorar.

— Então é por causa disso que a vizinha vem falar comigo?

— Sim, senhora, para me dar um remédio a esta desgraça, pois toda a gente diz que vocemecê tem Fadas que a ajudam no trabalho e é por isso que tem tudo em tanta ordem.

— Pois tenho, sim filha. Há muito que devias ter vindo procurar-me, que logo lhe dava remédio e te prestava auxílio. Não são as Fadas que me ajudam, são dez anõezinhos muito desembaraçados e arranjadores que me deu a minha Madrinha Fada. Vou mandá-los para tua casa; mas para que eles te possam ajudar, é necessário que faças o seguinte: logo pela

manhã cedo levanta-te, arranja-te com esmero e faze a tua cama. Depois vai à cozinha, acende o lume para o almoço, enche os cântaros de água, varre a casa, cose a roupa, e, enquanto vais cozinhando o jantar, vai fiando e dobando as tuas meadas, até o teu marido vir comer. —

E assim lhe foi ensinado tudo o que devia fazer com método e ordem, afiançando-lhe que os dez anõezinhos a não largariam e trabalhariam com afã para a ajudar.

A mulher agradeceu muito à boa velha e foi para casa muito animada. Logo no dia esguinte [*] começou o trabalho como a Tia Verde-Água lhe indicara. E o certo é que à hora do almoço chegou o marido à cozinha e já o encontrou fumegando sobre a mesa e esta coberta com uma toalha branca, os talheres e os pratos bem limpos, enfim,

---

[*] Deverá ler-se *seguinte*.

tudo na devida ordem. Ao jantar o mesmo, e a casa limpa e florida e a mulher alegre e satisfeita. Também ele ficou muito contente, e comeu com apetite, não ralhando, por não ter de quê.

A mulher estava tão satisfeita que nessa mesma noite voltou a casa da Tia Verde-Água para agradecer o ter-lhe mandado os dez anõezinhos diligentes, que não vira, mas que tão bem a tinham auxiliado, pois o trabalho lhe correra como por encanto.

A boa velha sorriu-se e disse-lhe que continuasse na mesma, que ela os mandaria todos os dias para a ajudarem.

O marido andava satisfeitíssimo, pois via as coisas na melhor ordem, e o dinheiro, que dantes não chegava a nada, agora ainda lhes crescia ao canto da gaveta.

O tempo foi passando, e a mulher, vendo-se tão feliz, voltou de novo a casa da Tia Verde-Água para lhe agradecer e pedir-lhe que continuasse a emprestar-lhe os dez

anõezinhos, pois receava que sem eles nada pudesse fazer.

— Então eles têm-te feito bom serviço?

— Tão bom, que já trago a minha casa num brinco, e o meu marido sempre satisfeito, a roupa lavada e cosida. Enfim, considero-me agora muito feliz!

— Pois se lá queres os dez anõezinhos, deixa-os lá estar e trata-os bem. Mas, olha cá, tu ainda não os viste?

— Eu, não, senhora! E gostava tanto de os ver! Hão-de ser tão espertos e engraçados!

— Pois então, se os queres ver, olha para as tuas mãos e conta os teus dez dedos — que são esses os *dez anõezinhos da Tia Verde-Água.* —

A mulher ficou de boca aberta e, só então compreendeu como o serviço feito com boa vontade e ordem nada custa, é bum luzido e dá alegria e felicidade.

Começou a rir do engano em que

estivera, abraçou a velhinha, e voltou para casa animada e tendo confiança na sua própria diligência. E foi sempre muito feliz e muito reconhecida à Tia Verde-Água.

As alimpas, as lavaduras e as arestas

UMA lavradora viúva, a filha e a enteada, ficaram vivendo com desafogo, que não dispensava trabalho e economia, na quinta de lavoura que tinham herdado. Boa dona de casa, poupada e trabalhadora, a viúva dava, com o seu exemplo e palavras, educação, que julgava igual, às duas raparigas, para virem a ser lavradoras de bom governo como ela sempre se prezara de ser. Mas, por mal entendido amor de mãe, estragava a filha com mimos e não a repreendia nunca, ou nem sequer notava o pouco efeito dos seus bons conselhos e acertadas lições.

Porque não via outra coisa senão a sua filha, e em tudo e por tudo a queria satisfeita e alegre, estava sempre a afastá-la do trabalho. E com ela não tinha, afinal,

maiores cuidados que não fossem vê-la contente e bem vestida, passeando, ao sabor da fantasia, de casa para o jardim, e da porta para a janela e não perdendo festa em que pudesse divertir-se e mostrar-se. A enteada, ao contrário, era a gata borralheira que não tinha um momento de folga, sempre a trabalhar, sempre ocupada no serviço da casa, que era muito, ou a fazer durante o serão grandes tarefas de coser e fiar. E quando se atrasava no trabalho, ou descansava um pouco, ainda sofria maus modos e palavras ásperas que a enchiam de mágua.

Mal chegava a noite, dizia a lavradora para a filha:

> — Menina vai-te deitar.
> Bem basta a cadela negra
> Para a casa nos guardar,
> E, enquanto guarda não guarda,
> Três maçarocas fiar.

E se não finda a tarefa,
A saberei castigar! —

Assim dizia, cantarolando e como quem brinca, a disfarçar ameaças.

O certo é que a pobre menina tinha sempre trabalho a fazer, para cumprir ordens e exigências da madrasta e evitar maus tratos.

Chegou enfim o tempo e ocasião de casarem as duas raparigas, a enteada e a filha da lavradora. Escolheu cada uma o seu noivo, dois bons rapazes também lavradores, e no mesmo dia casaram na Igreja e fizeram a festa do casamento na casa em que foram educadas e que a lavradora viúva continuaria sòzinha a manter e governar. Os maridos tinham as suas casas e quintas de lavoura, e para lá quiseram levar as suas mulheres. À despedida, a lavradora disse para as duas noivas:

— Agora ide em paz e sêde muito felizes. Eu só daqui a um ano vos irei visitar. E então quero ver as alimpas, as lavaduras e as arestas que me mostrais, para honra da educação que vos dei. —

Assim o disse, e assim o fez. Passado um ano, subiu para o seu carro, e foi directamente à quinta onde vivia a filha.

Com grande surpresa e desgosto, notou muito desarranjo e desmazelo em tudo quanto via. Ao abraçar a filha achou-a triste e aborrecida, e percebeu que também o genro, embora o disfarçasse, não estava satisfeito.

Depois de trocar algumas palavras de conversa, disse para a filha:

— Agora mostra-me as alimpas, as lavaduras e as arestas que eu te disse que viria ver no fim de um ano. —

A moça levou-a, primeiro, a uma grande arrecadação e mostrou-lhe montões de lixo que era a varredura das tulhas que

mandara juntar para cumprir as ordens e último conselho da mãe. Cheirava a poeira e a mofo. E tudo aquilo apenas servia de pasto das ratas e ratazanas.

A viúva abanou a cabeça, penalizada, e quis ver as lavaduras. Mal chegaram a uma outra arrecadação, tiveram de fugir, pois das dornas em que a nova lavradora mandara juntar os restos da cozinha e das lavagens dos pratos, vinha um cheiro pestilento que metia respeito, mesmo a distância.

Cada vez mais desconsolada, foi a lavradora velha com a filha ver as arestas que lhe disse ter juntado também, para cumprir as suas ordens. E só viu um montão de palhas que ficara do linho que mulheres de fora tinham acedado e para fora tinha ido, sem que a dona da casa tirasse, como devia, a sua parte, para aumentar o bragal da família.

Muito triste e amargurada a lavradora

despediu-se da filha, dizendo:

— Ai, menina, que mal aprendeste com os exemplos que eram as minhas lições! Deixa-me ir ver o que a tua irmã fez das alimpas, lavaduras e arestas que mandei aproveitar!... —

Subiu para o carro, deixando a filha a chorar de aflição, pois não estava satisfeita com a vida, vendo que tudo corria mal na sua casa, e desagradava ao marido e à própria mãe, que tantos mimos lhe dera.

Quando chegou à quinta onde vivia a enteada, logo a lavradora notou a diferença no amanho das terras e no arranjo da casa e dependências. Ali via-se tudo em ordem, sem qualquer desmazelo nem atrapalhação no serviço, que corria como sempre corre onde há direcção acertada e bom governo.

A nova lavradora e o marido vieram recebê-la, ambos alegres e satisfeitos. E depois de muita conversa, disse a lavradora velha para a enteada:

— Agora, menina, mostra-me as alimpas, as lavaduras e as arestas que juntaste. —

Com muita satisfação a moça a levou ao galinheiro, cheio de criação, e disse:

— Aqui tem, minha mãe, o que tenho criado com as varreduras e alimpas que ficam nas tulhas onde guardamos o grão das colheitas. Posso dizer que temos neste galinheiro o melhor açougue.

— Bem fizeste, menina! Foi isto o que eu te ensinei na nossa casa. —

Foram depois ao chiqueiro, onde estavam uns poucos de porcos, para cevar e para negócio. E disse a enteada:

— Aqui tem, minha mãe, as lavaduras da nossa casa. Com os restos da comida e as viandas, a que mando juntar as frutas e hortaliças que não prestam para a venda nem para a fartura da mesa, criei estes animais de que espero bom lucro.

— Muito bem, minha filha! Foi isto

mesmo que aprendeste na casa de teu Pai. Vamos agora ver as tuas arestas. —

Voltaram a casa, e a nova lavradora mostrou-lhe um arcaz cheio de meadas já coradas, muito linho fiado para ser ensarilhado e bom pano tecido, com que enchera as arcas do seu bragal.

— Estas são as minhas arestas, pois do linho que fiz semear e tratar, e também de algum que comprei, fiámos, eu e as minhas criadas, o que vê. —

Então a madrasta pôs-se a chorar, dizendo:

— Ai, triste, triste de mim!... A filha, tratada com demasiados carinhos e mimos, sofre uma vida triste, e cairá talvez, um dia, na miséria, porque não a acostumei ao trabalho. Esta, a quem tanto fiz sofrer, carregando-a com tarefas e sacrificando a sua mocidade ao peso da labuta da casa, está, graças a Deus, feliz e satisfeita, dando gosto e ajuda ao marido, que assim a não

aborrecerá nunca, e ajudando a fortuna da família. Peço-te que me perdoes, tu, minha minha [*], o que sofreste, porque da outra filha não posso ter perdão, por todo o mal que lhe fiz, sem querer. —

Em vão a enteada procurou consolá-la e desculpar a irmã, dizendo também que lhe ensinaria a aproveitar as alimpas, as lavaduras e as arestas.

Amofinada e cheia de remorsos, voltou a lavradora viúva para casa. E chorou a sua desdita e se arrependeu tardiamente da injustiça com que procedera, por cegueira de mal entendido amor de mãe.

Demasiado exigira da enteada, mas enfim, com o hábito do trabalho aturado, lhe abrira o caminho para a felicidade. Mas da filha, com o excesso de mimos, fizera uma desgraçada.

---

[*] Deverá ler-se *filha*.

Fazer mau preço à fruta

ERA mulher trabalhadeira e poupada, capaz de fazer boa casa, juntando, pouco a pouco, o sobrante de um modesto rendimento.

Infelizmente o homem com quem casou era vaidoso e mandrião. Já dizia o velho Sábio que todo o esbanjador não passa de um vaidoso que desperdiça o que lhe vem à mão, para fazer figura. Mas este não poupava nem ganhava, pouco ou muito, com o seu trabalho, para que a mulher pudesse juntar.

Fosse o homem barca, labutando, e a mulher seria arca, guardando. Mas qual! O vaidoso mandrião nenhum trabalho achava próprio da sua pessoa nem digno do esforço preciso para vencer a preguiça, que é o pior de todos os males, pois aos demais vícios abre a porta, e às virtudes a fecha.

Umas fazendas que tinha herdado, vendeu-as, com a desculpa, de mandrião, que eram má terra, longe de casa, difícil de amanhar, e que não produziam coisa que valesse a pena, afirmando que melhor renderia o seu valor num negócio que desejava realizar.

A mulher, coitada, porque lhe tinha amizade, e via aquelas fazendas abandonadas, não quis contrariar a ideia dos negócios em que ele se dispunha a trabalhar muito. Mas, porque nenhum negócio lhe pareceu merecer a sua actividade, sempre vaidosamente afirmada, lá se foi indo, aos poucos, o dinheiro das vendas em gastos necessários e em comidas e bebidas com os camaradas, que na taberna da aldeia faziam coro às suas discursatas de vaidoso mandrião que de tudo cuida, menos de trabalhar e cumprir as suas obrigações.

Chegou a vez de um novo plano:

venderem a casa em que viviam e o hortejo que a rodeava, para, com o produto, ainda que não fosse muito, ele empreender um negócio rendoso, que lhe deixaria, dentro em breve, comprar um bom prédio. Mas desta vez a mulher, que já via a miséria a rondar-lhe a porta, não consentiu na venda. E foi dizendo ao marido, com a esperança de ainda o chamar à razão:

— Homem de Deus, o que importa é trabalhar com vontade e alegria, e poupar alguma coisa, podendo ser. Isto é da tua herança, e, se fosse apenas para mim, não sentiria coragem de te contrariar. Mas temos quatro filhos, e nem a eles nem a ti quero ver mendigos. Aqui não pagamos renda, e o hortejo, com algum trabalho, sempre dará o que baste para uma vida modesta.

Vou pedir uma ajuda aos meus Pais, para melhorarmos o passadio. Vê tu se amanhas bem a terra, que eu cuidarei do

resto. —

O homem ficou indignado. Amanhar um hortejo, ele que tinha a cabeça cheia de grandes planos! Ele, Joaquim Correia, a quem os amigos e os camaradas honravam com a alcunha de *O Ideias*! E muito enchicharrado respondeu à boa mulher:

— Senhora Maria das Dores Pereira Correia, vocemecê não casou com um hortelão! Falta-me o dinheiro para um bom negócio? Paciência... Vou arranjar um emprego na vila. E depois me dirá se quer continuar a viver nesta casa de pobres!

— Está bem, Joaquim (tornou a mulher, ainda com alguma esperança de o ver trabalhar, achando coisa a seu gosto). Trata de arranjar um emprego. Eu irei amanhando o que puder no hortejo. E depois falaremos. O que eu quero é ver-te ganhar alguma coisa. Que, sendo honesto e bem cumprido, todo o trabalho é honra. —

Passaram semanas, passaram meses, e

o homenzinho sem se empregar. As habilitações eram poucas e a vaidade muita. Os serviços de que poderia desempenhar-se, achava-os indignos da sua importante pessoa.

Ia à vila, parolava com um e com outro, e botava fala no botequim onde se juntavam os que pouco trabalham. Voltava para a aldeia, e na taberna continuava as discursatas, com novas *ideias*, entre a admiração e os aplausos de companheiros de igual jaez.

Enquanto não acabou de gastar o que lhe foram pagando pelas fazendas vendidas, tudo para ele foi bem. Arranjara o emprego próprio dos vaidosos mandriões, que é falar por falar, e não dizer nem fazer nada.

Depois que se viu sem um tostão, para os seus gastos pessoais, é que entrou de entristecer. Por fim resolveu-se a pedir à mulher que lhe fosse dando algum dinheiro,

dizendo que por pouco tempo seria, pois estava certo de arranjar um bom emprego, já prometido.

A mulher, que só a poder de muita poupança e maior trabalho e com a ajuda que lhe vinha dos Pais, conseguia dar de comer a seis bocas, e trazer os filhos bem enroupados e limpos, olhou para ele descoroçoada, e com a verdade lhe respondeu:

— Onde tenho eu qualquer dinheiro para te dar, homem de Deus?! Se não temos passado fome, agradece-o ao meu trabalho no hortejo, que sempre vai dando umas berças, e ao que nos têm ajudado os meus Pais.

E quem sabe se te darão o emprego que esperas?...

Por mais que eu queira, não posso agora. E não devo lançar os nossos filhos na miséria, vendendo esta casa ou gastando à conta do que eles terão de herdar,

um dia, que longe venha, por morte dos meus Pais. Já foi desgraça perdermos o que era a melhor parte da herança dos teus.

— Mas o emprego é certo, e de bom ordenado, e poderás, então juntar mais do que gastaríamos agora.

— Será, ou não será, Deus o sabe. Olha, marido, não penses mais em empregos. Tens aqui mesmo onde trabalhar. O meu Pai disse-me que a terra desta horta é muito boa para um meloal. Eu é que a não posso amanhar sòzinha, e dinheiro, para trabalhadores de fora, não o temos. Tu cavas a terra e eu semeio. Se formos felizes, podemos arranjar bastante dinheiro. —

O Ideias nem se lembrou que teria o trabalho de cavar. Ouvira falar no bom rendimento dos negócios de melões, e viu-se logo dono de uma verdadeira mina. E declarou todo contente:

— Lembras bem, mulher. Vamos já

tratar deste negócio. Podemos juntar muito bom dinheiro, porque a fruta há-de ser grada e abundante, e eu não venderei por menos de dez tostões cada melão.

— Ó homem, não digas tal coisa, (*) Quem te havia de dar dez tostões por um melão, nos tempos que vão correndo?! Só quem estivesse doido.

O meu pai conhece um comprador de fruta, para a cidade, que paga a pronto e por um preço razoável. Mas não penses em coisa que se pareça com o que disseste.

— Já tu estás a fazer mau preço à fruta!

É isto: não se deve ter ideias e contar com o auxílio de mulheres! Sabem poupar, talvez, mas estragam os bons negócios.

— Pois sim, meu homem, terás razão. Mas fica certo que, por esse preço que dizes, ninguém te comprará a fruta.

— Que estás tu a dizer?! Ninguém me

(*) A vírgula deverá ser substituída por ponto final.

comprará a fruta se não for por um preço arrastado e que nem paga o trabalho?! Talvez seja assim, porque todos querem explorar o trabalhador. Eu que me esfalfe, e eles que juntem fortuna com os negócios!

Pois não farei o meloal. À custa do meu suor não há-de ninguém comer, quase de graça, bons melões! —

Saiu enfurecido, e foi para a taberna falar contra o comércio, que desgraçava a gente da aldeia, fazendo mau preço à fruta, e contra os ricos, que bebiam o suor dos trabalhadores, transformado em melões.

A pobre da Maria das Dores ficara varada com as palavras do marido. Compreendera, enfim, que tudo para ele, até sem o saber, eram pretextos para não trabalhar. Muito aflita foi ter com o pai, e chorando lhe contou o que se passara, e a desesperança de ver o marido entregar-se a qualquer trabalho.

— Eu já sabia o que a preguiça e a

vaidade fizeram do teu homem (disse-lhe o pai, com tristeza). E já calculava o que seria para ele o negócio dos melões. Mas não te apoquentes, minha filha, que tudo tem remédio, enquanto não perdemos a cabeça e queremos e podemos trabalhar.

Se tu juras que não dás dinheiro em mão ao Joaquim, faremos nós dois o meloal. Eu pago aos cavadores e a um hortelão que dele trate. E o que renderem os melões será para vós sòmente. Mas não o dirás a ninguém, e eu guardarei o dinheiro, como se tivesse parte maior no negócio, pois, de contrário, o teu marido, com mais choro ou menos choro, tudo levará, para comer e beber com os amigos, e botar figura. Juras o que eu te peço?

— Juro pela minha salvação e a vida e futuro dos meus filhos. Eu sei que tem razão, e só quer o nosso bem.

— Vai, pois, descansada, que não te há-de faltar a minha ajuda, com a graça de

Deus. —

Voltou a Maria das Dores com mais confiança na vida, apesar de toda a tristeza que lhe dava saber o marido sem senso nem coragem para trabalhar.

À noitinha entrou ele em casa muito satisfeito. Sentou-se à mesa, para cear, e foi logo dizendo com grandes gestos de alegria:

— Foi a minha sorte, negar-me a ser explorado no negócio dos melões! Nem tu imaginas o figurão que eu fiz a prègar contra os que exploram os pobres, fazendo mau preço à fruta. Estava de passagem na taberna um senhor Mendes, que me animou a ir com ele à cidade, para dizer ali, com o meu exemplo, o que é a miséria dos trabalhadores na aldeia, por culpa do comércio.

E é que vou, amanhã mesmo. E verás que na cidade é que eu arranjo bom emprego e um trabalho que seja digno de mim! —

A mulher ouviu todo este aranzel com as lágrimas nos olhos, mas fez-se desentendida, e apenas disse:

— Temos que falar no hortejo e no meloal, Joaquim. O meu pai entra connosco no negócio, no caso de tu consentires. Nós damos a terra e ele faz todas as despesas, e será o vendedor. Um terço do preço da fruta será para nós. E, por conta disto, nos irá dando alguma coisa para o passadio. Estás de acordo?

— O que tu quizeres, mulher. Terra e trabalho para sermos explorados pela gente endinheirada, não me interessa. Aqui te ficam a casa e o hortejo. Eu vou para a cidade arranjar um bom emprego, e dizer algumas verdades amargas. Em breve terão de me agradecer.

— Se já decidiste assim, como posso eu convencer-te do contrário (disse a mulher, amargurada, mas com firmeza)?!

— Já decidi. Verás que é o nosso bom

futuro. Mas eu preciso de algum dinheiro para a viagem e para os primeiros tempos na cidade. Tu não mo podes emprestar, para estas despesas?

— Todo o dinheiro que tenho é apenas o que basta para pagarmos o pão e a mercearia deste mês.

— Chegava para a viagem (tornou o homem, sem olhar a nada mais que não fosse as ideias ou loucuras da sua vaidade). Mas olha cá, Maria das Dores. Tu tens bom coração, e não me negas o que eu agora te peço. Podias emprestar-me o teu cordãozinho de ouro, para eu o vender na cidade, e me amparar até receber o ordenado no emprego que vão dar-me. Eu depois te comprarei outro melhor. —

A pobre mulher nem acabou de o ouvir. Saiu logo, para não chorar diante dele, foi buscar o cordão e o dinheiro que tinha para os gastos da casa, entregou tudo ao marido, e apenas lhe disse:

— Aqui tens. Seja para teu bem e para desconto dos meus pecados. Esse cordão deste-mo tu, quando casámos. Leva-o e vende-o, pois com isso não te importas. Só te peço que voltes depressa para a tua casa, quando nada tiveres para comer.

— Obrigado, mulher. Tu sempre tiveste bom coração. O que te perde é quereres viver agarrada à terra e a um trabalho de escravos! —

E, sem mais pensar no desgosto da mulher nem nas obrigações de trabalho, foi arranjar a maleta para a viagem.

No dia seguinte despediu-se da mulher e dos filhos e dos sogros, e também dos amigos e camaradas, e lá partiu com o sr. Mendes, para ir dizer na cidade como exploravam os aldeões, fazendo mau preço à fruta.

No mesmo dia vieram trabalhadores cavar a terra para o meloal, por conta do pai da Maria das Dores, o lavrador Manuel

Pereira. E enquanto ele os dirigia, esteve a mãe consolando a rapariga, que chorava as loucuras do marido.

— Tem coragem, Maria das Dores, que não te havemos de faltar. Olha, aqui tens a mesada para sustento da casa, que teu Pai quis que te entregasse hoje mesmo, pois está certo que ficaste sem nada.

Tem coragem, por amor dos teus filhos.

— Por eles e por meus Pais terei coragem. Por mim estou viúva. Que já sei o que a vaidade pode com o meu marido. Tomou conta dele e, junto com a preguiça, o matará, se não for pior ainda a sua sorte. O que eu quero é educar os filhos, para serem homens de trabalho.

— Tens razão, rapariga (disse o Manuel Pereira, que nesse momento entrou, e disfarçava as lágrimas com um sorriso). Logo que tenham idade, manda-os à escola. Mas não os afastes da terra. Fica-te com Deus e com eles. E amanhã cá me tens,

porque resolvi amanhar toda a horta, se tu estás de acordo. Não o fiz antes, porque tudo seria ajudar o mau feitio do teu marido. —

Assim recomeçou uma vida honesta de trabalho no pequeno casal do *Ideias*, enquanto ele ia mandriar e palrar para a cidade sobre a exploração dos pobres trabalhadores.

Fizeram-se as colheitas, vendeu-se a fruta por um preço razoável, e o Manuel Pereira entregou todo o lucro à filha, dizendo-lhe:

— Tu és mulher de juízo e sabes governar o que é teu e dos teus filhos. Se me aceitas um conselho, vai mandando concertar a casa, que bem precisada está. Quanto às despesas com o amanho da terra, ficam por minha conta, porque vão aumentar muito.

— Vão aumentar (perguntou ela com receio)?! E o Pai não vê maneira de as

diminuir?! E quer mais encargos?

— Sim, vão aumentar, porque a tua Mãe e eu comprámos toda a terra que rodeia esta casa e a horta, e vai até lá abaixo ao ribeiro.

— Os Pais compraram toda esta porção de terra?!

— Comprámos, em nome dos teus filhos e nossos netos. É deles agora. E tenho de a trabalhar, enquanto não forem homens, se Deus mo permitir.

A prejudicada és tu, na tua herança. Mas o nosso casal sempre chegará para teu governo.

Que estás tu a chorar, rapariga? Não nos dás o teu consentimento?

— Estou a chorar de alegria. Vocemecê e a minha Mãe são dois santos.

— Não está mau santo, que apenas sabe tratar da terra! Lá a tua Mãe não digo que não. Nós fomos juntando boas moedas de ouro, que estavam mesmo a pedir que as

arejassem. E já agora sempre te direi tudo. Comprámos também, para os rapazes, o que vocês venderam, e eram as terras da herança do teu marido.

— Ai, meu Pai, que nem sei como lhe agradeça (disse a Maria das Dores, beijando-lhe as mãos).

— Agradece à tua Mãe, que ali vem. E, olha, como tu festejando a felicidade com lágrimas. Ou não fossem mulheres (disse o bom homem, a fazer-se forte)! —

A mãe e a filha abraçaram-se a chorar de alegria. Mas o Manuel Pereira atalhou:

— Bom, mulheres, basta de choro, que eu também já não estou a ver claro. Temos de trabalhar muito, assim Deus nos dê vida e saúde. Eu também tenho ideias, como o teu marido, mas são bastante diferentes.

A razão diz-me que, permitindo o Senhor, ninguém deve deixar aos filhos menos do que recebeu dos Pais. E a minha ideia é fabricar quatro fazendas iguais à

nossa, que tua é, para os meus netos. E acostumá-los a trabalhar, para que não desperdicem o que receberem, e façam o mesmo que nós. Deus nos ampare que é labuta para muito ano, e não podemos contar com o teu homem, a quem tu ainda terás que alimentar e vestir. —

*

* *

Passaram os anos e, com a graça de Deus e o trabalho e bom governo, tudo se foi realizando, a pouco e pouco, ora suportando e vencendo prejuízos, ora aproveitando e aplicando lucros.

A princípio ainda vieram cartas do Ideias, para a mulher, dizendo, primeiro, a sua grande alegria com a figura que estava fazendo na cidade, e a sua certeza de um belo emprego. Depois, com queixas das mesmas injustiças que vira na aldeia, e o

tinham obrigado a abandoná-la. Que também ali os ricos exploravam os pobres, e lhes negavam o pagamento justo do suor do trabalho, dizia ele, e que por isto emigrava para outro país, onde havia igualdade, e sabiam aproveitar quem abria os olhos ao povo.

As últimas notícias vieram de França, dizendo que estava bem, mas não podia tão cedo voltar, para que vissem na sua terra o que vale um homem com *ideias*.

Passaram mais anos. Os rapazes fizeram-se homens, escolheram noivas, e, habituados ao trabalho, foram levantando moradias, para irem para lá viver, quando casassem.

Na aldeia já ninguém acreditava na volta do homem a quem passaram a dar a alcunha de *O Vagabundo*.

Só Maria das Dores rezava todos os dias para que ele voltasse, pois não queria sequer pensar que tivesse morrido ou viesse

a morrer de miséria e ao abandono, muito embora por sua culpa.

Um domingo, depois da missa, estavam todos juntos na fazenda a festejarem o pedido em casamento da filha de outro lavrador para o morgado.

Rapazes e raparigas enfeitavam o terreiro, para o baile da noite, quando viram um homem alquebrado e com ar de miséria e cansaço, atravessar a horta, parando a miúdo, e olhando, espantado e receoso, para a transformação daquela casa e da terra que a rodeava. Veio assim, devagar, até ao cancelo, como quem quisesse entrar e pedir alguma coisa. Mas logo, encolhendo os ombros, descoroçoado, e virando as costas ao casal, se dispôs a partir sem falar a ninguém.

O espanto era geral, pois nunca tinham visto coisa assim, com peregrinos ou pobres pedintes. Mas ao filho mais velho da Maria das Dores, o homem da casa, não lhe

pareceu bem deixar partir aquele desgraçado sem uma palavra, e chamou-o.

— Homem de Deus, entre e diga se deseja alguma coisa, que, se pudermos, não lhe será negada. Entre e descanse primeiro. E depois dirá. —

E foi amparando o forasteiro até o sentar num dos bancos que ladeavam a porta da casa.

O homem ficou, por um momento, calado, sem sequer agradecer o acolhimento, mas logo depois, vencendo o temor, perguntou:

— Este casal não é aquele em que viveu a sr.ª Maria das Dores Pereira Correia?

— Onde viveu e vive, graças a Deus (atalhou o rapaz).

— Ah, vive!... Tem razão, senhor, graças a Deus. Mas... E é dela ainda este casal? Só dela? Só da Maria das Dores? —

O homenzinho fora elevando a voz, enquanto as lágrimas lhe corriam pelas

faces.

Respondendo àquela voz de imploração, ouviu-se um grito:

— O meu homem voltou! —

E da casa veio correndo a Maria das Dores, e abraçou o forasteiro, com alegria e tristeza, dizendo:

— Graças a Deus e a Nossa Senhora, a quem tanto rezei, que tornaste para nós, Joaquim. Mas em que estado tu vens, meu homem! Deves ter sofrido muita desgraça, por terra alheia e sòzinho!...

— Muita. Mas tudo isso já passou. Tinha medo, muito medo, eu, de um castigo maior. E tudo isto é teu?!

— É nosso e dos nossos filhos. —

E para estes disse:

— Venham beijar a mão do vosso Pai, que andou lá por longe a trabalhar... e foi infeliz. —

O Joaquim Correia chorava, quando os filhos vieram pedir-lhe a bênção. E,

abraçando-os, soluçava:

— Este é para mim o maior castigo. —

E depois, numa teimosia do seu espanto:

— Mas quem fez este milagre de conservar e alargar o casal?

— Olha, Joaquim, agradece a meus Pais que aí vêm também, para te abraçar. —

O pobre homem levantou-se, aflito e envergonhado, quando viu os sogros abrirem-lhe os braços. E quiz à força beijar-lhes as mãos, pedindo perdão. Mas o velho Manuel Pereira olhou-o com bondade e sossego, e disse:

— Não temos todos que agradecer senão a Deus, Nosso Senhor. Estamos, por fim, reunidos; e agora é aceitares a alegria, como sofreste os males, por terras estranhas.

Foi dura a lição, Joaquim? Foi dura, de certeza. Mas Deus consentiu que eu vivesse até hoje, para vos amparar e ver

continuada a minha casa nos vossos quatro filhos. Cada um tem já a sua fazenda. As terras que foram dos teus Pais são hoje deles. E vais assistir a quatro casamentos de lavradores. E esta casa e horta guardou-a e melhorou-a a tua mulher para quando voltasses.

O teu castigo foi teres perdido o melhor tempo da tua vida, coitado. Mas tens uma casa, e terra que baste para vós dois. Se a não puderes já trabalhar, o teu filho Manuel, o morgado, o fará, pois esta casa, que foi a de teus Pais, um dia será dele.

— Mas como foi possível, como foi possível tudo isto?! —

O pobre homem, amargurado com os erros de toda a sua vida, repetia sempre a mesma pergunta.

Com um sorriso, que foi o último castigo do desgraçado, e o seu perdão final, respondeu o velho Manuel Pereira:

— Tudo isto se fez trabalhando sempre,

poupando quanto possível, e sem nunca desanimarmos nem mudarmos de ideias porque nos fazem mau preço à fruta.

ÍNDICE